

RENOVAÇÃO DO NÚCLEO URBANO DO ANTIGO AEROPORTO DE FORTALEZA

Praça do Vaqueiro e Cuca Opaia

BRUNO MAPURUNGA BESSA

Trabalho de Conclusão de
Curso (graduação). Centro de
Tecnologia, Curso de
Arquitetura e Urbanismo.



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

Fortaleza, CE
fevereiro de 2022

BRUNO MAPURUNGA BESSA

RENOVAÇÃO DO NÚCLEO URBANO DO ANTIGO AEROPORTO
DE FORTALEZA: PRAÇA DO VAQUEIRO E CUCA OPAIA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro de Tecnologias da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de arquiteto.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Solange Maria de Oliveira Schramm.

FORTALEZA
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B465r Bessa, Bruno Mapurunga.

Renovação do núcleo urbano do antigo Aeroporto de Fortaleza : Praça do Vaqueiro e
Cuca Opaia / Bruno Mapurunga Bessa. – 2022.
144 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro
de Tecnologia, Curso de Arquitetura e Urbanismo, Fortaleza, 2022.

Orientação: Profa. Dra. Solange Maria de Oliveira Schramm.

1. Espaço público. 2. Arquitetura pública. 3. Intervenção arquitetônica. 4. Renovação
urbana. 5. Rede Cuca. I. Título.

CDD 720

BRUNO MAPURUNGA BESSA

RENOVAÇÃO DO NÚCLEO URBANO DO ANTIGO AEROPORTO
DE FORTALEZA: PRAÇA DO VAQUEIRO E CUCA OPAIA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro de Tecnologias da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de arquiteto.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Solange Maria de Oliveira Schramm.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Solange Maria de Oliveira Schramm (Orientadora)

Prof. Dr. Renan Cid Varela Leite

Prof. Me. Paulo Hermano Mota Barroso

RESUMO

O presente trabalho parte da identificação de um cenário de degradação dos espaços públicos do antigo aeroporto Pinto Martins, particularmente no Polo de Lazer da Lagoa do Opaia e na Praça do Vaqueiro (nome popular da Praça Brigadeiro Eduardo Gomes), território que inclui os bairros Aeroporto e Vila União da cidade de Fortaleza. Com visitas a campo, acompanhadas de um estudo da história e formação desse núcleo urbano, entende-se que o Aeroporto foi o principal indutor na construção deste território, e que a transformação desse equipamento em Aeroporto Internacional levou à desestabilização das relações espaciais que haviam se formado. Na ausência de ações transformativas ou de manutenção da qualidade urbana desses espaços públicos, essa mudança deu início ao abandono e degradação constatadas. Estudando os equipamentos urbanos existentes nos bairros envolvidos, entende-se que um novo equipamento de grande porte, de uso público e atrativo para a população poderia ser uma alternativa para recuperação desse território. Dessa forma, o presente trabalho desenvolve também um projeto de intervenção, o qual incide sobre o espaço público livre com uma proposta de reforma da Praça do Vaqueiro, e sobre o espaço público edificado com a proposição de um Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte, o Cuca Opaia.

Palavras-chave: Espaço público, Arquitetura pública, Intervenção arquitetônica, Renovação urbana, Rede Cuca.

ABSTRACT

The thesis stems from the identification of a scenario of degradation of public spaces around the old Pinto Martins airport, particularly in Polo de Lazer da Lagoa do Opaia (park surrounding the Opaia lake) and Praça do Vaqueiro (city square), territory that includes the *bairros* Aeroporto and Vila União in the city of Fortaleza, Ceará, Brazil. By visiting the location and studying the history and formation of this urban nucleus, it is understood that the Airport was the dominant element in the construction of this territory, and that the transformation of this equipment into an international airport brought forward the destabilization of the spatial relations that had been formed. In the absence of transformative actions or preserving the urban quality of these public spaces, that change gave way to the neglect and degradation that are now perceived. Studying the existing urban equipments in the studied *bairros*, it is understood that a new large-scale equipment of public access and appealing for the population could be an alternative for the recuperation of this territory. Therefore, the thesis develops an intervention project, which involves the open public space with a proposition of renovation for the Praça do Vaqueiro, and involves the built public space with the proposition of an Urban Center of Culture, Art, Science and Sport, the Cuca Opaia.

Keywords: Public space, Public architecture, Architectural intervention, Urban renovation, Rede Cuca.

AGRADECIMENTOS

À família, claro, em especial à minha mãe Wilma, a quem dedico este trabalho. Não caberiam palavras neste texto para agradecê-la;

À professora Solange, orientadora que me inspirou durante a graduação e que me direcionou os caminhos para produzir este trabalho de conclusão, sempre com palavras de apoio e assertiva em todas as ajudas;

A todos os meus amigos e colegas de faculdade, à Laís, à Gaby, ao Kelve, também a Carol, Hadriel, Cintya, Anderson, Letycia, Luane, Clara, Elayne, Carla, Júlia, João, Renan, Cícero, Filipe, Bah, Babi, Lígia, Bia, Brena, Renata, Inara e Stelme. Ao Cabañas, o Gabriel, a Virna, a Teresa, a Ariane, a Milena, e tanto a Vitória Queiroz quanto a Vitória Freitas; a Ana Roldan, a Sara, a Raquel e a Hosana, a Isadora, o Mateus, o Vinícius e todo mundo a mais que fez parte da minha vida no Canto e no Pet enquanto eu estive participando desses grupos, dentro e fora da faculdade. Grupos esses que contribuíram tanto na minha formação;

A todos os professores, funcionários e servidores. À Clarissa, cujos ensinamentos tive sempre como valiosos, à Beatriz Diógenes para quem fui monitor durante um ano, ao Renan e ao Bruno Braga, à Zilsa, à Aléxia e ao Daniel, ao Ricardo Bezerra e Ricardo Paiva, ao Davi Ramalho. A todos os outros professores, que também tenho meus sinceros agradecimentos. Ao “Seu” Lauro e o “Seu” Antônio, ao João Vitor do ateliê digital, à Mara da coordenação e à Eleni Frazão do Cetrede;

Também agradeço ao Rodrigo, ao Walter e à Andressa, ótimos profissionais e que muito já me ensinaram para desenvolvimento da profissão, e ao Eduardo e também à Luciana, por toda a ajuda e carinho;

Ao Rafael Reis, que fez a modelagem 3D do Monumento ao Vaqueiro utilizada no trabalho;

À Beatriz Chaves, arquiteta da Cagece, que me recebeu com imensa cordialidade e me permitiu fazer duas visitas à Sede sob a sua supervisão, onde pude perceber o compromisso dela e dos demais funcionários com seus trabalhos. Tenho muito a agradecer a ela pela disponibilidade e atenção para com as minhas perguntas e pedidos. Desejo a ela sucesso em toda a sua carreira. Reconheço a importância que a Cagece tem no bairro, e espero que a instituição continue desenvolvendo projetos de profissionalização, conscientização e educação ambiental, e também promoção da limpeza e saneamento. Sanear a comunidade da Lagoa do Opaia é um objetivo importante para a melhoria urbana e da qualidade de vida das pessoas do bairro.

SUMÁRIO

Prefácio	10
Introdução	11
Objetivos	15
Metodologia e processo	16
Reflexões teóricas	20
Capítulo 1: Formação do núcleo urbano do Aeroporto antigo	34
Capítulo 2: Deterioração do núcleo urbano do Aeroporto antigo	44
Capítulo 3: Intervir no território: busca por um novo equipamento urbano	64
Capítulo 4: a Rede Cuca e o Cuca Opaia: uma possibilidade de revitalização	74
Capítulo 5: Estudos referenciais: os Cucas existentes	80
Capítulo 6: Projeto de intervenção	94
Considerações finais	121
Referências	122
Documentação: Preexistência	124
Documentação: Projeto de Intervenção	136

PREFÁCIO

É possível entender o Trabalho de Conclusão de Curso como um abre-alas para a vida profissional. Mas o TC é antes de tudo um ensaio projetual onde se coloca para avaliação, com um nível a mais de seriedade, tudo o que foi absorvido, aprendido e internalizado ao longo da formação.

Dessa forma, tentei buscar desde o início um trabalho que abordasse múltiplas questões que considero importantes — tanto da arquitetura quanto do urbanismo: projeto arquitetônico diretamente ligado à cidade, arquitetura pública, criação de espaços de qualidade, busca por abordar problemáticas reais, principalmente quando afetam pessoas vulnerabilizadas nas suas condições socioespaciais.

Apenas tentei fazer o meu melhor, partindo de uma situação-problema existente a qual tive sempre curiosidade e alguma proximidade: a perceptível noção de abandono da Praça do Vaqueiro, no bairro onde moro. O trabalho também surgiu em meio à pandemia de coronavírus, nas ânsias de voltar a ter espaços de convivência, do viver coletivo.

INTRODUÇÃO

Partindo do objetivo de produzir um trabalho de graduação cuja ideia-força seria a inter-relação com a cidade, procurei, na definição da temática de estudo, encontrar uma situação-problema que afetasse o espaço público. Uma problemática que me permitiria desenhar um projeto de intervenção arquitetônica, mas que extravasasse os limites do próprio projeto e que permitisse entrever as relações que permeiam o espaço público e as problemáticas urbanas. Ou seja, tentar fazer um projeto que atende a uma problemática real e existente, e fazer um projeto que não se encerra nos limites do lote ou na resolução de um programa de necessidades.

A escolha da situação-problema foi feita a partir de um conhecimento prévio sobre a área de estudo, neste caso, os bairros Vila União e Aeroporto — geograficamente centrais na cidade de Fortaleza, Ceará, Brasil (figura 1). Desde o começo dos estudos na faculdade, tinha curiosidade em estudar e entender melhor o território em que moro e, ao falar com pessoas sobre o bairro, um dos relatos mais comuns era o de ressaltar que a Praça do Vaqueiro — denominação popular dada à Praça Brigadeiro Eduardo Gomes — já foi um importante ponto de encontro na cidade, mas que atualmente encontra-se abandonada.

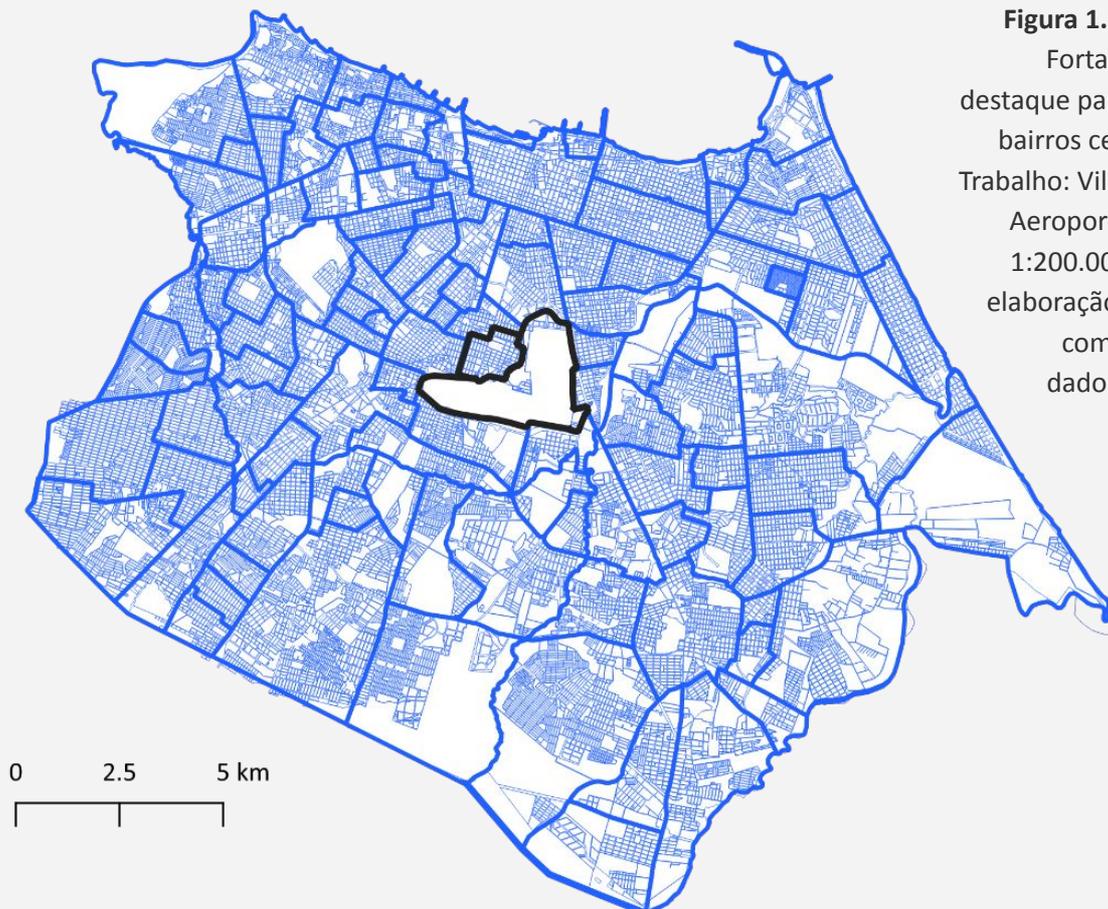


Figura 1. Mapa de Fortaleza, com destaque para os dois bairros centrais no Trabalho: Vila União e Aeroporto. Escala 1:200.000. Fonte: elaboração própria, com base em dados da PMF.

Muitos citavam com saudades a convivência nesse espaço e memórias positivas da infância e da juventude. O abandono da Praça do Vaqueiro, diante das intenções para o Trabalho de Conclusão, parecia muito se encaixar como situação-problema. Mas a praça, conforme revelaram as pesquisas, mais nitidamente se mostrava como parte de um núcleo urbano na sua totalidade (figura 2), marcado por uma forte vitalidade urbana em décadas passadas, mas que atualmente vêm se deteriorando e aparecendo apenas nos pedidos da população por reforma e mais cuidados. A partir do reconhecimento dessa deterioração, fui me aprofundando na ideia de um estudo da história e diagnóstico local, e de um projeto de revitalização que culmina com as propostas aqui apresentadas.

O presente trabalho descreve então o processo histórico de formação da área, as relações socioespaciais estabelecidas principalmente com a construção do Aeroporto Pinto Martins e o declínio desse território, identificando a transformação do antigo Aeroporto em Aeroporto Internacional como fator determinante neste processo de decadência. A esse estudo soma-se um diagnóstico da situação presente, levantando questões percebidas e delimitando as principais críticas que aparecem em notícias, nas redes sociais e nos pleitos do grupo União Vila União, grupo de mobilização social atuante no bairro.

Com essa análise, parte-se para o desenho de uma proposta de intervenção em duas frentes indissociáveis: a reforma da Praça do Vaqueiro, e a proposição de um Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte — Cuca Opaia, seguindo as hipóteses construídas ao longo das pesquisas: não apenas é preciso recuperar os espaços físicos deteriorados, como induzir novas formas de ocupação e interconectá-los. Contudo, é importante destacar: não se pretende criar uma narrativa de recuperação histórica exatamente, em tentar recuperar o que existia. O que se procura são possibilidades de revitalização da área. Melhorar a qualidade de espaços que têm pouco uso devido a suas atuais precariedades, e através disso dispor possibilidades de melhoria da vida pública do entorno.

Ao mesmo tempo em que se busca abordar as problemáticas e desenhar um projeto de intervenção cabível, entende-se que existem questões mais urgentes do que a proposição de melhores espaços de lazer no território estudado. São exemplos o processo de discussão local do plano diretor que foi interrompido com a pandemia e que já tinha se mostrado de pouca adesão; as ameaças de remoção ao longo dos anos para os moradores da Comunidade da Lagoa do Opaia; a necessidade de

saneamento e mais acesso aos serviços públicos. Ainda assim, o projeto desenhado tenta ser sensível a essas questões. O lazer e a realização humana nos espaços coletivos são essenciais e complementares à garantia de direitos básicos de moradia, saúde, dignidade e direito à cidade. O Cuca abre possibilidades, especialmente para populações que têm menos acesso a espaços de lazer, ao esporte e às artes. Não se deve contentar com o “básico”, com uma “sobrevivência”, mas imaginar cenários mais ideais, talvez mais utópicos.

Finalmente, diante de um contexto atual onde as praias são vistas quase como as únicas opções de espaços públicos livres frequentados para o lazer, e da deterioração e pouca conectividade das praças e parques da cidade, vislumbra-se um futuro possível de melhoria do sistema de lagoas da cidade, tanto na dimensão urbana quanto na dimensão ambiental.



0 250 500 m

Figura 2. Contextualização da área de estudo. Escala 1:7.500.
Fonte: elaboração própria, com base em imagens de satélite.

- | | | | | | |
|---|------------------------|---|--|---|--------------------------|
| 1 | Praça Vila União | 4 | Sede da Cagece | 7 | Parque da Lagoa do Opaia |
| 2 | Estação VLT Vila União | 5 | TAG - Terminal de Aviação Geral | | |
| 3 | Terreno vazio | 6 | Praça Brigadeiro Eduardo Gomes / Praça do Vaqueiro | | |



0 250 500 750 m



Figura 3. Desigualdade da distribuição de espaços verdes entre bairros próximos. O site *Image Color Summarizer* permite identificar que cerca de 57% do recorte é de áreas residenciais e 20% é composto de áreas verdes. Escala 1:25.000. Fonte: elaboração própria, com base em dados da PMF.

OBJETIVOS

O objetivo central deste trabalho é uma proposta de renovação do núcleo urbano do antigo aeroporto de Fortaleza, mediante projeto de requalificação da Praça do Vaqueiro e do projeto arquitetônico do CUCA Opaia. Objetivos específicos guiaram o desenvolvimento dessa proposta e buscou-se cumprir com cada um deles:

- Estudar uma área cuja problemática é entendida como real e pertinente, e trazer foco para as discussões acerca das perdas dos espaços coletivos, bem como a importância de pensar os espaços livres da cidade de forma interconectada;
- Ter no projeto de intervenção coerência às problemáticas estudadas e aos desejos de renovação do território e entorno;
- Destacar a relevância da rede Cuca enquanto programa municipal e a importância desta na integração, qualificação e empoderamento dos jovens fortalezenses, especialmente quando vindos de situação de vulnerabilidade socioeconômica ou espacial;
- Contribuir para o conhecimento do surgimento e transformações do bairro, e mais especificamente sobre o território em estudo, servindo tanto de referência para mais estudos bem como, se possível, de subsídio para reivindicação de mudanças por parte da população.

METODOLOGIA E PROCESSO

O trabalho consistiu em um processo razoavelmente sequencial. Na medida em que o projeto surge da seleção de uma situação-problema, o primeiro passo foi delimitar o escopo dessa problemática. A pergunta de partida foi definida então como: **Por que há uma percepção de que a Praça do Vaqueiro e seu entorno sofrem com abandono? Como se deu esse processo?** Para confirmar esta hipótese, foram adotadas duas ações iniciais:

- Reunir o máximo de notícias sobre o território em questão, e procurar nessas notícias a percepção pública sobre o espaço;
- Formar conclusões próprias analisando o espaço através de visitas em diferentes horários e dias da semana.

Ambos os métodos confirmaram a hipótese inicial. Percebeu-se que não somente a problemática afeta a Praça do Vaqueiro, como se reflete também na Lagoa do Opaia, parque que, em suas condições físicas, apresenta-se muito deteriorado. Partiu-se então para o início de um estudo aprofundado, que consistiu em:

- Identificação e leitura de trabalhos acadêmicos que coincidem de tratar sobre a área em questão (sejam sobre o Aeroporto, a Lagoa do Opaia ou o bairro Vila União). A leitura destes, por sua extensão, aconteceu de forma continuada durante a produção de quase todo o trabalho;
- Busca em páginas diversas da internet por comentários, publicações, vídeos, relatos e mobilizações populares no território para construir melhor um entendimento das percepções públicas acerca do território;
- Análise do contexto urbano através de dados censitários, socioeconômicos e urbanísticos trabalhados em *shapefiles* existentes produzidos pela administração pública do município, ou produzidos por conta própria através das informações mapeadas constantes nas plataformas *Google Maps* e *Google Earth*.

Decidida a intervenção sobre a praça, houve a imediata necessidade de fazer os devidos registros sobre esse espaço de forma mais rigorosa possível:

- Ir a campo diversas vezes, fazendo medição criteriosa da praça, na intenção de ter um projeto embasado e correspondente à realidade, não apenas uma aproximação feita com vista grossa através das imagens de satélite;
- Nessas visitas, foi possível também sondar informações com pessoas que a frequentam: as donas das bancas de venda de comida, o dono do carrinho de tapioca, instrutores de autoescola que usam o estacionamento da praça para praticar balizamento com os alunos, pessoas fazendo caminhada. Como sempre estava medindo a praça, isso gerava alguma curiosidade nas pessoas (geralmente me perguntando se era da Prefeitura), o que gerava oportunidade para esclarecer as intenções de trabalho e perguntar sobre a condição da praça, as percepções dessas pessoas, se havia necessidade de melhoria e quais as expectativas, em espécie de quase-entrevistas.

Esses diálogos apontaram novas questões e ilustraram pontos de vista, memórias e desejos em relação à praça e o entorno. Ao visitar a praça diversas vezes, foi possível também ir construindo percepções próprias e internalizando algumas dinâmicas do espaço. A análise do entorno foi também muito importante, sempre percorrendo as ruas que interconectam a praça ao resto do bairro (na verdade, tudo compõe o tecido urbano) e buscando aprofundar o conhecimento das características urbanas. A Cagece, situada exatamente defronte a praça pelo lado do Monumento ao Vaqueiro, apesar de não ser aberta ao público, saltou aos olhos por algumas características arquitetônicas visíveis mesmo de fora, principalmente a disposição do edifício em blocos distintos com amplos espaços entre eles, bastante arborizados. O acesso à esse edifício foi depois viabilizado, sendo possível:

- Visitar a Sede e bloco anexo da Cagece, construindo um entendimento das suas características arquitetônicas, ajudando a compor um estudo mais completo da relação da Praça do Vaqueiro com seus entornos.

Nessa altura do desenvolvimento da pesquisa, as leituras e análise deixavam cada vez mais claro que o declínio do cenário urbano em relação ao seu passado foi decorrência principalmente da mudança do Aeroporto e transformação do pequeno terminal de passageiros, do Vila União, em Aeroporto Internacional, agora da Serrinha. A proposta de intervenção delineou-se, nessa medida, não apenas em um projeto de reforma da praça, mas também na proposição de um equipamento público que se abrisse à população na procura de atrair pessoas e ressignificar o espaço.

A Cagece parecia daí em diante como outro espaço adequado para transformação, imaginando uma intervenção sobre a Sede para criação de um novo equipamento público. Na leitura de estudos precedentes e lendo notícias, descobriu-se a existência da proposta que transcorreu entre 2014 e 2015 de que seria construído um Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte no entorno da Lagoa do Opaia — Cuca Opaia, mas que foi abandonada. Essa descoberta impulsionou e pareceu corroborar as ideias que vinham-se construindo de proposição de um equipamento de lazer, expressão cultural e artística, e encaixou-se muito precisamente no Trabalho.

- Com plantas-base da arquitetura da Sede da Cagece, construí modelagem de levantamento arquitetônico do edifício, que serviria de base para o projeto de intervenção.

A partir disso, as leituras foram continuadas, decisões de como intervir foram sendo lapidadas, as intervenções foram sempre pensadas como resposta às questões estudadas. Nesse intervalo, houve a apresentação da primeira etapa do trabalho de curso, para apresentação da pesquisa e uma setorização geral de projeto. Conforme o projeto foi sendo desenvolvido, várias questões pareciam não estar sendo resolvidas adequadamente na proposição da intervenção arquitetônica, e em dado momento, decidiu-se recomeçar a definição do projeto desde o início.

- Para guiar-se em uma nova proposta de desenho, foi confeccionada uma maquete física. Isso permitiu avaliar melhor as possibilidades de projeto, com destacada atenção para a arborização existente.

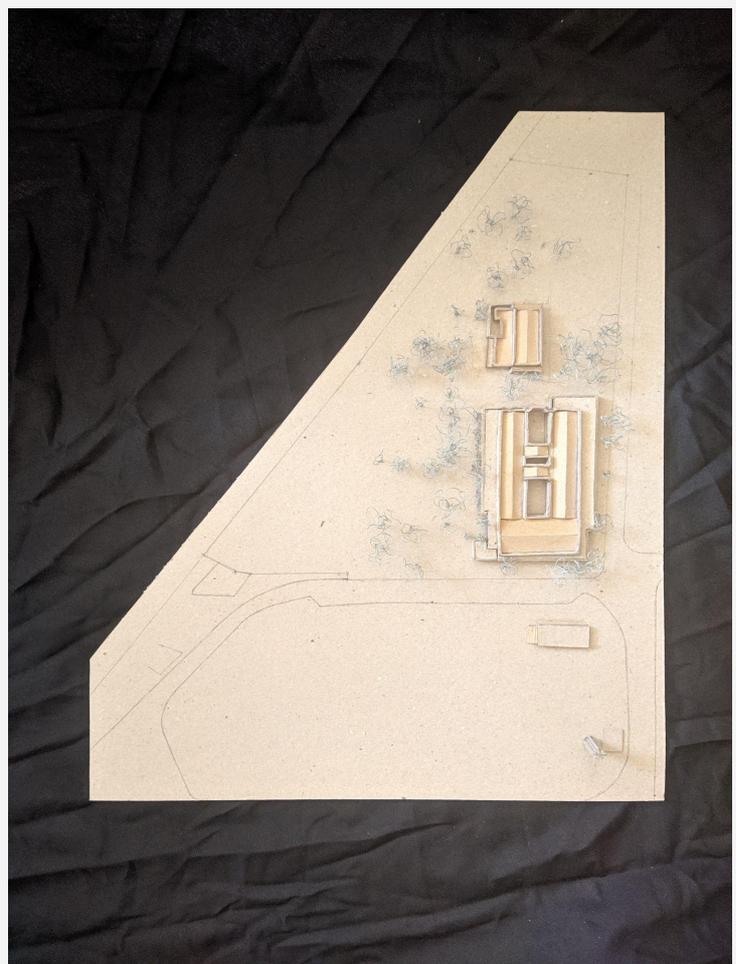


Figura 4.

Foto da Maquete confeccionada no processo de projeto. Fonte: elaboração própria. Foto do acervo do autor (de dezembro de 2021).

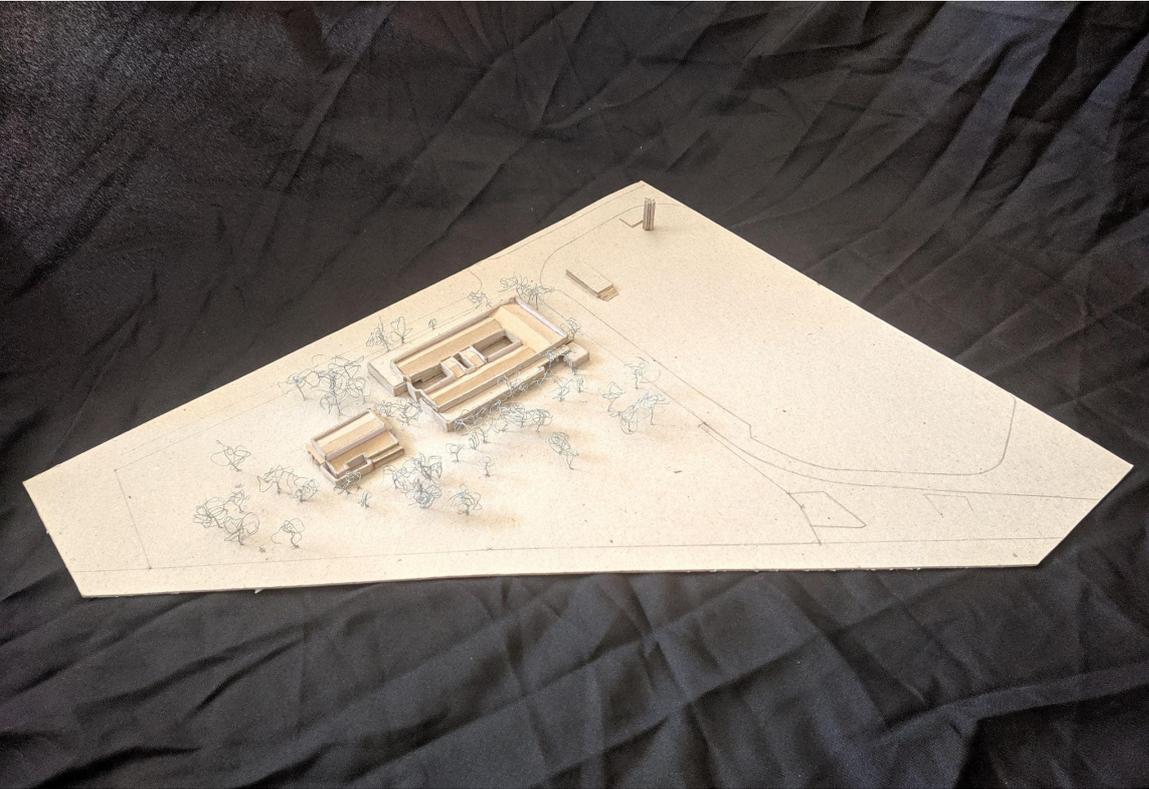


Figura 5.
Foto da Maquete confeccionada no processo de projeto. Fonte: elaboração própria. Foto do acervo do autor (de dezembro de 2021).

Depois de todos esses esforços, o trabalho se conclui e é aqui apresentado. Este documento se divide em 6 capítulos. O primeiro procura explicar o contexto de surgimento do Aeroporto Pinto Martins e caracterizar o núcleo urbano que se forma em seu entorno nos anos iniciais de funcionamento desse equipamento, até a iminência de mudança. O segundo capítulo explora as mudanças e eventual deterioração desse núcleo a partir da desativação do Terminal de passageiros e inauguração do novo Aeroporto Internacional, chegando à leitura e interpretação do cenário atual. O terceiro capítulo, por sua vez, parte da identificação de que um novo equipamento institucional poderia tornar-se um precursor de mudanças positivas nesse contexto. Com isso, o capítulo procura mapear os equipamentos públicos, edifícios de destaque e distribuição das áreas livres num recorte de estudo espacial um pouco além dos limites do núcleo urbano, salientando também projetos e propostas que não foram executadas. O quarto capítulo identifica que o Cuca Opaia, cuja proposta de execução foi abandonada, como uma projeto que seria adequado a uma proposta de renovação do núcleo do Aeroporto Antigo e por isso procura explicar a Rede Cuca e seu funcionamento. O quinto capítulo então toma três dos Cucas existentes na cidade como projetos de estudo, procurando formar não somente um programa de necessidades, como buscando identificar qualidades referenciais das arquiteturas. Finalmente, o sexto e último capítulo internaliza as questões levantadas ao longo do Trabalho e lança um projeto de intervenção como tentativa de resposta às problemáticas identificadas.



Reflexões teóricas

Projetar no contexto da arquitetura, do urbanismo e do paisagismo implica em desenhar uma possibilidade para o espaço. Esses projetos todos exigem responsabilidade, na medida em que colocam nas mãos de uma pessoa (ou idealmente, nas mãos de um grupo plural de pessoas) as definições para a construção ou organização de um espaço que é pano de fundo para a vivência humana.

Considerando que todo projeto é feito para produzir melhorias face às condições existentes, é necessário estudar o que contribui para a consecução desses objetivos, e atentando-se também para os possíveis impactos negativos que podem surgir das decisões tomadas. É um universo complexo. Porém, a arquitetura acompanha toda a existência humana, e um número infinito de análises, reflexões e discussões teóricas vêm se somando ao longo do tempo para auxiliar nestes dilemas.

Neste trabalho, decide-se concentrar esforços para discutir alguns aspectos. A intenção é atravessar alguns diferentes temas, buscando abranger o necessário para pautar o presente trabalho. São estes temas:

- ARQUITETURA E ESPAÇO PÚBLICO
- PRAÇAS
- O ESPAÇO DO LAZER
- RECUPERAÇÃO DO ESPAÇO
- COMO DEVE-SE PROJETAR O ESPAÇO PÚBLICO DE UMA PRAÇA?
- COMO DEVE-SE PROJETAR O ESPAÇO PÚBLICO DE UM EDIFÍCIO?

ARQUITETURA E ESPAÇO PÚBLICO

Na criação de novas arquiteturas urbanas, quem projeta está diante de preexistências. Como num ciclo, a arquitetura compõe o meio urbano, e o meio urbano também pauta a arquitetura. Serve de referencial, contexto e determinante. Dessa forma, arquitetura e cidade são indissociáveis. No presente trabalho, a proposição central surge ao se debruçar sobre uma praça, um espaço público entendido como degradado, um “cenário de abandono”.

Falar de espaços públicos implica, antes de tudo, na necessidade de alguma determinação desse conceito. Como qualificar o que é público? Pensemos as cidades, o tecido urbano, como uma composição de espaços. Os espaços públicos podem ser conceituados então como espaços em que existir e participar neles é facultado a qualquer pessoa. É importante levantar, contudo, que pode haver impedimentos seja por determinações legais ou convenções sociais.

Trabalhar o espaço público é trabalhar uma gama de complexidades. Na relação contínua que esses espaços oferecem interligando a malha urbana de maneira aberta: como pensar o espaço para que faça conexões adequadas aos demais espaços circundantes? Na qualidade inerente desses espaços de receberem as pessoas independente de quem são: como fazer com que o espaço seja acolhedor? Como fazer o espaço elevar as relações positivas, os encontros entre as pessoas, e minimizar conflitos?

PRAÇAS

A praça é uma tipologia urbana que pode talvez considerar-se o maior símbolo dos espaços públicos. É um espaço livre e público, aberto, de permanência. É um espaço onde a rua se expande e deixa de ser um local transitório. Muito pode acontecer nas praças. A praça é idealmente um local de convívio e lazer. As pessoas podem utilizar as praças de muitas formas: descanso e relaxamento, conversa e encontro, caminhada e exercício, dança, performance, reunião política, venda e troca. Todos esses usos têm a ver com a formação histórica delas. A praça é um espaço que oferece coisas que não há em casa nem num lugar específico.

Pippi e Lautert delineiam uma praça como "área democrática e que inclui princípios de cidadania para promover a boa convivência entre pessoas que [muitas vezes] não se conhecem". (2019, p.113) No entendimento histórico, a praça caminha lado a lado

na construção das civilizações, ilustrada na ágora, nas piazzas, e introduzida também no Brasil — tratando a praça como uma tipologia específica e eurocêntrica — com a colonização. Como levantam os autores, inclusive, "as praças estão relacionadas a espaços verdes, ajardinados e arborizados, mais coerentes com o clima (...)" do Brasil. (PIPPI e LAUTERT, 2019, p.113) Em contraste à malha urbana e a rotina corrida, o concreto, metal, a praça surge como recanto ameno e muitas vezes arborizado, ou pelo menos com alguma vegetação — e muitas vezes a percepção de qualidade das praças mostra-se atrelada às condições de sombreamento e vegetação.

O ESPAÇO DO LAZER

As praças são vistas, talvez principalmente, como espaço de lazer. Somado a isso, o projeto de intervenção arquitetônica é também um Centro de Cultura, Arte, Ciência e Esporte. Lazer, artes, esportes todos se interrelacionam, são semelhantes. Muitas vezes vistas como possibilidades supérfluas, essas atividades podem ser consideradas essenciais para manter um balanço na rotina das pessoas — principalmente quando a produtividade, o lucro e a sobrevivência consomem vorazmente a todos. Lazer, arte e esporte também podem ser formativos, desenvolvendo habilidades que servem tanto para a realização individual, como também servem como opções de profissionalização.

Na verdade, todas as pessoas buscam lazer de uma forma ou outra, é indispensável. Para populações em vulnerabilidade socioeconômica e espacial, a prioridade maior de políticas públicas é garantir a vida digna através da moradia, acesso às infraestruturas mínimas de água e esgoto, estabilidade de emprego e o respeito aos seus direitos. Nesse contexto de carência e estabelecimento de prioridades, o lazer é muitas vezes desconsiderado. Entretanto, é de suma importância, afinal as pessoas não devem receber dignidade e condições mínimas de vida apenas para continuarem a trabalhar, produzir para manter o funcionamento dos sistemas capitalistas que regem o mundo. As pessoas devem receber direitos por uma vida digna como parte de um pressuposto ético da humanidade.

RECUPERAÇÃO DO ESPAÇO

Este trabalho trata especificamente da aproximação, estudo e intervenção em uma área considerada degradada. Não é um caso extremo de degradação, mas de locais que já possuíram uma forte vitalidade urbana e que agora são pouco desfrutados, com mobiliário urbano, paisagismo, passeios e acessos deteriorados, e com muitos

anseios para que sejam feitas obras de melhoria.

No presente trabalho, a recuperação do núcleo urbano é proposta através da requalificação do espaço físico da Praça do Vaqueiro, da readequação de usos e, sobretudo, da interconexão com um novo equipamento social edificado.

- Requalificação do espaço físico da Praça do Vaqueiro: reforma dos passeios, do calçamento, da vegetação, instalação de mobiliário urbano e garantia de soluções de acessibilidade.
- Readequação de usos: disponibilidade de novos equipamentos que permitem novos usos (prática de skate e academia ao ar livre, área de mesas, parquinho, dentre outros) e controle da velocidade do tráfego na definição de um trecho de via compartilhada.
- Interconexão com um novo equipamento social edificado: criação do Cuca Opaia, indissociável da Praça numa continuidade de piso e acesso; servindo também como elemento indutor para atração de pessoas a visitarem e participarem mais do espaço. O conjunto praça-Cuca, conectado à Lagoa do Opaia mediante melhorias nas vias que os conectam, configura um espaço que deverá requalificar não apenas o núcleo urbano do território do antigo Aeroporto, o qual faz parte diretamente, como beneficiar também bairros próximos.

COMO DEVE-SE PROJETAR O ESPAÇO PÚBLICO DE UMA PRAÇA?

Como dito, um dos principais questionamentos encontra-se em refletir sobre a natureza do projeto, em todas as suas dimensões. Como pensar adequadamente os espaços? Na busca por definições mais concretas, autores como Santoro afirmam:

É preciso produzir espaços públicos, com tudo o que possa haver de público nisso. Não se quer apenas que sejam acessíveis fisicamente, mas que sejam lugares de encontro, de tolerância, de mistura de raças, credos, rendas, agradáveis, seguros, de fruição e, principalmente, um lugar onde a cidadania possa se manifestar, onde o exercício da pólis possa acontecer. É isso que faz a cidade ser cidade: o encontro. (SANTORO, 2013 apud PIPPI e LAUTERT, 2019, pp.113-114)

O espaço público, além das áreas livres (vias, parques, praças) também pode estar em edifícios que se abrem para a cidade. Pensemos inicialmente o espaço público

nos espaços livres, e mais especificamente nas praças, considerando a intervenção de reforma da Praça do Vaqueiro.

Pippi e Lautert abrem o caminho, levantando que "o desafio de trabalhar em praças e seu entorno reflete a complexidade de envolver os cidadãos em um pensamento de bem comum, de ocupar o mesmo local que os demais (...)" (2019, p.113). Quais são os conflitos inerentes da convivência humana? Sob que condições a convivência harmônica existe? É importante pensar esses conceitos tendo em mente também a existência de intolerâncias e discriminação contra alguns grupos sociais: minorias raciais, socioeconômicas, de gênero, e também as diferentes relações de poder e desigualdade entre pessoas. Existe, também, um sentimento muito enraizado de que o local público é inerentemente perigoso.

Os espaços públicos são locais inerentemente de troca, de encontro. Essa coletividade também deve ser refletida no tratamento desses locais como escopo de projeto. Dessa forma, o ideal é sempre o projeto contar com a consulta e participação do maior número possível de vozes e ideias distintas, dos diversos grupos que irão desfrutar do espaço. O não atendimento e exclusão de grupos leva à prejudicá-los e retirar destes o direito ao espaço, com o conseqüente surgimento de conflitos. Pippi e Lautert também destacam que a falta de investimentos e desigualdade na aplicação de verbas está presente na distribuição e na manutenção das praças no meio urbano. Isso, como destacam, faz com que pessoas, especialmente as mais vulnerabilizadas na sua condição socioespacial, "encontram nos centros urbanos espaços públicos de qualidade não existentes na sua própria vizinhança. Logo, percebe-se a importância de estender essa qualidade de projeto a toda dimensão urbana e a todo cidadão." (2019, p. 114)

Nessa reflexão, é possível identificar a visão generalizada de que os espaços de lazer, as praças, são algo distante, separado do universo a qual fazem parte a pessoa e seu entorno imediato. Procurar fortalecer esses espaços de lazer, e dar meios para que façam parte do cotidiano das pessoas talvez seja peça chave em fortalecer o pertencimento. Se há preocupação, cuidado, se há entendimento de como o espaço contribui para melhoria da vida cotidiana, certamente haverá manutenção e cuidado para o usufruto dos diversos grupos, fortalecendo a ideia de pertencimento.

Ou seja, projetar o espaço público e as praças é: entendê-las como algo fundamental para as coletividades; são espaços múltiplos, que podem ser utilizados por vários

grupos. Devem ser construídos também em coletividade, escutando e permitindo colaborar e participar a maior diversidade possível de vozes e grupos; são espaços que se distribuem desigualmente na malha urbana, e que devem ser pensados para alcançar o número maior possível de pessoas; são espaços que podem gerar conflitos se grupos e ideias forem excluídas; são espaços circundados por uma desconfiança e medo enraizada no pensamento atual; são espaços que, se causam sentimento de pertencimento às pessoas, têm maiores cuidados e são melhores mantidos.

Para Jane Jacobs, o espaço público deve se distinguir nitidamente do espaço privado. A autora é amplamente conhecida na defesa de que os espaços públicos devem ter sempre pessoas, propiciando, com sua presença e vigilância, espaços mais seguros. (JACOBS, 2011, p. 35-36 apud PIPPI e LAUTERT, 2019, p.115) É interessante questionar também esse conceito e refletir. Como atuam as pessoas na vigília do espaço público? Num mundo idealizado, as pessoas protegerão qualquer pessoa de ameaças, violências. O que acontece é que a rua, o espaço público é muitas vezes um espaço inseguro, em especial para minorias, a partir do momento que estão sujeitas a violência, assédio ou abuso por serem quem são (gênero, classe, cor ou idade...) para além do sentimento de insegurança com assaltos. Dessa forma, a vigília compartilhada que defendia Jacobs só será positiva se não for motivada por preconceitos e ideias de ódio. A desconfiança é um ponto importante nessa discussão do espaço público e violência, porque faz parte do medo. Quando você não conhece quem está à sua volta, todos podem ser potenciais atores da agressão ou da violência. Quando você conhece todos, um possível estranho é identificado. Dessa forma, defender a apropriação dos espaços públicos pelas pessoas que moram em seu entorno é diminuir a sensação de medo e de insegurança.

O aspecto mais positivo dos espaços públicos de lazer está na possibilidade de interação pacífica e naquilo que agrega às nossas vidas, materializado nos encontros, no brincar, nas apresentações e práticas artísticas e esportivas. Assim, o projeto feito para uma praça tem que procurar impulsionar, amparar, dar substrato, para essas interações positivas. Como isso se traduz em projeto?

1- visibilidade

Jan Gehl defendia a importância de trabalhar os projetos dos espaços públicos livres com especial atenção ao que existe a nível dos olhos. O pedestre interage com o entorno em um ritmo desacelerado, em especial quando se encontra num local de

permanência e lazer (GEHL, 2013 apud PIPPI e LAUTERT, 2019, p. 118). Dessa forma, a praça deve ser trabalhada com algum nível de detalhe, e não somente como um desenho de larga escala formando padronagens de piso e grandes áreas arborizadas.

2- acessibilidade

As praças são espaços de congregação e encontro de grupos distintos, devendo abrir-se para todos. Dessa forma, é indispensável que o espaço conte com qualidades e adequações que garantam a possibilidade de acesso e permanência de pessoas de diferentes faixas etárias, mobilidade e capacidades. Rampas, sinalização visual e tátil, adequações de mobiliário etc. Atender as normativas existentes é essencial, devendo ser uma concentração na finalização dos projetos.

3- separação

Como discutido, as praças aparecem como espaço para manifestações e atividades diversas. Parece importante então delimitar e projetar espaços distintos — mas interconectados — em vez de uma grande uniformidade. Os espaços devem ser separados o suficiente entre si para garantir a individualidade dos usos e atividades, mas não devem ser segregados. Os usos de uma praça são variados, portanto a qualidade dos diferentes espaços projetados tem que ser diversa também. Espaços mais estreitos e sombreados são interessantes em alguns momentos para garantir a privacidade de uma conversa, mas, por exemplo, não devem ser produzidos de forma a gerar algum desconforto: “será que há uma pessoa de más intenções se escondendo ali?”

4- equipamentos

Alguns usos precisam de equipamentos e suportes específicos. Um anfiteatro pede assentos, uma quadra precisa de piso liso, plano e com as demarcações usadas nos esportes, etc. Alguns exercícios podem ser feitos em pé, mas no geral serão necessárias barras de apoio, equipamentos de musculação. Caminhadas podem ser feitas contanto que haja acessibilidade física e espaço de dimensões adequadas, mas a delimitação de um caminho contínuo e demarcado no piso induz as pessoas a entenderem como um percurso e encoraja a prática da atividade. Bancos, mesas, lixeiras são básicos e necessários em qualquer projeto de praça.

5- sombra

Na cidade de Fortaleza, o clima é quase constante ao longo do ano: basicamente sol e chuva determinam as condições atmosféricas. Em ambos os casos, a proteção na

forma de alguma cobertura é essencial. Em dias ensolarados, a sombra regula a temperatura e traz conforto necessário para a permanência. Durante a chuva, a cobertura protege da intempérie.. Dessa forma, pensar nessas cobertas e suas potencialidades como locais de congregação devem ser aproveitadas pelo projeto.

6- vegetação

O sombreamento e proteção das condições atmosféricas pode acontecer na forma de cobertas edificadas, mas também através da copa das árvores. A vegetação nas praças talvez não seja estritamente um pré requisito, mas, ao se contrapor à densidade de materiais impermeáveis, duros e inorgânicos da malha urbana, a vegetação eleva as praças e torna-se muitas vezes um dos principais atrativos desses espaços públicos. A vegetação é termorreguladora, absorvendo a luz solar e parte do calor, e parece colaborar também com as atividades de descanso, reflexão e apreciação do entorno. Parece haver algo inerentemente humano de apreço ao natural.

COMO DEVE-SE PROJETAR O ESPAÇO PÚBLICO DE UM EDIFÍCIO?

Finalmente, tendo discutido como pensar o espaço público na dimensão das praças e algumas considerações de como projetá-las, levanta-se o mesmo questionamento para o espaço público na escala do edifício. Algo importante logo de início é discutir: é possível pensar os edifícios como espaços públicos? O renomado arquiteto Herman Hertzberger explora a dualidade público-privado principalmente nas dimensões de acessibilidade (no sentido de a quem é permitido o acesso nestes espaços), mas também sob a dimensão da responsabilidade: nos espaços públicos, a responsabilidade de manutenção é dividida entre os membros da sociedade. O que o autor dá a entender no caso dos edifícios públicos é que existe uma gradual abertura enquanto espaço público: a responsabilidade de manutenção fica concentrada na administração desses edifícios, e eles se dispõem para a livre entrada de pessoas dentro de alguns parâmetros. Por exemplo, é negada no horário que o edifício fecha à noite. (HERTZBERGER, 2005, p. 15)

Pensar em edifícios com a intenção de potencializar o seu uso público soma-se à discussão geral de como projetar bons edifícios. No caso do presente trabalho, em se tratar de um projeto de intervenção sobre um edifício existente, surgem questões também sobre adaptação, espaços genéricos e flexíveis, a transitoriedade e permanência da arquitetura.

1- apropriação sobre o espaço

Hertzberger defende a apropriação dos espaços pelas pessoas como algo transformativo e que eleva a arquitetura. Dessa forma, a arquitetura deve ser pensada de forma a garantir algum nível de liberdade àqueles que participam dela. A ideia de que, nesse espaço que é público, existe liberdade para tomar suas próprias iniciativas. (HERTZBERGER, 2005, p.24)

A importância disso é justificada, como defende o autor, porque “quanto mais influência você pode exercer pessoalmente sobre o seu entorno, mais você se sente emocionalmente envolvido, mais atenção você dá a ele e, além disso, mais você estará inclinado a tratar com cuidado e carinho as coisas ao seu redor.” (HERTZBERGER, 2005, p.170. Tradução própria) Ao permitir a interação das pessoas com o espaço físico, de o modificar mesmo que sutilmente, permite-se às pessoas criar familiaridade e portanto sensação de conforto e segurança. (HERTZBERGER, 2005, p. 28)

O mesmo autor discute esse reflexo na forma arquitetônica. Uma noção de que as formas arquitetônicas devem passar por essas mesmas transformações e ressignificações nas mãos daqueles que a utilizam. “Não uma preocupação com a aparência que contém o objeto arquitetônico, mas com a forma no sentido daquilo que acomoda e contém significado.” (HERTZBERGER, 2005, p. 150. Tradução própria). Isso significa que as formas projetadas na arquitetura podem ser pensadas de forma a garantir múltiplas interpretações e utilizações.

Ou seja, pensar a arquitetura não é apenas uma definição clara e boa articulação do programa de necessidades, mas também pensar sobre as diferentes possibilidades de utilização dos espaços e uma garantia de relativa liberdade no espaço para aqueles que virão a utilizá-la.

2- intervalos

Outra posição fortemente defendida por Hertzberger é o tratamento dos denominados intervalos. São os espaços transitórios, de entradas e de mudança de caráter arquitetônico. Para ele, esses espaços transitórios sempre ganham ao oferecer algo além de uma simples e seca passagem. O exemplo mais claro do autor é que a entrada de uma escola, por exemplo, deve ser mais do que o local onde as

crianças são “engolidas” para assistir as aulas e “cospidas” quando estas acabam, mas que deve ser um espaço que oferece algo mais, um acolhimento e também para aproveitar o tempo em que esperam os pais ou o horário de irem para casa. (HERTZBERGER, 2005, p.33)

A qualidade desses espaços transitórios pode ser garantida com a proteção na forma de anteparos e cobertas para sombra, espaços para sentar-se e conversar, uma vegetação ou cenário a ser contemplado. Além disso, as entradas devem guiar aqueles que acessam os edifícios, portanto devem ter algum nível de clareza, marcação visual, sinalização. O autor complementa ainda que este tratamento é importante socialmente, garantindo um momento transitório e muitas vezes da troca entre espaços mais ou menos privados, uma acomodação entre diferentes escalas. (HERTZBERGER, 2005, p. 35)

3- flexibilidade e polivalência da arquitetura

Especialmente ao projetar sobre a preexistência de um outro edifício, torna-se importante discutir as noções de mudanças e permanências da arquitetura. Com uma produção cada vez mais rápida e o espaço não construído diminuindo, a reutilização de edifícios ganha espaço nas discussões. Nesse sentido, edifícios que guardam potencialidade de mudança (flexibilidade) ganharam bastante centralidade nas discussões sobre arquitetura. Hertzberger aproxima-se do assunto com algum receio:

Flexibilidade seria a panaceia para curar todas as doenças da arquitetura, se acreditava. Contanto que o design do edifício seja neutro, se pensava, e este pudesse ser colocado para diversos usos, este poderia, em teoria pelo menos, absorver e acomodar todas as mudanças (...) Mas a neutralidade na verdade consiste numa ausência de identidade, e, em outras palavras, na falta de qualidades distintas (...) A planta flexível começa com a certeza de que uma solução correta não existe, porque os problemas que requerem solução estão em um estado permanente de fluxo, ou seja, são sempre temporários. (HERTZBERGER, 2005, p. 146. Tradução própria.)

O autor defende então que um desenho arquitetônico focado na flexibilidade, que tenta adaptar-se e mudar para cada problema que se apresenta, na verdade nunca conseguirá responder totalmente a nenhum dos problemas. Ele poderá prover soluções suficientes, mas nunca a mais apropriada. (HERTZBERGER, 2005, p.146)

Em contraste, Hertzberger apresenta o conceito de polivalência como uma melhor resposta aos dilemas da transitoriedade dos problemas arquitetônicos. Uma

arquitetura polivalente, segundo ele, seria aquela a qual podem ser postos diferentes usos, sem a forma em si passar por transformações, de forma que uma mínima flexibilidade pode prover uma diferente solução. (HERTZBERGER, 2005, p. 147) Esse conceito é resultado direto dos pensamentos do autor sobre a interação arquitetura-usuário e o de que as formas arquitetônicas podem e devem se permitir interpretar de múltiplas maneiras. O que dita a utilização do espaço não é o espaço em si, mas o uso humano. O espaço, então, deve ser pensado então de comportar formas variadas das pessoas o utilizarem. A mesa que pode ser um palanque, a escada que é também arquibancada, um canteiro que também serve de banco, etc. Essas ideias de permitir às formas arquitetônicas múltiplas interpretações e usos caminha em direção também de entender e aceitar cada vez mais a diversidade da população, nas suas crenças e ideais, capacidades, interesses, cultura, sexualidade, experiências.

Já no seu livro *Frame and Generic Space* (*Frame* interpretado como um elemento estruturador, uma moldura que contém elementos), Bernard Leupen parte da interpretação contrária. Quanto mais um projeto responde às questões no momento de sua concepção, maior a chance de que este não corresponda às necessidades futuras. Para o autor, o edifício aparece em um conjunto que é mais resistente ao passar do tempo, e de espaços que se transformam com relativa independência e facilidade. Na verdade, este frame liberta o edifício na criação de espaços genéricos, ao concentrar a necessidade de permanência e estruturação em si. (LEUPEN, 2006, pp. 22-23)

Leupen constrói seu pensamento avaliando as discussões de outros profissionais ao longo dos anos, inclusive as de Hertzberger. Nesse sentido, além da polivalência, Leupen defende a definição de mais duas categorias de possibilidades para a transformação do espaço: a alterabilidade (possibilidade de mudança interna, de pequenas soluções que não impactam na forma arquitetônica geral) e extendibilidade (alterações pelo crescimento vertical ou horizontal, a adição de novos espaços incorporados à arquitetura) (LEUPEN, 2006, p.25)

Leupen apresenta uma interpretação arquitetônica da divisão do edifício em camadas que se somam e que podem ser alteradas e construídas de forma interrelacionada, mas por vezes independente. Dessa forma, a mutabilidade do edifício passa a ser não mais uma dualidade entre manter ou não, ser flexível como um todo ou não, mas passa a ser matizada e interpretada em múltiplos níveis. É

possível alterar o espaço interno, mantendo uma casca do edifício por motivos históricos. É possível renovar, expandir, suprimir, substituir, dentro de limites e diferentes alcances.

Ainda além, Leupen trás para discussão o orfanato de Amsterdã de Aldo Van Eyck, bastante reveladora neste tópico. Segundo Leupen, Van Eyck acreditava na necessidade clara de correspondência entre a organização do edifício e os usos específicos do programa que a tipologia implica e tinha certa aversão às ideias de flexibilidade. Portanto, ao desenhar o orfanato, Van Eyck teria criado um projeto buscando garantir todas as particularidades específicas necessárias a um orfanato. Na verdade, o projeto de Van Eyck muito foi apreciado por sua solução e qualidades propriamente arquitetônicas (uma arquitetura de qualidade em si mesma), e portanto, o edifício deixou de ser orfanato e passou a abrigar diferentes usos com o passar dos anos. (LEUPEN, 2006, pp.90-91)

Dessa forma, o que se conclui é que toda arquitetura é passível de mudança e transformação. A busca por uma total flexibilidade pode levar a uma perda de identidade e incapacidade de responder aos problemas. A arquitetura pode ser alterada através da polivalência com a manutenção de sua forma, mas mudanças na forma de utilização. Pode ser expandida, ter partes substituídas. A arquitetura pode também ser demolida.

Todas essas transformações dependem de um gasto de recursos materiais, da valorização histórica, do nível de especificidades requeridas em um novo programa de necessidades, e até mesmo decisões estéticas. Dessa forma, identificar um *frame* permite a racionalização de mudanças e alterações, e uma leitura dedicada ao entendimento das possíveis polivalências pode permitir identificar valores arquitetônicos particulares que em outros casos passariam despercebidos.

A reflexão sobre a permanência, mudança e o espaço genérico também desencadeia decisões projetuais. Pensar a criação de um projeto já vislumbrando a sua obsolescência futura pode ser destrutivo. Em contraste, parece mais construtivo projetar edifícios buscando criar qualidades inerentes, atendendo às necessidades específicas, mas também permitindo nelas a reinterpretação e multiplicidade, seja na polivalência de Hertzberger ou na hierarquização de Leupen, facilitando mudanças e alterações que possam vir a ser necessárias e também admitindo a capacidade da arquitetura acomodar algum nível de mudanças sem precisar modificar-se.

4- estética

Finalmente, a arquitetura parece ter sempre inerente uma dimensão estética. Projetar boa arquitetura é também projetar com boas decisões estéticas? É passível de pensar em boas qualidades estéticas?

Principalmente pautando o pensamento modernista, de racionalização arquitetônica e definição de ideais arquitetônicos, a estética arquitetônica parece se fundamentar em ideais de composições volumétricas, proporção, materialidade. É impossível negar a sensação de apelo estético que algumas construções evocam, isso é verdade. A relatividade estética é sempre um ponto de dilema, contudo.

Para guiar-se, é possível evocar alguns pensamentos de Louis Kahn, por exemplo, como destaca Favero: “para Kahn, arquitetura é obra de arte” (FAVERO, 2017, p.32), ainda por cima distinguindo o trabalho do arquiteto como um trabalho de criação: para ele mesmo, a ciência seria o escopo de descobrir aquilo que já existe, enquanto a arte consiste em criar aquilo que não existe. (FAVERO, 2017, p.34). Complementarmente, na obra de Kahn, “a incorporação da álgebra às formulações geométricas que levassem a formas ordenadas, com qualidade rítmica (...) evidenciam a preocupação de Kahn com o significado de seus projetos, com a dimensão expressiva das obras.” (BELL & LERUP, 2002, apud ALMEIDA e JANTZEN, 2011, p.79)

Dessa forma, é inegável reconhecer a importância que as discussões estéticas têm ao pensar arquitetura. Contudo, diante de incertezas e dilemas da universalidade do alcance dos valores estéticos, parece plausível tomar foco em pensar a arquitetura primeiro na produção de espaço a ser vivido. Ela precisa ser um lugar de apego e convívio, antes de ser um símbolo volumétrico ou imagético. Assim, projetar arquitetura não precisaria ser uma busca por inovação ou perfeição estética, mas ter uma imagem clara e — se possível, que agrade a um grande número de pessoas, demonstra-se também importante.

CAPÍTULO 1

Formação do núcleo urbano do Aeroporto antigo

O Aeroporto Internacional de Fortaleza, concedido à *Frankfurt Airport Services Worldwide* (Fraport) em 2017, é resultado da história dos espaços de aviação em Fortaleza, relativamente recente. Ela começa com os clubes das décadas de 1920-30¹, como parte do capricho de alguns grupos da elite fortalezense. Os pousos e decolagens que ocorriam eram feitos em pistas improvisadas na Praia de Iracema até a construção do aeroporto de hidroaviões na Barra do Ceará, em 1930². Na mesma época, é criada a pista do Alto da Balança, de menor proporção³. Depois dos acontecimentos de Pearl Harbor, os Estados Unidos começam a influenciar o nordeste do Brasil, impelindo a construção de uma base de maior porte no bairro do Pici. A escolha rapidamente mostrou-se precipitada por questões técnicas e meteorológicas (SAMPAIO, 2018, p.30) e retorna-se ao Alto da Balança como melhor alternativa. Nela é construída a Base do Cocorote (MACIEL, 2006, p.35) que, finalmente, em 1952, recebe o nome de Aeroporto Pinto Martins⁴.

O primeiro terminal de passageiros é construído somente em 1966 (figuras 6 e 7), acompanhado da construção da Avenida Luciano Carneiro e de uma praça — logo em frente ao terminal — como meios de acesso (figura 8). Dessa forma, apesar de ainda fazer parte de uma estrutura de poder econômico elitizada, o Aeroporto deixa sua função primariamente militar e passa a ser equipamento da cidade, recebendo a partir daí passageiros em escala comercial e turística.

-
1. Encabeçado pelo comerciante Manoel Fernandes Júnior, é formado o Aero Clube Cearense em 1929. Contudo, o clube não funcionou até ser reorganizado como Aero-Clube do Ceará em 1937 e inaugurado oficialmente em 1941, ainda sob iniciativa do mesmo comerciante. (MACIEL, 2006, p.32).
 2. Construído pela Nirba do Brasil S.A., foi utilizado também por algumas autoridades políticas. Depois, instala-se também a empresa Condor (futuramente Serviços Aéreos Cruzeiro do Sul) a partir de 1935. (MACIEL, 2006, p.33).
 3. Na época “às margens” da cidade, a pista do Alto da Balança foi feita em virtude de uma aterrissagem inesperada do avião Bert Hinckler (MACIEL, 2006, p.34).
 4. O nome homenageia Euclides Pinto Martins, que "pertencia a uma tradicional família de Camocim, no estado do Ceará, e cedo foi estudar nos Estados Unidos onde realizou estudos sobre mecânica e mais tarde trabalharia no ramo da aviação" (MACIEL, 2006, p.31), fazendo parte do primeiro sobrevoos completo do oceano Atlântico, quando passou a ser anunciado como herói regional e nacional. (SAMPAIO, 2018, p.30-31).



Figura 6. Cartão-postal do Aeroporto Pinto Martins após a inauguração, ainda sem a execução da Praça. Fonte: grupo Fortaleza Antiga, no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/Fortalezantigaoficial/posts/1242877759062735/>. Último acesso em 11 de fevereiro de 2022.



Figura 7. Homens em frente ao Aeroporto Pinto Martins em 1971. Fonte: grupo Fortaleza Antiga, no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/Fortalezantigaoficial/posts/3600510463299441/>. Último acesso em 11 de fevereiro de 2022.



Figura 8. Fotografia da Praça do Vaqueiro já nos anos 80. Fonte: Acervo fotográfico do jornal O Povo. Obtida na página Fortaleza em fotos, no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/fortalezaemfotos/photos/a.127780260691355/277343019068411>. Último acesso em 11 de fevereiro de 2022.

Essa mudança de relação com a cidade premedita mudanças na forma arquitetônica e urbana, e a praça que foi construída é elemento chave nessa mudança. No caso do Aeroporto Pinto Martins, a Praça surge em parte com caráter necessariamente funcional, tendo uma parcela da sua área dedicada ao estacionamento do terminal de passageiros, mas também passa a configurar como espaço público livre, delimitado à disposição da cidade. É possível interpretar ainda uma intenção simbólica na praça sob diferentes argumentos. Primeiramente, como intermediária na transição de espaço urbano/externo/cidade e espaço arquitetônico/interno/aeroporto. Mais importante, porém, é que, durante a construção do Terminal de Passageiros — em 1965, é encomendada ao escultor pernambucano Corbiniano Lins a criação do Monumento ao Vaqueiro⁵, para dispor na praça. Dessa forma, há aqui outra função simbólica, na medida em que, ao desembarcar, os passageiros estariam defronte a uma imagem deliberadamente escolhida para representar o povo cearense (OLIVEIRA, 2015, p.189). A importância simbólica apresenta-se clara na medida em que, até quase vinte anos depois da inauguração, o espaço era conhecido apenas com os nomes populares Praça do Aeroporto ou Praça do Vaqueiro, sendo oficializada, em 1982, como Praça Brigadeiro Eduardo Gomes⁶. Ambos os nomes que recebeu informalmente quanto essa confirmação institucional reforçam: esse espaço não era somente estacionamento do Aeroporto, ou um largo qualquer, mas, sim, uma praça de fato.

Para além da relação entre a praça e o Aeroporto, surgem inevitavelmente outras relações urbanas específicas, as quais precisam ser discutidas. Em termos de urbanização, ainda em 1930 começava um processo de desapropriação de sítios, onde se plantava e criava gado, para construção da pista do Alto da Balança e posterior Base do Cocorote (MACIEL, 2006, pp.38-39). Os primeiros loteamentos oficiais dessa área são aprovados depois, entre as décadas de 1940 e 1960 (CORREIA, 2020, p.46). A ocupação do bairro Vila União só começa a ser consolidada a partir da década de 1950 (CORREIA, 2020, p.48), e a rede de energia elétrica pública só é instalada em 1957 (CRUZ, 2009, p. 107 apud CORREIA, 2020, p.47). Dessa forma, o

5. A década de 1960 inaugura em Fortaleza uma iniciativa governamental de encomenda de obras de arte públicas (COSTA, 2010, p.65). A encomenda do Monumento ao Vaqueiro é a segunda de Corbiniano no Ceará, precedida pela execução das obras do Monumento à Iracema e depois da Mulher Rendeira. A primeira é feita em virtude do centenário do romance Iracema, em 1965, e foi seguida por controvérsia por ter sido executada por um artista de outro estado (OLIVEIRA, 2015, p.180-186).

6. Nome do ministro da aeronáutica da Ditadura Militar.

Aeroporto surge em um contexto de periferia não-urbana de Fortaleza, acompanhado da instalação de infraestruturas urbanas para a área. Por ser o único equipamento com sua função, tem já consigo uma concentração, e isso se somou ainda à criação de vagas de emprego formais e informais, seja para funcionamento do terminal ou em seu entorno. Assim, o Aeroporto certamente foi o maior indutor de expansão da cidade naquela direção.

Apesar de ser possível afirmar, com certa segurança, que o Aeroporto foi o elemento de maior força na expansão urbana desse território, é preciso somar duas considerações:

A primeira, é que, mesmo como elemento indutor à urbanização, o Aeroporto traz consigo limitantes. Notadamente, aeroportos são poluidores sonoros e, mais importante, implicam na determinação de um cone aéreo de aproximação das aeronaves, onde fica restrito construir além das alturas decretadas. Apesar de não impedir a construção de edifícios de múltiplos pavimentos, não é permitido construir as altíssimas torres residenciais e de escritórios que vêm surgindo depois da acelerada produção imobiliária da década de 1970⁷. Isso provavelmente leva a uma percepção dessa região como menos rentável e, aceita a hipótese de que os investimentos — públicos e privados — são aplicados sistematicamente nas áreas de concentração de capital da cidade, imputa a este território uma tendência ao abandono.

A segunda consideração é que, antes de tudo, é equivocado apresentar somente o Aeroporto como elemento de relevância na construção do Vila União. A linha férrea que interligava a Parangaba ao Porto do Mucuripe já passava por ali e, como dito anteriormente, esse território era antes da construção do Alto da Balança um conjunto de sítios, fortalecidos pela presença do grande manancial hídrico da Lagoa do Opaia.

7. Corroborado por RUFINO, Maria Beatriz C. em *Incorporação da metrópole: centralização do capital no imobiliário e nova produção do espaço em Fortaleza*. 2012. 334 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo - Área de Concentração: Habitat) — FAUUSP. Na apresentação: "Tradicionalmente pensada como espaço de uma economia deprimida, Fortaleza (...) tem sua urbanização intensificada a partir da década de 1970 pelo incremento da industrialização, como parte do projeto político de integração regional e modernização do Nordeste, e pelo forte crescimento populacional, motivado pelo constante fluxo migratório do interior." (p.23)

A Lagoa do Opaia é, de fato, um elemento que teve grande importância na construção do território do bairro Vila União. Além de facilitar a manutenção dos sítios da região, ela também passou a viabilizar o sustento de várias pessoas como pescadoras ou lavadeiras. Com isso, o entorno da Lagoa foi sendo progressivamente ocupado, assim como ocorreu na maioria dos corpos hídricos de Fortaleza⁸. Na década de 1970, a comunidade que se formou na margem da Lagoa era conhecida como "Amazônia" (CRUZ, 2009, p.128), refletindo o ainda relativo isolamento e a abundância de vegetação da época. Na virada para a década de 1980, contudo, é dado início ao projeto de construção do Polo de Lazer da Lagoa do Opaia⁹, que viria a interligar mais concretamente a Lagoa à malha urbanizada e introduzindo "barracas, *playground*, jardins, quiosques, quadras de esportes, áreas para apresentações artísticas", além de pedalinho (CRUZ, 2009, p.128).

O Polo de Lazer da Lagoa do Opaia poderia ser entendido como um parque público feito para a escala de comunidade do entorno e proximidades. No contexto de excepcionalidade do Aeroporto, contudo, o Polo passa a ser efetivamente visitado por pessoas de toda a cidade. De fato, ao acompanhar a partida ou esperar a chegada dos familiares e amigos, muitos encontravam no núcleo formado pela Praça do Vaqueiro e pelo Polo um programa de lazer: estabeleceram-se na praça sorveteria, uma pequena charrete puxada a cabritos (figura 15) e também o aluguel de carrinhos a gasolina (figura 9), os quais levavam as crianças da praça até o Polo de Lazer e vice-versa, somando-se aos atrativos já construídos na Lagoa do Opaia (figura 10). Mas o divertimento não precisava ser usufruído apenas por aqueles que iam viajar ou esperavam pela chegada de alguém. Na época, a presença dos aviões era uma novidade por si só e o acesso ao mirante para vê-los decolar ou aterrissar era livre. Dessa forma, um número bem mais amplo de pessoas, independente do uso do aeroporto, frequentava a Praça do Vaqueiro e o Polo da Lagoa do Opaia como lazer.

-
8. Ver FREITAS, Clarissa F. S. **Ilegalidade e degradação em Fortaleza: os riscos do conflito entre a agenda urbana e ambiental brasileira**, urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana (Brazilian Journal of Urban Management), v. 6, n. 1, p. 109-125, jan./abr. 2014.
 9. O projeto desapropriou e removeu parte das casas da comunidade para construção do Polo. Como descrito por Cruz, a redução do espaço de trabalho das lavadeiras, junto a influência do Projeto Rondon que atuava com assessoria comunitária no local leva a criação da Associação dos Moradores como espaço de organização de demandas. A associação passa a orientar a vizinhança e, no caso específico da dimensão urbana, dar indicações para que não se construa avançando sobre a Lagoa. Ao longo da década de 1980, então, a comunidade passa a crescer na direção oposta, dos muros do Aeroporto. Na década de 1990, contudo, a ocupação aumenta mais, dessa vez expandindo também em direção à margem da Lagoa (CRUZ, 2009, pp.128-130) A comunidade passa desde então por um histórico de tentativas de e de efetivas remoções, por causa da ocupação desses espaços.



Figura 9. Carrinhos à gasolina no Polo de Lazer da Lagoa do Opaia. Foto da década de 80. Fonte: Acervo Renato Pires. Obtida no grupo Fortaleza Antiga, no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/Fortalezantigaoficial/posts/4215547568462391/>. Último acesso em 11 de fevereiro de 2022.

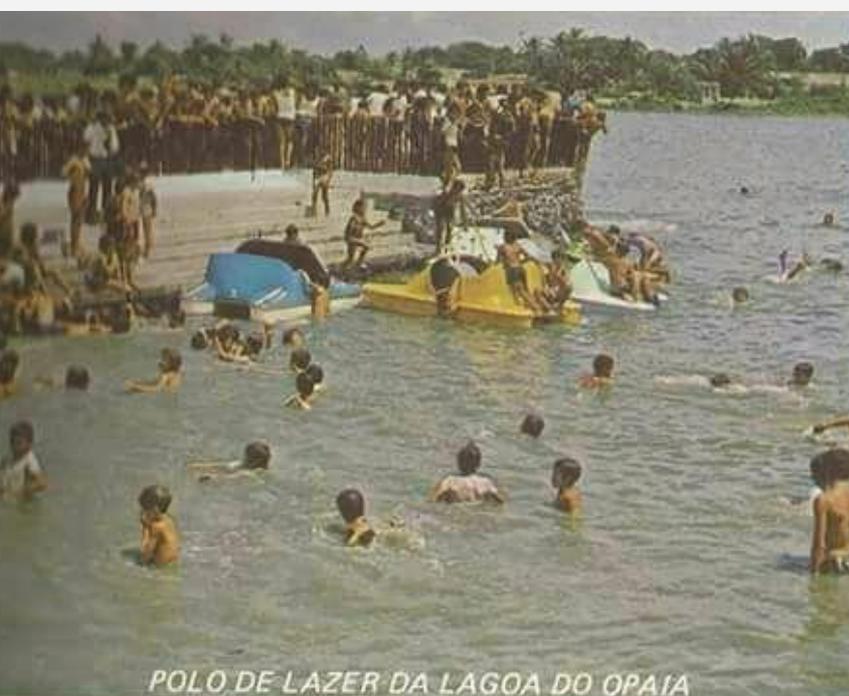
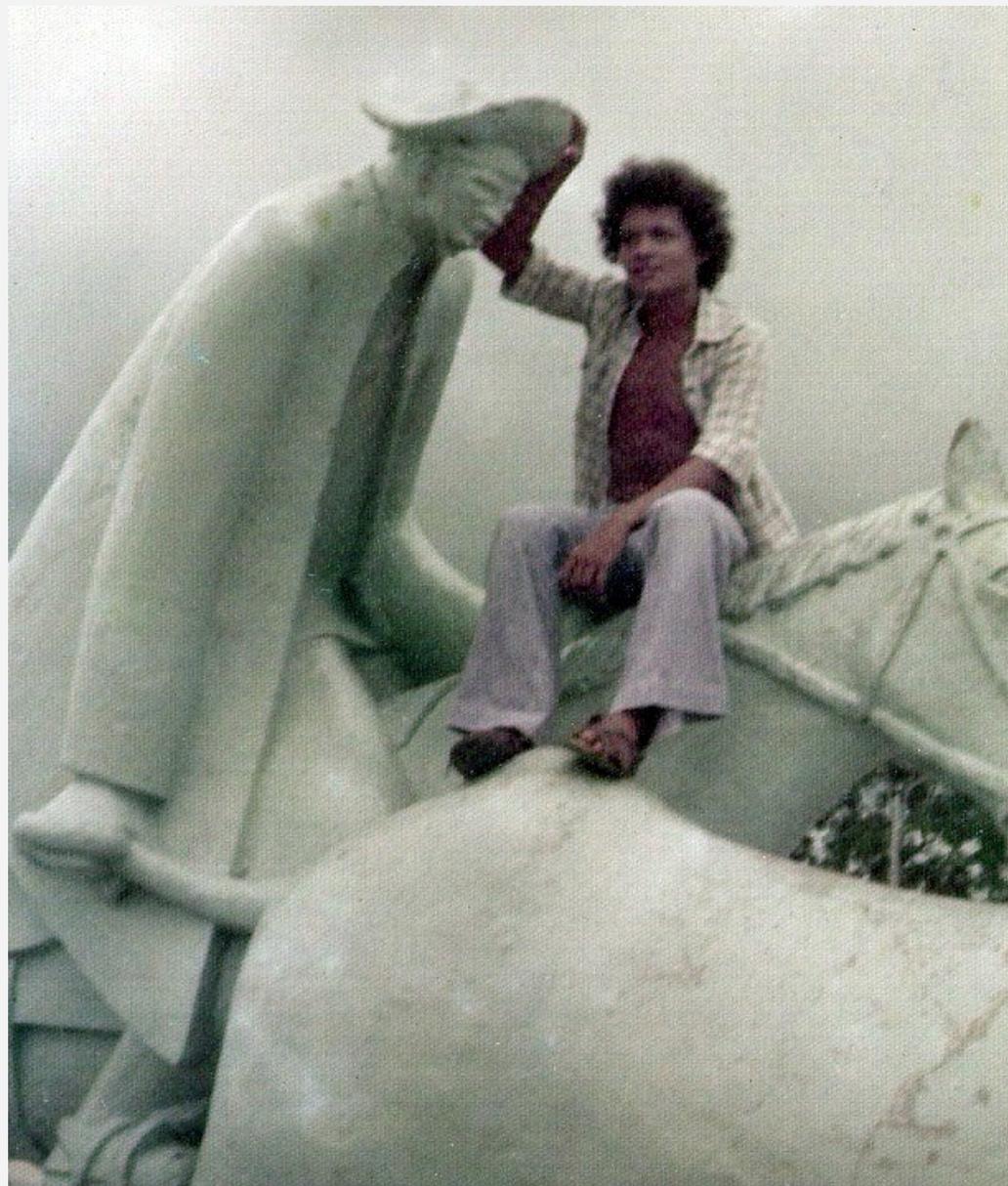


Figura 10. Cartão postal mostrando os Pedalinhos da Lagoa do Opaia, na década de 80. Fonte: grupo Fortaleza Antiga, no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/Fortalezantigaoficial/posts/2028409477176222/>. Último acesso em 11 de fevereiro de 2022.



Figura 11. Banho na Lagoa do Opaia na década de 70. Fonte: Diário do Nordeste. Obtida na página Fortaleza em Fotos, no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/ortalezaemfotos/posts/2053734464762582>. Último acesso em 11 de fevereiro de 2022.



Figuras 12 e 13. Pessoas tirando foto com o Monumento ao Vaqueiro. Subir na “estátua do boi” era muito comum e diversão das crianças da época. Obtidas no grupo Fortaleza Antiga, no Facebook. Disponíveis em: <https://www.facebook.com/groups/Fortalezantigaoficial/posts/2323153461035154/> e <https://www.facebook.com/groups/Fortalezantigaoficial/posts/3781487131868439/>. Último acesso em 11 de fevereiro de 2022.





Figuras 14 e 15. Fotografias na Praça do Vaqueiro. A esquerda, com o Vaqueiro ao fundo, podendo ver a sala que existia na base do monumento. A direita, carrocinha puxada a cabritos que dava voltas na praça. Obtidas no grupo Fortaleza Antiga, no Facebook. Disponíveis em:

<https://www.facebook.com/groups/Fortalezantigaoficial/posts/3547571758593312/> e

<https://www.facebook.com/groups/Fortalezantigaoficial/posts/2098693536814482/>. Último acesso em 11 de fevereiro de 2022.

A "estátua do boi" também virava elemento lúdico, e as pessoas subiam no Monumento como brincadeira ou para serem fotografadas (figuras 12 e 13). O desenvolvimento desse núcleo é acompanhado também pela abertura da Boate "Senzala" (depois Boate Boeing Boeing, até o fechamento), de um clube de futebol de salão e — mesmo que não relacionado ao lazer — à inauguração da Companhia de Água e Esgoto do Ceará (Cagece) em 1971, com Sede construída também na vizinhança imediata da Praça.

Esse cenário perdurou de certa forma estável até a década de 1990. Começa a se desenhar como política de estado do chamado "governo de mudanças" um enfoque turístico e desejo de colocar Fortaleza nos itinerários de viagens principalmente dos países europeus — a cidade teria de ser um "Caribe brasileiro" ou a "Miami do nordeste" (MACIEL, 2006, pp.76-80). Como apresentado por Maciel e por Sampaio, essa internacionalização da cidade implicava na internacionalização do Aeroporto Pinto Martins, que deveria atender a legislações e requerimentos técnicos mais exigentes, inviáveis na estrutura do equipamento ali existente. Dessa forma, são estudadas alternativas para essa mudança, optando finalmente pela construção de um novo terminal que aproveitaria a pista existente, com entrada única pelo bairro da Serrinha¹⁰ (MACIEL, 2006, pp.49-51; SAMPAIO, 2018, pp.33-34).

Com a reforma e inauguração do novo terminal, o Aeroporto antigo transformar-se-ia em Terminal de Aviação Geral (TAG), núcleo responsável pelos serviços de táxi aéreo e de voos particulares. O Aeroporto é deslocado, separando-se do Vila União e bairros adjacentes. Tendo em vista a importância do Aeroporto na estruturação do território até este momento, essa mudança viria a desencadear uma série de desdobramentos para a Praça do Vaqueiro, para a Lagoa do Opaia e para a população do entorno.

10. Em 1988, já se encaminhavam acordos para a transformação do Aeroporto com a execução de uma nova estação de passageiros, e em 1990, a abertura de um edital de concorrência para a construção do novo terminal. As propostas desse período avançariam nas proximidades da Lagoa do Opaia e foram rejeitadas com protestos pelas lideranças dos bairros afetados, principalmente do Vila União. (MACIEL, 2006, p.50) MACIEL destaca que, apesar de uma oposição ao governo sugerir a construção do novo Aeroporto fora do município, tendo em vista os impactos na malha urbana, permaneceu a proposta de mais baixo custo, a qual aproveitaria a estrutura preexistente. Mesmo sendo a opção mais viável, problemas de recursos dificultaram o início das obras. (MACIEL, 2006, pp. 50-51)

CAPÍTULO 2

Deterioração do núcleo urbano do Aeroporto antigo

Quando passou a abrigar somente as atividades de táxi aéreo e de voos particulares, o Terminal do Vila União tornou-se um equipamento de acesso muito limitado. Esses serviços são caros e apenas grupos seletos de pessoas fazem uso deles — e a entrada passa a ser permitida somente a elas. Se a atividade desse Aeroporto Antigo passa a ser mais exclusiva, é também excludente. A visitação a esse núcleo da cidade diminui muito, marcando o início de um processo de desvalorização da Praça do Vaqueiro e, indiretamente, do Polo de Lazer da Lagoa do Opaia. A desvalorização ultrapassa as noções de utilização e abandono dos espaços públicos de lazer, mas influencia também no interesse pela manutenção deles e da vizinhança que os circundam.

Essas mudanças não afetam espaços somente. Maciel pesquisou as populações afetadas pelas modificações e remoções promovidas na construção do Aeroporto Internacional, permitindo levantar discussões acerca das dimensões humanas e sociais nessa transição. Como o autor afirma, a fiscalização das normas urbanísticas que se intensifica com o processo é usada de forma a remover e deslegitimar as moradias do entorno construídas sem registro legal. Além disso, muitas pessoas, principalmente no Vila União, tinham sua fonte de renda advinda do próprio aeroporto ou associada a ele: funcionários das companhias aéreas e funcionários do próprio terminal aeroportuário, pessoas que trabalhavam com marmitas ou restaurantes dentro e no entorno dele. Para elas, "a mudança provocada pela construção do atual Aeroporto significava ter que se transferir de residência para um local mais próximo ao equipamento. A ameaça de perder os clientes era encarada como uma decisão difícil de ser tomada" (MACIEL, 2006, p.119). Dessa forma, para essas pessoas "o Aeroporto de Fortaleza não representa mais visitantes para a Cidade, como tendem a referir os representantes governamentais e do trade turístico, mas um espaço significativo de suas vidas e da forma como experimentaram as transformações no tempo e no espaço" (MACIEL, 2006, pp.122-123) sendo essas transformações muitas

vezes impostas a elas, pela ameaça ao seu direito de moradia, necessidade de reassentamento ou de procurar um outro lugar onde conseguir nova renda.

O declínio dos serviços, enfraquecidos pela perda da movimentação que era antes trazida pelo Aeroporto, foi generalizada, e as opções de lazer na Praça sofreram da mesma forma que os empregos já mencionados. Sorveteria e lanchonetes, aluguel de carrinhos, passeio de charrete, todos foram abandonados rapidamente com a mudança. Além desses serviços mais memoráveis que existiam na praça, também havia pessoas que vigiavam ou que lavavam os carros, outras que pediam esmola, que foram também afetadas pela mudança e declínio da visitação a esse núcleo do aeroporto antigo¹¹. Essas atividades, tradicionalmente percebidas com reservas, foram barradas consideravelmente no Aeroporto Internacional que se construiu na Serrinha, com um estacionamento fechado, gradeado, vigiado:

"L  [no antigo Aeroporto] existia muita criança, devido aquela favela que tem na Lagoa do Opaia, n ? Com a mudança pra c , a garotada não pode muito entrar aqui. Naquele tempo, eles entravam muito l , tinha muito aquela cultura da criança ficar na Praça do Vaqueiro e aquilo al  eles adentravam dentro do Aeroporto. Como aqui não tem muita coisa em volta do Aeroporto, eles não podem parar, não tem como estacionar aqui perto, n ?, ficar fazendo ponto, n ?, nem olhar carro" (...) "As residências são muito mais distantes, n ? Por exemplo, a Serrinha t  mais distante do Aeroporto, enquanto l  eram poucos metros do Aeroporto. Al  era... ainda hoje eles têm l  aquelas casas, não   bem favela, mas são casas improvisadas, submoradas l  no antigo Aeroporto. (...)" (MACIEL, 2006, p.131-132)

Para além da praça, outros elementos do entorno declinaram similarmente, como no caso da Boate Boeing Boeing, ou do campo de futebol de salão, que não existem mais. Há uma falta de informa o específica sobre quando os dois estabelecimentos fecharam, mas a rela o com o decaimento da moviment o antes trazida pelo Aeroporto parece certa. Em contraponto, a Cagece   um equipamento existente (talvez o único) no entorno imediato da praça que se mant m estável nesse cenário de mudanças. Isso corrobora para a interpreta o de que a moviment o associada ao Aeroporto era de extrema importância na garantia de funcionamento dos estabelecimentos deste núcleo urbano, porque a Companhia difere dos outros casos mencionados justamente na sua independência: a manuten o e funcionamento da Cagece adv m de recursos do poder público que existem desvinculados das rela es

11. Nas visitas de campo, foi-me dito por alguns instrutores de autoescolas que as pessoas ganhavam bem antigamente vigiando e lavando carros, porque o aeroporto era muito frequentado. Esses instrutores corroboram que a situa o mudou com a internacionaliza o do Aeroporto, e que agora são poucos aqueles que ainda trabalham com isso.

de vizinhança. As pessoas mobilizadas pela presença desse equipamento consistem somente em um corpo de funcionários que vai ao local para o trabalho. E, em geral, essa condição de estar no espaço por conta do emprego não resulta em um engajamento ou permanência nos espaços públicos de lazer além do simples deslocamento ou de pausas para refeição. Mesmo nesse quadro de independência, há certo grau de influência e conexão com o entorno. Conforme alguns depoimentos obtidos em visitas de campo, foi justamente o corpo de funcionários da Cagece, por ser relativamente grande, que manteve o funcionamento de algumas marmitarias e das barraquinhas de almoço ou de lanches.

Retornando a uma análise de escala mais ampla, precisam ser considerados também os investimentos e manutenção dos espaços pelo poder público nesse processo de mudanças da região. Depois de inaugurado, o Polo de Lazer da Lagoa do Opaia não recebia cuidados contínuos, e por volta de 1985¹², os pedalinhos já não existiam mais, por exemplo. Quanto à Praça do Vaqueiro, os diários oficiais registram que houve reforma em 1980 (diário de 2 de junho de 1980, nº 6914) e em 1990 e 1994 há determinações que indicam que havia passado por manutenção recente¹³. Não parece haver registros de outros cuidados pelo poder público depois disso, mas o grupo União Vila União — Grupo UVU, de atuação militante no bairro, afirma que a última reforma oficial da praça ocorreu em 1999¹⁴.

Apesar de um cenário geral de poucos investimentos nesses espaços livres, em 2003 é criado o Ministério das Cidades em escala federal e a Fundação do Desenvolvimento Habitacional de Fortaleza (HABITAFOR) em escala municipal, desenhando-se intenções de melhoramentos partindo do poder público.

-
12. Comentário do dia 9 de fevereiro de 2018 em publicação no Facebook no grupo Fortaleza Antiga, de Antônio Carlos Correia de Freitas: "Não peguei os pedalinhos, quando frequentei muito por lá em 85 e 86, os lendários pedalinhos já não estavam funcionando. O público havia diminuído, penso que o auge foi entre 82 e 83. No entanto, o ambiente era tranquilo, havia dois restaurantes que ainda funcionavam." Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/Fortalezantigaoficial/permalink/2028409477176222/> (Último acesso em 11 de fevereiro de 2022)
 13. No diário de 28 de junho de 1990 (nº 9401) o decreto nº 8328 de 26 de junho de 1990 procura regular a afixação de propaganda eleitoral. O texto permite que seja feita em qualquer praça da cidade, mas exclui um conjunto de praças que na época estavam em reforma ou haviam passado por reforma recente, incluindo a Praça do Vaqueiro / Praça Brigadeiro Eduardo Gomes. Essa determinação se repete da mesma forma em 1994, aparecendo no decreto nº 9445 de 29 de junho de 1994, no diário de 1 de julho de 1994 (nº 10391).
 14. Informação disponível em <https://www.facebook.com/grupouvu/posts/2595123587442941>. Último acesso em 11 de fevereiro de 2022.

Com essa articulação, é implementado, com o Programa Habitar Brasil (PHBB)¹⁵ um projeto para reurbanização da Lagoa do Opaia¹⁶. Com financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID, a intervenção propôs reassentar 441 famílias do local e requalificar as margens da lagoa. O reassentamento foi feito com a construção do Conjunto Habitacional Planalto Universo, próximo à Av. Borges de Melo, entregue em 2005¹⁷.

Do ponto de vista paisagístico, o projeto aumentaria a área permeável da margem da lagoa, que poderia amortecer os efeitos de chuvas e reduzir chance de alagamentos. A margem foi em parte requalificada, sendo feitas reformas nos passeios, colocação de equipamento de exercício e playground, e delimitação de quatro quadras de futebol de areia. Essa requalificação decerto foi bem-vinda¹⁸.

Contudo, o projeto sofre o mesmo destino do Polo de Lazer de antes, e desde a inauguração segue em declínio. Sem investimentos e manutenção significativa¹⁹, vão

15. O primeiro Programa Habitar Brasil (ainda sem a parceria do BID) "surgiu como experiência piloto com objetivo de preparar os municípios para diminuir a precariedade destes assentamentos e melhorar a qualidade de vida de seus habitantes" (ANDRADE, 2008, p.4). Esse Programa surge num contexto nacional em que a remoção e "prevenção" de favelas não funcionava mais. Aceitar a existência da precariedade decorrente dos processos de urbanização brasileiros e trabalhar a partir desse entendimento inaugura políticas de requalificação, readequação e regularização. (ANDRADE, 2008, p.35)
16. É importante destacar que, segundo ANDRADE, não havia critérios técnicos limitantes na aplicação do PHBB, mas que havia critérios de elegibilidade referentes à condições socioeconômicas, ambientais, do nível de consolidação e organização da comunidade a ser atendida e da posse dos terrenos em questão, demonstrando que a comunidade foi reconhecida dentro desses critérios. (ANDRADE, 2008, pp.41-43) Para além disso, no caso específico da Lagoa do Opaia, assim como em outros casos, MOURA indica que havia interesse do mercado imobiliário na intervenção (MOURA, p.12), o que acabaria por ser um dos fatores decisivos na escolha pela criação desse projeto de reurbanização.
17. O conjunto receberia depois mais 144 famílias removidas do conjunto Maravilha em 2007. É importante destacar também que o Planalto Universo aparece como assentamento precário no levantamento do PLHIS-For de 2012, em função de irregularidades. Dois anos depois, são coletadas assinaturas dos moradores para produzir os documentos de habite-se. 268 títulos de propriedade foram entregues em 2015, noticiado como um fato excepcional, já que pela primeira vez um conjunto habitacional construído pelo poder municipal estaria registrando escrituras definitivas, em vez de termos de cessão (disponível em <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/prefeito-roberto-claudio-entrega-268-titulos-de-propriedade-no-conjunto-planalto> Último acesso em 11 de fevereiro de 2022).
18. Da Escola Haroldo Braun Vieira, a vice-diretora (na época da entrevista) "relatou com muita empolgação o trabalho desenvolvido em outubro de 2005: I Grito da Lagoa. O objetivo geral do evento foi 'agradecer aos órgãos públicos o projeto de revitalização da Lagoa e reivindicar a continuidade do Projeto de Reassentamento e Reurbanização da Área', que, segundo a professora, contribuía significativamente para a 'preservação da área e a promoção de melhorias'. (CRUZ, 2009, pp.32-33)
19. São enfatizados nas notícias basicamente as limpezas eventuais da Lagoa, muitas vezes promovidos com ajuda da Cagece. Em 2015 é entregue um parquinho infantil (Praça Avião) na margem do Opaia, vizinha ao CRAS, e em 2018-2019, como parte do projeto de compensação arbórea na cidade, vão sendo plantadas mudas de espécies nativas e frutíferas.

surgindo reivindicações junto à Prefeitura de Fortaleza para que seja feito algo a favor do Parque da Lagoa do Opaia, que se torna “quadro de abandono” — como aparece na chamada de algumas matérias jornalísticas. Segundo Correia:

Uma reportagem de abril de 2004 traz a promessa de melhorias na forma de um projeto de reurbanização das margens da Lagoa, [que era] prevista “em janeiro de 2002 (...) pelo coordenador da Habitafor (...)”. Tendo esse prazo expirado, a intenção seria concluir as obras necessárias até julho do mesmo ano. Ainda assim, é possível encontrar as mesmas demandas numa reportagem de julho de 2008 e em diversas datas posteriores. (2020, pp.68-69)

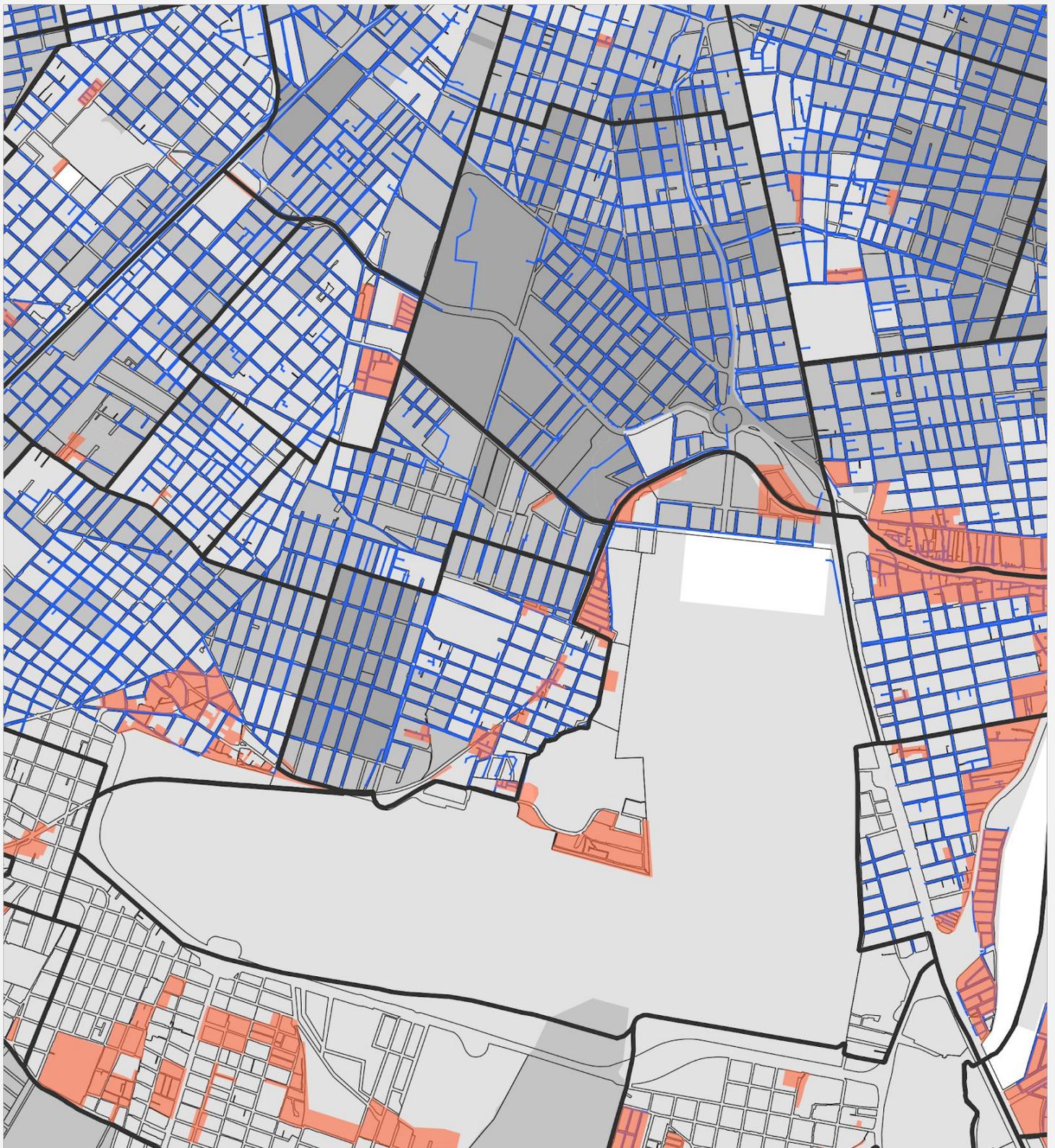
Finalmente, em 2019, a Secretaria de Infraestrutura lança vídeo de maquete virtual do projeto para a Lagoa, prometido à população. Deverá, se executado, reformar as quadras, readequar passeios e calçadas e construir quiosques — Box Mulheres Empreendedoras —, estes últimos priorizando o empreendedorismo feminino²⁰.

Com essas informações, é importante distinguir nesse contexto ações paliativas e outras mais transformadoras. Para além de revitalização do paisagismo ou dos equipamentos que se deterioraram com o tempo, é necessário discutir a garantia da sustentabilidade ecológica da Lagoa, cujo principal empecilho é a poluição. Essa poluição inviabiliza o banho e tem impactado os recursos naturais. Por exemplo, com a diminuição do número de peixes e contaminação deles, a pesca passa a não ser mais uma forma viável de sustento. Se há mau cheiro, também causa desconforto e dessa forma até usar as margens para o lazer é desagradável. Assim, a sustentabilidade atravessa múltiplas dimensões da Lagoa do Opaia e dos arredores.

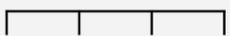
Em meio a um cenário de ocupação precária, a sustentabilidade está diretamente condicionada a uma questão estrutural de esgotamento adequado. Desde as primeiras intervenções do poder público, no entanto, a comunidade da Lagoa do Opaia mostra nunca ter sido integrada à rede de esgoto ([mapa 1](#)). Ou seja, mesmo com as obras de limpeza, que já são eventuais, nunca foi possível evitar o lançamento de dejetos e águas cinzas na Lagoa.

É fácil admitir a poluição como consequência unicamente das conexões ilegais de esgoto ou do despejo de lixo ou entulho, responsabilizando a população marginalizada desses espaços. Nesse sentido, a pesquisa de Cruz investiga as práticas e processos da educação ambiental nas escolas para os jovens das imediações do

20. Disponível em <https://youtu.be/A6zLV6y-Lm4>. Último acesso em 11 de fevereiro de 2022.



0 250 500 750 m



LEGENDA

- | | | | | | |
|--------------------|--|----------------------------|--|--------|-------|
| Limite dos Bairros | Assentamentos informais segundo PLHIS For 2012 | Rede de saneamento pública | Renda média do Setor Censitário 0-3 SM | 0-6 SM | >6 SM |
| Quadras | | | Sem dados | | |

Mapa 1. Cobertura da rede de saneamento pública em contraste aos assentamentos precários e a um gradiente de renda média por setores censitários. Escala 1:25.000. Fonte: Elaboração própria com base nos dados do PLHIS For 2012, do IBGE de 2010 e disponibilizados pela PMF.

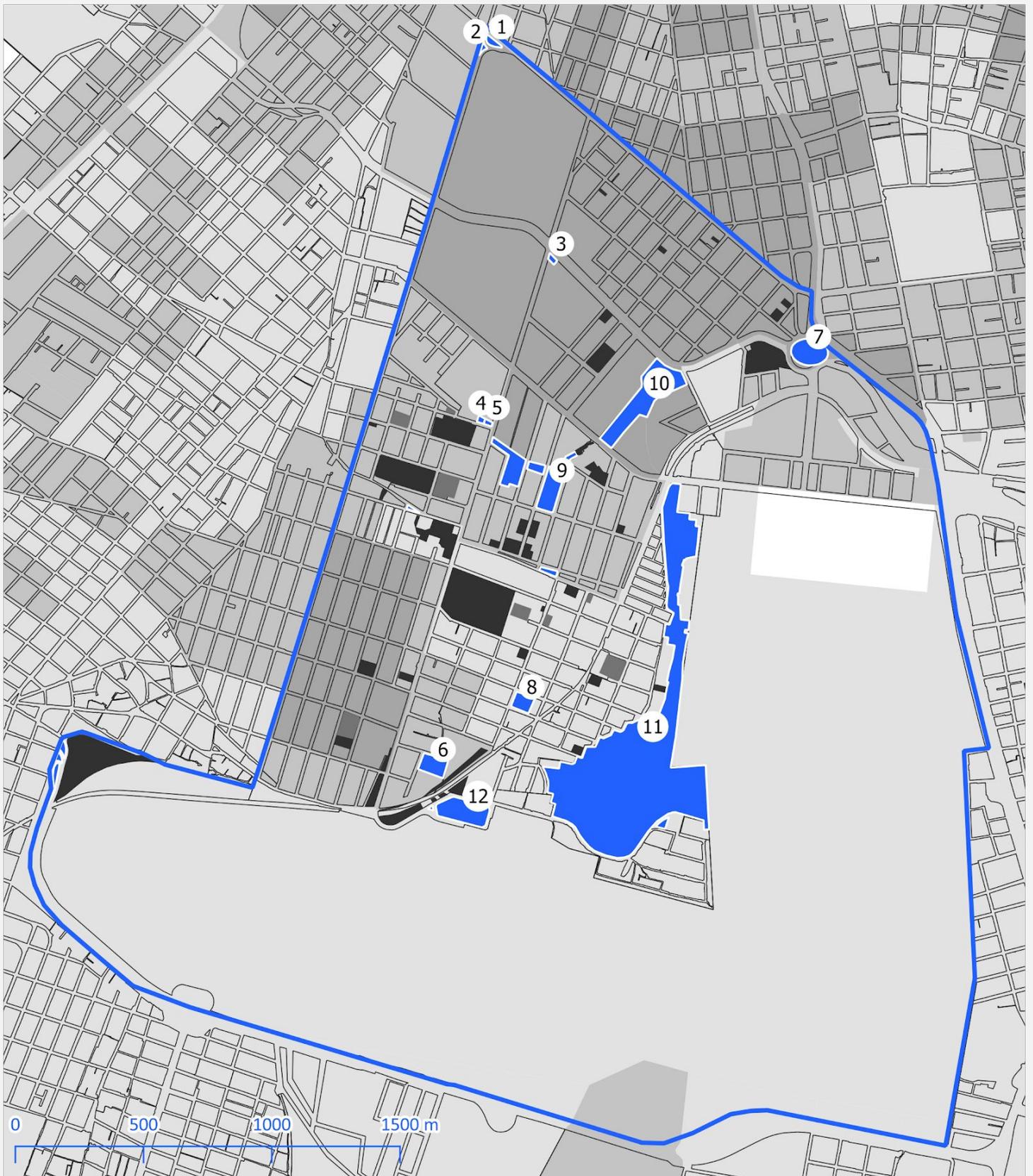
Opaia. Sem dúvida, a educação da população tem impactos diretos no tratamento e na relação com o meio ambiente, sendo essencial nos contextos de mananciais hídricos e outros recursos naturais em que se tenta recuperar ou evitar a destruição. Como demonstra a pesquisa, apesar de uma conexão forte das pessoas no passado com a Lagoa do Opaia, as novas gerações não têm mais esses referenciais, vivendo e constatando, pelo contrário, a degradação ambiental que se estabeleceu na Lagoa²¹. Com os alagamentos ou os períodos de propagação de mosquitos, a Lagoa pode ser vista não como um recurso, mas como um problema, o que reforça a necessidade de práticas de conscientização e educação ambiental.

Para ser efetiva, essa educação precisa vir acompanhada de transformações estruturais, perpassando aqueles pontos já comentados relativos à sustentabilidade ecológica. Por exemplo, a implementação de obras de saneamento público e o atendimento efetivo pelo serviço de coleta de lixo, com a criação também de pontos de descarte adequado de lixo e entulho, especialmente ao longo do Parque do Opaia.

Com essa análise, entende-se que, mesmo com um período de investimentos concreta e diretamente aplicados na Lagoa, no começo dos anos 2000, não se reverteu o quadro geral de declínio. Para além disso, a intervenção sobre o Parque do Opaia não conectou a Lagoa aos demais espaços livres ou aos equipamentos públicos de destaque, fora o CRAS Vila União. A continuidade de espaços livres acontece somente na direção Norte, onde segue o muro da Base Aérea e alcança o Conjunto Planalto Universo, que se resume basicamente à vegetação ([mapa 2](#)). A continuidade dos espaços livres é importante não somente para facilitar o acesso, mas também para integração dos diferentes espaços, promovendo interações mais profundas e de melhor qualidade socioecológica.

A conexão mais próxima e mais viável seria justamente com a Praça do Vaqueiro, visto que a lagoa e a praça são separadas apenas por duas quadras, considerando que o trecho da Av. Lauro Vieira Chaves entre elas é bastante larga. A calçada sul é arborizada, e, ao circundar equipamento público (o Aeroporto), possivelmente

21. Como relatado por CRUZ, "Constateram-se que, quando os professores presentes e eu relatávamos sobre como a Lagoa já tinha sido um dia limpa, bonita e cheia de espaços de lazer, as crianças e os jovens demonstravam total descrença, ilustrada nos sorrisos jocosos e nas ironias sobre os peixes mortos que há hoje na Lagoa. Admiravam-se em saber que, um dia, existiam quadras de esportes onde era possível a prática de voleibol, de basquetebol e de futebol de salão; causava estranheza saber que a Lagoa já havia sido própria para o banho, pesca e passeios de pedalinhas." (CRUZ, 2009, p.36)



LEGENDA

- Recorte de Estudo
- Espaços Livres
- Semivazio
- Vazio
- Quadras

Renda média do Setor Censitário

- Sem dados
- 0-3 SM
- 0-6 SM
- >6 SM

Mapa 2. Espaços livres e vazios urbanos. Escala 1:25.000. Fonte: Elaboração própria com base nas imagens de satélite e dados do IBGE de 2010.

- | | |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> 1 Praça do 23°BC 2 Praça Luciano Carneiro 3 Ecoponto Fátima 4 Ecoponto Parreão 5 Areninha Parreão 6 Areninha Vila União | <ul style="list-style-type: none"> 7 Praça Manuel Dias Branco 8 Praça Vila União 9 Praça Parreão II 10 Parque Parreão I 11 Parque Opaia 12 Praça do Vaqueiro |
|--|--|

facilitaria a viabilização de intervenção futura. Essa conexão daria continuidade aos espaços de lazer e incentivaria a utilização da praça, isolada desde a mudança do Pinto Martins, como discutido previamente.

Ao contrário da Lagoa, que foi objeto de um projeto de reurbanização de larga escala, a praça teve apenas intervenções mínimas desde 1999. Uma notícia de 2013 menciona que em 2010 houve reparo do Monumento ao Vaqueiro e modificação do estacionamento²². Essa notícia, no entanto, “faz um alerta para as condições precárias em que se encontra a praça Brigadeiro Eduardo Gomes”, descrevendo o cenário de abandono de um espaço que não é mais utilizado pela população: “Bancos quebrados, calçadas e canteiros danificados, mato crescido, pedras e paralelepípedos soltos e até restos de entulho integram a paisagem do que antes servia como ponto de encontro de diversas famílias, especialmente aos finais de semana.” A Infraero prometeria uma reforma bastante abrangente para o final daquele ano (2013), a qual deveria adequar a praça com nivelamento dos pisos, instalação de bancos de concreto e além disso fechar a área de estacionamento com cerca metálica²³. Essa reforma não aconteceu.

A falta de investimentos continua e, em 2015, moradores se deparariam com o fechamento do acesso à praça, com bollards metálicos fincados na rua, por donos de um estacionamento privado²⁴. Diante da irregularidade, foi ordenada a retirada das barreiras após abertura de reclamações. Apesar de não ter tido um efeito permanente, esse episódio serve para demonstrar que a praça estava facilmente sujeita à apropriação por interesses particulares. Por outro lado, a reivindicação pela retirada demonstra também que existe engajamento pela manutenção de interesses coletivos.

Em novembro do mesmo ano, é feita uma reportagem pela TV Fortaleza sobre as demandas e reclamações dos moradores sobre a Praça. Na palavra dos

-
22. O estacionamento teve a entrada do lado oeste fechada com uma calçada e no lado leste foi refeita toda a entrada, com a construção de duas guaritas, de entrada e saída.
 23. Da redação do Diário do Nordeste, em 4 de junho de 2013. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/praca-sofre-com-abandono-e-descaso-1.315863> Último acesso em 11 de fevereiro de 2022.
 24. No blog Agência Grande Fortaleza de Notícias, em 10 de setembro de 2015. Disponível em: <https://agenciafortalezadenoticias.blogspot.com/2015/09/praca-do-vaqueiro.html>. Último acesso em 11 de fevereiro de 2022.

entrevistados²⁵:

"Essa praça era coisa de cinema, agora infelizmente como você vê aí tá toda deteriorada, acabada... Prefeitura não sei o que é que tá fazendo, quer dizer, podendo tá investindo numa praça dessa. Que hoje em dia o que tem muito aqui é gato que o pessoal solta aqui, quer dizer, a sujeira total... E ninguém sabe, ninguém sabe até que ponto vai. E o pior é que tentaram privatizar essa praça, por incrível que pareça, com estacionamento."

"Aqui eu acho que precisa mais segurança, porque também por aqui rola muito coisa de roubo, de assalto, e iluminação, mas também estrutura, porque aqui é muito abandonado"

"Tivesse quadra de futebol, basquete, vôlei, para as pessoas mais frequentar, seus filhos ficar brincando e elas poder andar; segurança também, iluminação..."

A reportagem também destaca: "Para mudar essa realidade tramita na Câmara Municipal de Fortaleza um projeto de indicação para revitalização da Praça do Vaqueiro (...). A iniciativa já foi aprovada pela população, para que os jovens de hoje possam também usufruir do que era praça e não fique apenas nos sonhos". Novamente, isso não seria colocado em prática. Pelo Grupo União Vila União, é possível saber que, em 2018, seria pedido oficialmente à Fraport²⁶, através do Ministério Público, a execução de reforma da Praça, destacando mais uma vez as péssimas condições dela: "(...) completamente destruída, se é que a gente pode chamar de praça (...) só o que se mantém de pé lá é as árvores"²⁷. Nessa época, a resposta foi um encaminhamento para que a Fraport elaborasse um cronograma de reforma, acrescentando: "de antemão, se a Fraport disser que não vai reformar, revitalizar a praça, vamos solicitar (...) que entre com ação pública também"²⁸.

Esse trâmite continua até 2019. A Fraport iria afirmar em resposta que,

"apesar da praça se encontrar no perímetro do sítio aeroportuário, não há no contrato de concessão dispositivo algum que obrigue a representada a fazer qualquer revitalização no local, já que as melhorias previstas pelo poder concedente estão exclusivamente voltadas para a área de movimentação de aeronaves e do terminal de passageiros".

acrescentando também que estariam sendo realizados paralelamente estudos de

25. Disponível em https://youtu.be/FUC8hUG6H_Y. Último acesso em 11 de fevereiro de 2022.

26. A Fraport ganhou responsabilidade pelo Sítio Aeroportuário, em que a Praça se insere, desde a concessão em 2017.

27. No vídeo, também é informado que as guaritas e a sala que ficava abaixo do Monumento ao Vaqueiro (a qual era usada para cursos voltados para jovens) estavam arruinadas. Em algum momento entre essa postagem e 2020 (observado em minhas visitas de campo), esses espaços foram fechados com alvenaria e rebocados.

28. Informações da postagem do Grupo União Vila União de 4 de novembro de 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/grupovvu/videos/1766530110121950> Último acesso em 11 de fevereiro de 2022.

possíveis intervenções na Praça. Apesar disso, o Grupo UVU passa a entrar com interposição. O pedido anterior demandava revitalização da praça. Com a negativa da Fraport, a tentativa seria lutar, pelo menos, para a implementação de soluções para garantir a acessibilidade ao Monumento ao Vaqueiro, cuja chegada se faz somente por escada, atualmente. O grupo defende: "Não interessa se é uma empresa pública, se é uma empresa privada, a Praça do Vaqueiro é um equipamento público de uso coletivo, portanto, tem que haver acessibilidade para as pessoas vivendo com deficiência"²⁹. Depois disso, a única ação concreta na praça parecia ter sido a estação do Bicletar³⁰ instalada em outubro de 2020³¹. Recentemente, em julho de 2021, a praça foi completamente gradeada e uma das guaritas da porção leste foi reformada. A colocação da grade parece ser mais uma atitude simbólica que de segurança (a grade não atinge nem 1,5m de altura): agora é fechada, mostrando ser “propriedade do Aeroporto” (figura 10).

Figura 15.
Grade instalada
ao redor da
praça
recentemente.
Fonte: foto do
acervo do
autor (de
agosto de
2021).



-
29. Informações da postagem do Grupo União Vila União de 29 de novembro de 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/1675281849427124/videos/2497202330399236> Último acesso em 11 de fevereiro de 2022.
30. O Bicletar é um projeto municipal de transporte urbano sustentável feito pelo compartilhamento de bicicletas, em parceria da Prefeitura com as empresas Unimed e Sertel.
31. Informação disponível em <https://www.facebook.com/benignojr/photos/a.569630446384841/3988348607846324>. Último acesso em 11 de fevereiro de 2022.

Toda essa retrospectiva confirma a noção de que a Praça Brigadeiro Eduardo Gomes aparenta ser apenas resquício daquilo que era nas décadas de 1960, 1970 e 1980. Ao contrário de tempos passados, é raro ver pessoas utilizando a praça como espaço de lazer. A permanência é especialmente dificultada por não haver nenhum mobiliário além das mesas e cadeiras que são colocadas temporariamente pela barraquinha de venda de almoço e pelo carrinho de tapioca. Fora isso, as pessoas sentam-se apenas onde há desnível entre a calçada e o resto do terreno, ou se escoram nas árvores.

Qual seria o uso principal da praça, senão o lazer? A utilização com mais destaque, em vistas do grande estacionamento e pouca movimentação, é a apropriação do espaço para a prática das autoescolas do bairro. Ela é também utilizada pelos funcionários do TAG e, principalmente, da Cagece. No entanto, o estacionamento fica na porção sul, pouco arborizada (figuras 16, 17 e 18). O que se observa então é que a maioria dos motoristas ignora a pavimentação existente e param seus carros na sombra das árvores, passando sobre as calçadas, passeios ou canteiros (figuras 19 e 20). Em verdade disso, a condição dos calçamentos é muito precária, com os pisos soltos, afundados na areia ou ainda levantados pelas raízes das árvores que adquiriram grande porte. Essas árvores são, por sinal, uma amenidade da Praça que persistiu ao longo dos anos. Os grandes cajueiros e mangueiras a sombreiam muito adequadamente na porção norte (figuras 21, 22 e 23).

Além dessas árvores, contudo, o paisagismo da praça foi quase completamente perdido. Alguns passeios entrecortam a praça na forma de caminhos, mas todo o restante é um grande areal. Existem algumas palmeiras de grande porte, outras pequenas (provavelmente arecas) e uma ou outra planta de pequeno porte, acompanhando trechos dos passeios, mas nada fora isso. Como os passeios formam um percurso contínuo, é possível ver uma ou outra pessoa praticando corrida. Contudo, como já mencionado, a condição das calçadas é precária, com muitos desníveis em especial no perímetro da praça. Na parte norte, os canteiros onde foram plantadas as árvores deixam um espaço insuficiente para duas pessoas caminharem lado a lado.

Existem também algumas outras formas de lazer na praça. Pelos mesmos motivos que levam o estacionamento a ser aproveitado pelas autoescolas, vê-se que grupos de pessoas vão à praça andar de bicicleta ou de moto, onde têm liberdade para fazer manobras. São poucas, mas algumas famílias usam a praça para passear com crianças, onde elas podem brincar. Outros na praça vão derrubar e catar manga das



Figuras 16, 17 e 18.
Fotografias do lado sul da praça, mais árido. É possível ver a estátua de Santos Dumont ao fundo das duas primeiras imagens. Fonte: acervo do autor (de dezembro de 2020).



Figuras 19 e 20.

Pouca utilização do estacionamento e parada inadequada dos carros à sombra das árvores, contribuindo para a deterioração do calçamento. Fonte: acervo do autor (de janeiro de 2021).



Figuras 21, 22 e 23.
Fotografias do lado norte da praça, sombreado pela arborização. Fonte: acervo do autor (de dezembro de 2020).

árvores. À noite, algumas pessoas se reúnem também para praticar treino funcional juntas.

A estátua do Monumento ao Vaqueiro foi recentemente pintada (figura 24) — a pichação era uma das reclamações mais comuns nos meios de comunicação e redes sociais sobre a Praça. A escada de acesso de acesso à estátua, sem corrimão algum, não é adequada para uma subida segura, e como discutido, foi demandada intervenção para garantir acessibilidade ao monumento, preferencialmente com uma rampa. Ressalta-se também que a sala que existia na base do Monumento, exposta a sujeira e utilização indevida, foi fechada.



Figura 24. Monumento ao Vaqueiro, recentemente pintado. Fonte: acervo do autor (de dezembro de 2020).

Finalmente, quanto à interconexão da praça ao resto da cidade, existe a estação do Bicicletar inaugurada em 2020, e duas paradas de ônibus nas imediações. Apenas duas linhas de ônibus utilizam essas paradas: 502 - Vila União e 025 - Opaia / Lagoa, contudo (mapa 3). A linha 064 - Corujão / Aeroporto / Centro / Rodoviária também tinha parada na praça, mas essa linha foi encerrada com as determinações advindas



LEGENDA

Linhas de ônibus

— 025 - OPAIA / LAGOA

— 502 - VILA UNIÃO

Renda média do Setor Censitário

□ Sem dados

□ 0-3 SM

□ 0-6 SM

□ >6 SM

Mapa 3. Conexão limitada da Praça do Vaqueiro à outras partes da Cidade pelo modal ônibus. Apenas as linhas 025 - OPAIA / LAGOA e 502 - VILA UNIÃO fazem parada no local. Escala 1:200.000. Fonte: Elaboração própria com base nos dados do PLHIS For 2012, do IBGE de 2010 e disponibilizados pela PMF.

de pandemia do covid-19³². A conexão viária da praça com a Lagoa e as residências do entorno pelo leste e pelo norte é satisfatória, já que os trechos da Av. Lauro Vieira Chaves e da R. Jorge Acúrcio têm uma pavimentação e asfaltamento adequado e um certo nível de arborização. Por outro lado, a conexão a oeste com a Avenida Luciano Carneiro é bastante problemática. O percurso de cerca de 280 metros é árido, sem sombreamento algum e apenas alguns intervalos têm calçada. Inseguro e desconfortável para o pedestre, esse caminho desestimula as pessoas a irem à Praça pela principal via do Bairro Vila União. Mesmo quando alcança a Av. Luciano Carneiro, a interseção é cortada pelo trilho do VLT Parangaba-Mucuripe, e precisar atravessar diretamente sobre os trilhos é outro elemento que aumenta a sensação de insegurança e desconforto. Ainda mais, esse VLT tem uma estação no Vila União, mas que não articula os diferentes espaços livres da região. A estação poderia ter sido construída dando acesso direto à Praça Vila União, e a saída à leste sido acompanhada de intervenção paisagística na rua que desce para a Lagoa, o que permitiria tentar conectar melhor estes dois espaços livres.

Dessa forma, conclui-se então que o núcleo urbano do Aeroporto antigo é precário na interconexão dos espaços e na qualidade das áreas livres. A praça e a lagoa encontram-se desgastadas, com equipamentos deteriorados ou sem mobiliário algum no caso da primeira. Além disso, não existem equipamentos que estimulem a visitação e convivência nessa área para além dos movimentos da própria vizinhança. Essa falta leva a um esvaziamento do espaço e à perspectiva de não haver interesse da população por eles.

Em resumo, o núcleo urbano do antigo Pinto Martins constitui um recanto da cidade marcado por uma progressiva decadência desde a transformação do Pinto Martins em Aeroporto Internacional no fim da década de 1990, situação ilustrada aqui principalmente na Praça do Vaqueiro. Perder o elemento que atraía pessoas a participarem e se apropriarem do entorno e receber apenas mínimas ações de intervenção ao longo dos anos fizeram com que os espaços se deteriorassem sem haver renovação.

Formou-se um ciclo vicioso: sem recuperação, o espaço torna-se inadequado, perde

32. Informação disponível em <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/06/26/linhas-de-onibus-corujao-deixam-de-circular-temporariamente-em-fortaleza-a-partir-deste-sabado.ghtml>. Último acesso em 11 de fevereiro de 2022.

seu valor de uso e conseqüentemente o valor simbólico. Se perde esses valores (tanto para a população quanto para a administração pública), perde-se também o zelo, a disposição por cuidar desse espaço, que se torna um “lugar de ninguém”. Para além desse sentimento, um espaço que não é tido como significativo pode ser facilmente tomado por interesses individuais, como observado em 2015 com o episódio de fechamento do acesso à praça para fazer um estacionamento privativo, ou, agora, pela Fraport, com o gradeamento. Afinal, a Fraport, responsável pelo Aeroporto com a concessão de uso, também defende interesses particulares — se a praça foi incluída no sítio aeroportuário na concessão, é tida para eles como patrimônio reservado ao Aeroporto. Na verdade, observando o relatório de engenharia e afins produzido para estudo dos pormenores da concessão, é ressaltado que o TAG tem dimensões superiores ao necessário para as atividades de táxi aéreo e voos particulares³³ e, como em sequência, surge notícia: “Antigo terminal de passageiros deve virar shopping e estacionamento”³⁴, o que indica que a Praça poderá ser assimilada aos interesses desse projeto num futuro próximo.

Isso não significa que não há futuros alternativos. A praça sempre aparece na narrativa das pessoas como um resquício de um passado pelo qual elas têm afeto. Requalificá-la é uma alternativa de reconexão das pessoas a esse local. Mas a requalificação individual da praça não é solução. Como discutido ao longo de toda essa pesquisa, os espaços estão interligados e conectados com as pessoas. A requalificação da Praça do Vaqueiro precisa ser acompanhada de uma revitalização do Parque da Lagoa do Opaia, e a manutenção da Lagoa como um parque sustentável depende do atendimento das necessidades das comunidades em redor, em especial o saneamento básico. Com um entorno que não se comunica mais francamente com a Praça, como fazia o Aeroporto, levanta-se também a possibilidade de um equipamento público de acesso livre à população que permita intermediar os processos de melhoria desse território, e atrair mais pessoas a participarem desse espaço, de tantos recursos, de tamanha potencialidade.

33. “Suas dimensões, 8.820m², são superdimensionadas para a atividade atual e suas características permitem que seja uma edificação alternativa ao TPS existente, podendo ser complementar e utilizada para pequenas operações”. (CONSÓRCIO AÉREO BRASIL, 2015, p.132)

34. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/economia/2021/02/25/fraport-vai-conceder-antigo-terminal-para-construcao-de-centro-comercial-e-estacionamento.html> Último acesso em 11 de fevereiro de 2022.

CAPÍTULO 3

Intervir no
território:
busca por
um novo
equipamento
urbano

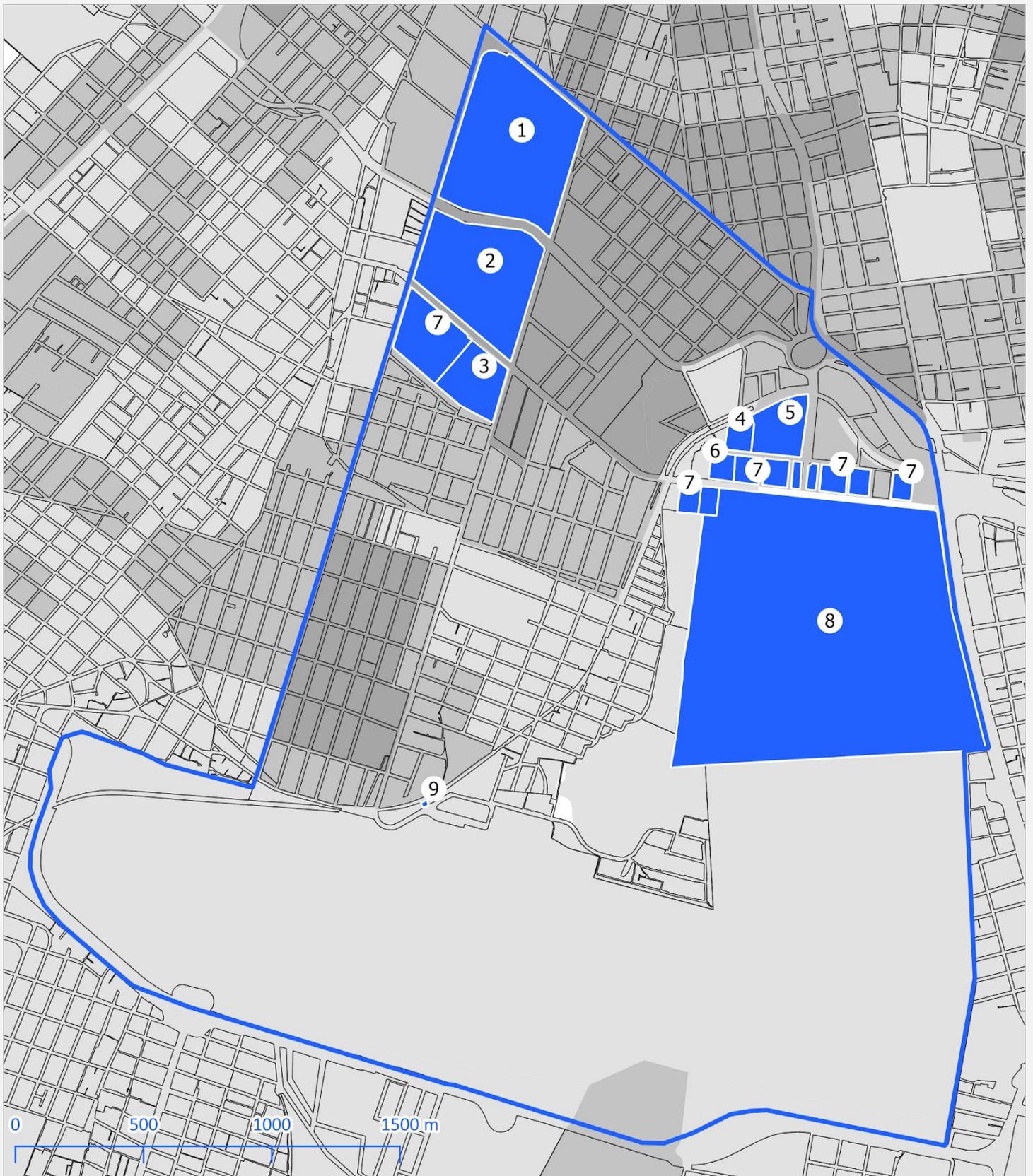
Como conjecturado no capítulo anterior, um projeto de intervenção que considera a possibilidade de revitalização do núcleo do aeroporto antigo poderá, associado a um equipamento público que atraia pessoas a usarem e vivenciarem esse núcleo urbano, encontrar mais chances de ressignificar o território. O presente trabalho pretende desenhar uma proposta de intervenção e, para tanto, admite-se essa hipótese como o principal direcionamento para a definição de um novo edifício. Dessa forma, mostra-se necessário entender quais equipamentos públicos já existem nesse território, a fim de identificar como estes se distribuem e se há alguma insuficiência aparente com essa distribuição.

Para isso, decidiu-se por demarcar um recorte de estudo abrangendo os bairros Vila União e Aeroporto e, além deles, parte dos bairros de Fátima e Parreão. Os equipamentos são mapeados com as faixas de renda dos setores censitários ([mapas 4 a 9](#)) como fundo, o que permite qualificar as análises. Não se trata somente de uma questão de distribuição geográfica igualmente espaçada desses equipamentos, pois existem desigualdades socioeconômicas que permeiam toda a vida urbana. Percebe-se que a porção sul constitui os setores de menor renda e, retomando o [mapa 1 da página 50](#) é também onde existem mais assentamentos informais. Atender essas parcelas é prioridade, como remediação às inequidades e injustiças formadas no processo de urbanização da cidade.

O núcleo específico da Praça do Vaqueiro e da Lagoa do Opaia está nessas circunstâncias, e portanto a ideia de introdução de um novo equipamento público se fortalece, podendo oferecer mudanças positivas principalmente aos grupos que mais necessitam delas.

O que mais distingue este recorte de análise de muitos outros espaços da cidade é a presença de desconhecidos terrenos de caráter militar — a base aérea, o 23°BC, a manutenção da 10° RM e todas as vilas militares ([mapa 4](#)). As vilas militares, porém, são marcadas por um estado de abandono. Recentemente, surgiu um projeto para criação do Centro Integrado de Segurança Pública, que está sendo construído no local de algumas dessas quadras³⁵. Outros equipamentos mostram que o Vila União e as adjacências estudadas tem um certo caráter de centralidade administrativa: a Cagece, a Etufor, a ANTT, que funcionam até os dias presentes ([mapa 5](#)), o Edifício Otacílio Correia — sede da Prefeitura antes dela retornar ao Palácio do Bispo — e o edifício da antiga Teleceará ([mapa 6](#)), os quais ressaltam que essa importância administrativa já foi maior. Na educação, destaca-se que na extremidade norte do recorte há um agrupamento de instituições: a UECE, o Instituto de Educação do Ceará e o Conselho Estadual de Educação. As demais escolas municipais e estaduais se localizam justamente em faixas cujos setores censitários revelam menor renda média, o que deve ser enfatizado ([mapa 7](#)). Existe somente um posto de saúde, mas a presença dos hospitais infantis do Albert Sabin e do instituto Peter Pan dá destaque em relação à saúde pública ([mapa 8](#)). A presença de uma boa quantidade de espaços verdes nesse recorte da cidade é uma potencialidade, porém é necessário a requalificação e a interconexão deles através de vias mais arborizadas e mais adequadas ao tráfego não motorizado ([retoma-se o mapa 2 da página 52](#)). Quanto às conexões, a área de estudo merece destaque em Fortaleza pela presença do antigo Aeroporto e atual Terminal de Aviação Geral — tão discutida ao longo do trabalho, mas também pela presença da Rodoviária Engenheiro João Thomé, que tem grande importância na cidade, como também pela presença de duas estações do VLT Parangaba-Mucuripe ([mapa 9](#)).

35. Informações e imagens disponíveis em <https://www.ceara.gov.br/2021/01/07/governo-do-ceara-inicia-obra-do-centro-integrado-de-seguranca-publica-em-fortaleza/> Último acesso em 11 de fevereiro de 2022.



LEGENDA

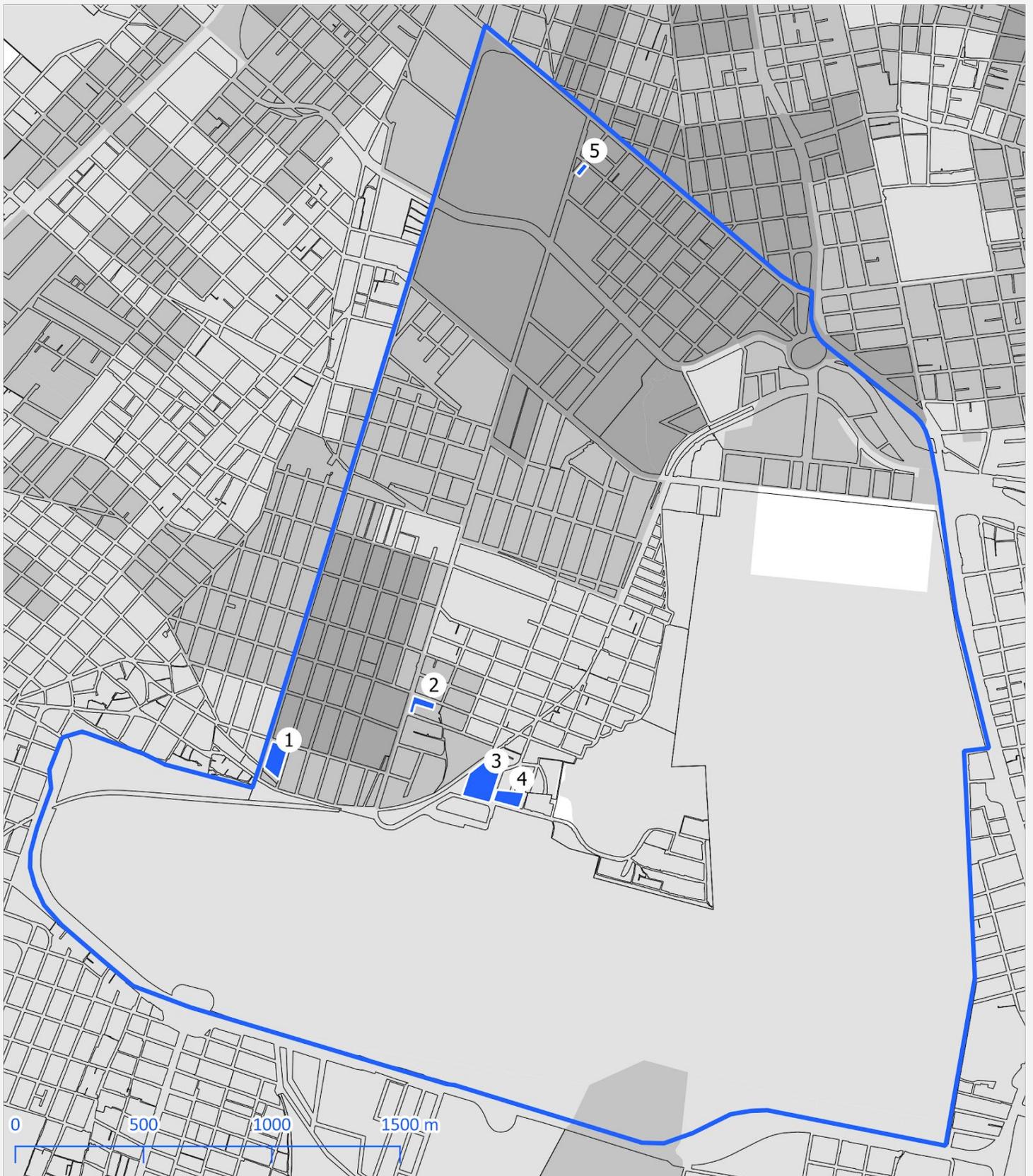
- Recorte de Estudo
- Equipamentos Militares e Policiais
- Quadras

Renda média do Setor Censitário

- Sem dados
- 0-3 SM
- 0-6 SM
- >6 SM

Mapa 4. Espaços militares e policiais. Escala 1:25.000. Fonte: Elaboração própria com base nas imagens de satélite e nos dados do IBGE de 2010.

- | | |
|---|--|
| <ul style="list-style-type: none"> 1 23°BC 2 Manutenção da 10°RM 3 CRESSE 4 DDF - Delegacia de Defraudações e Falsificações 5 Quartel do Comando Geral | <ul style="list-style-type: none"> 6 Polícia Militar 7 Residências / Vilas Militares 8 Base Aérea 9 25° Delegacia de Polícia |
|---|--|



LEGENDA

- ▭ Recorte de Estudo
- ▭ Equipamentos de Serviços públicos
- Quadras

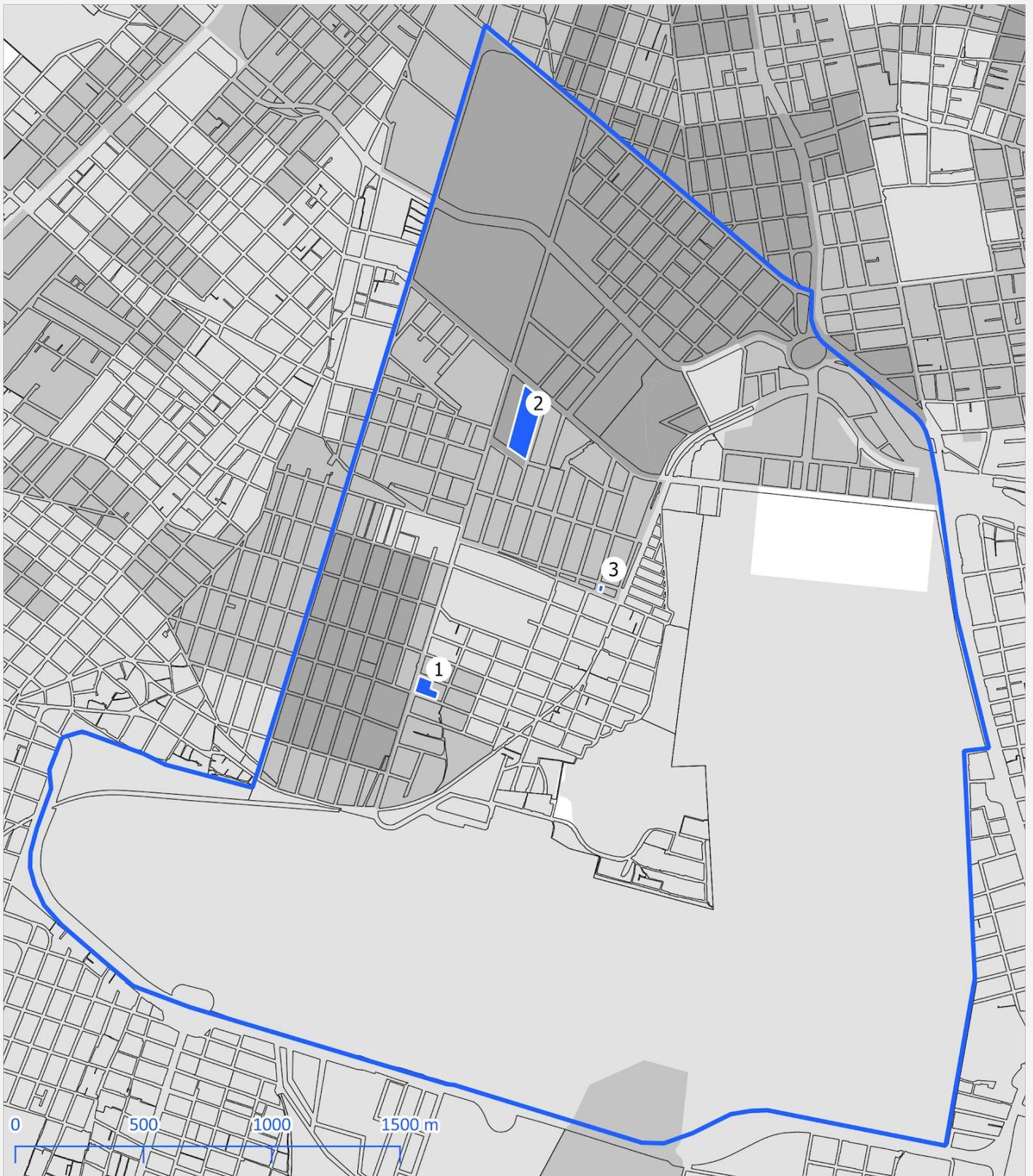
Renda média do Setor Censitário

- Sem dados
- 0-3 SM
- 0-6 SM
- >6 SM

Mapa 5. Equipamentos de serviços públicos. Escala 1:25.000.

Fonte: Elaboração própria com base nas imagens de satélite e dados do IBGE de 2010.

- 1 ETUFOR - Empresa de Transporte Urbano de Fortaleza
- 2 ANTT - Agência Nacional de Transportes Terrestres
- 3 Sede da Cagece - Companhia de Água e Esgoto do Ceará
- 4 Anexo da Cagece
- 5 10º Juizado Especial Cível de Fortaleza



LEGENDA

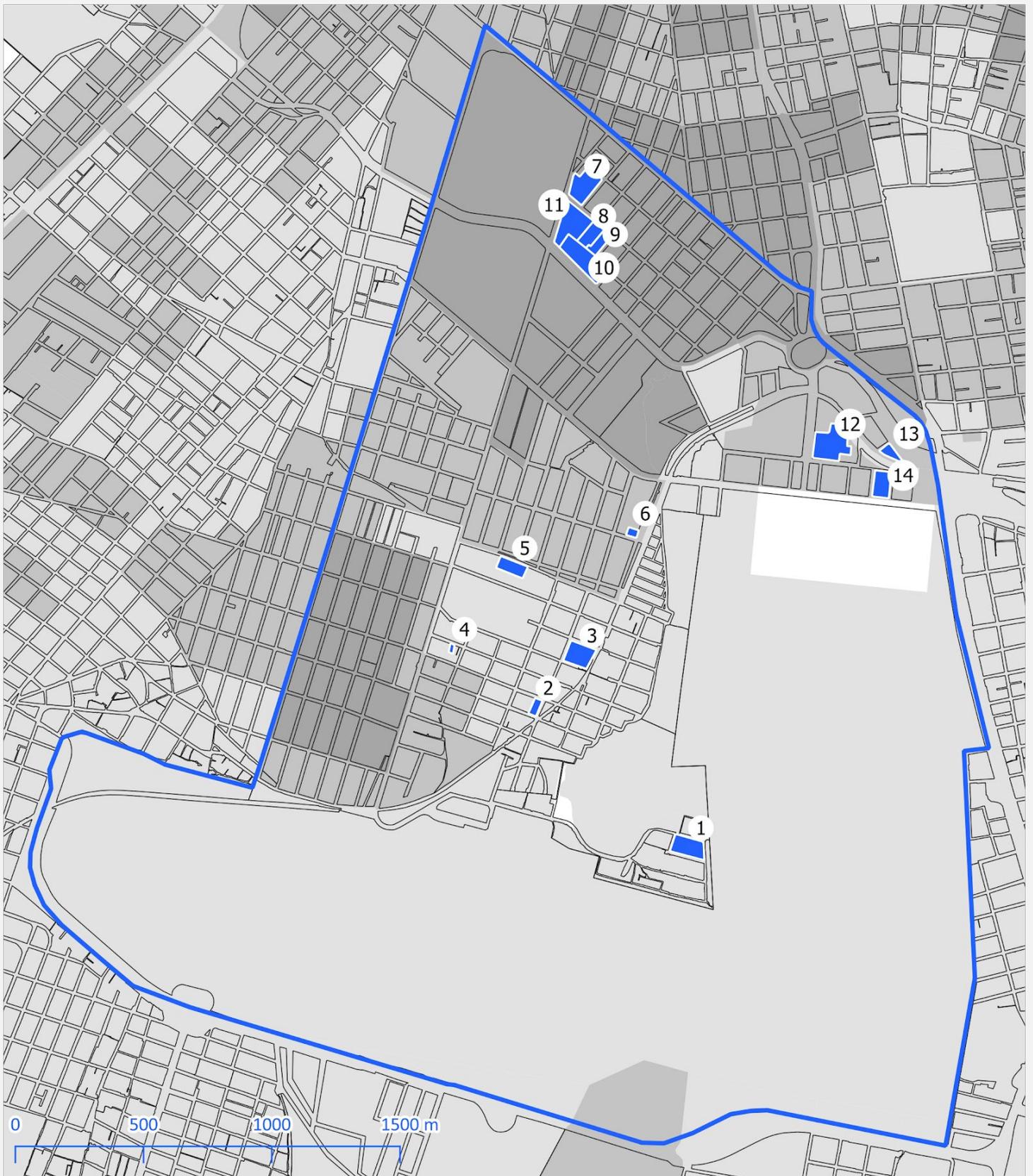
- Recorte de Estudo
- Edifícios de Destaque
- Quadras

Renda média do Setor Censitário

- Sem dados
- 0-3 SM
- 0-6 SM
- >6 SM

- 1 Edifício Otacílio Correia - Anterior Sede da Prefeitura
- 2 Antiga Teleceará - atual LIQ
- 3 Memorial Luiz Gonzaga

Mapa 6. Outras edificações de destaque. Escala 1:25.000. Fonte: Elaboração própria com base nas imagens de satélite e dados do IBGE de 2010.

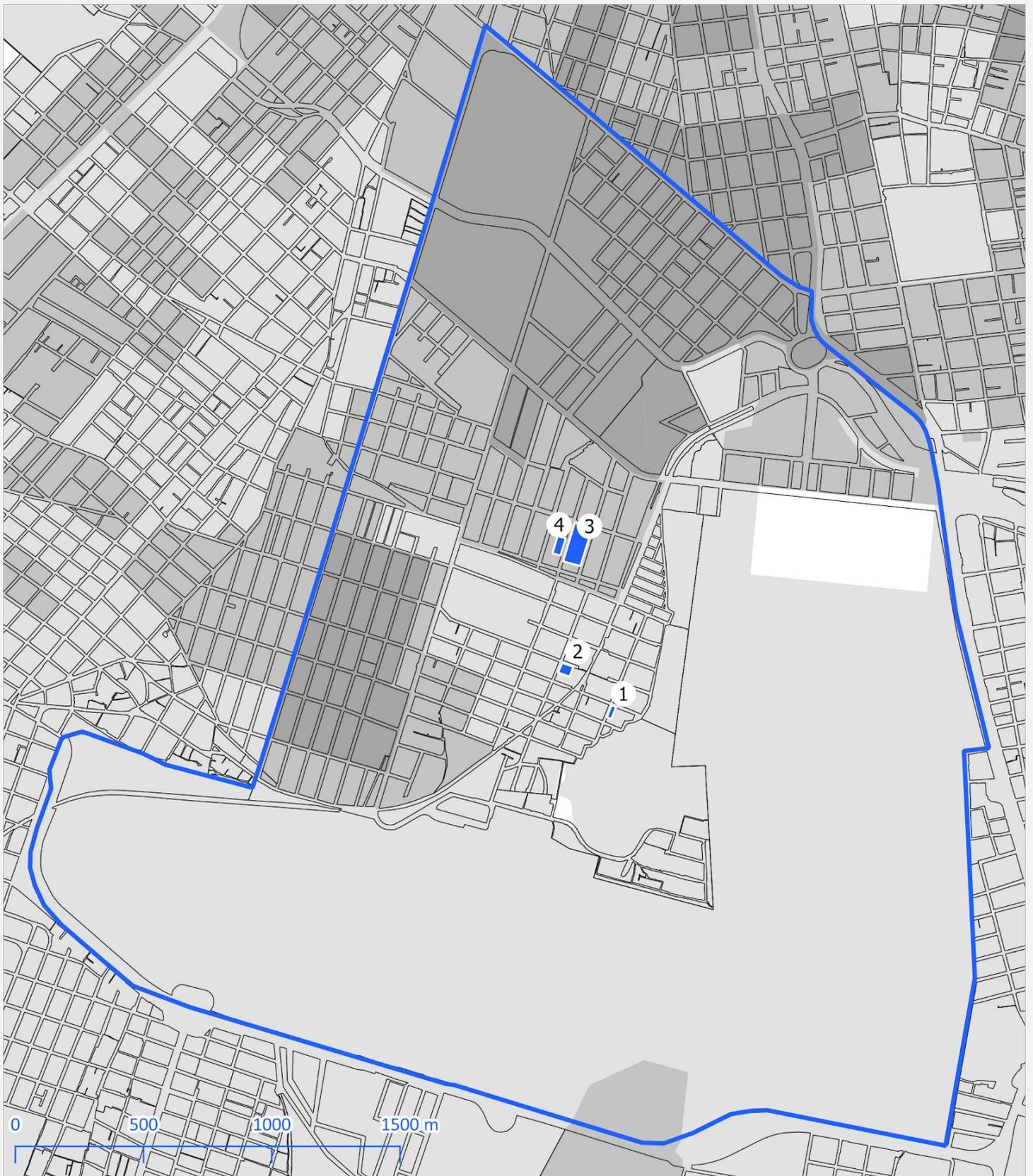


LEGENDA

- Recorte de Estudo
 - Equip de Educacao publicos
 - Quadras
- Renda média do Setor Censitário
- Sem dados
 - 0-3 SM
 - 0-6 SM
 - >6 SM

Mapa 7. Equipamentos de educação pública. Escala 1:25.000. Fonte: Elaboração própria com base nas imagens de satélite e nos dados do IBGE de 2010.

- | | |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"> 1 EMEIF Haroldo Jorge Braun Vieira 2 EEF Gal Manoel Cordeiro Neto 3 EEMTI Prof Jose Aurelio Camara 4 Creche Escola Teodorico Barroso 5 EEF Papa Joao XXIII 6 CEI Presidente Medici 7 EEMTI Adauto Bezerra | <ul style="list-style-type: none"> 8 EEP Juarez Távora 9 Conselho Estadual de Educação 10 Instituto de Educacao do Ceara 11 UECE Centro de Humanidades 12 EEM Sao Joao Piamarta 13 Creche Madre Tereza de Calcutá 14 EEMTI Jenny Gomes |
|---|---|



LEGENDA

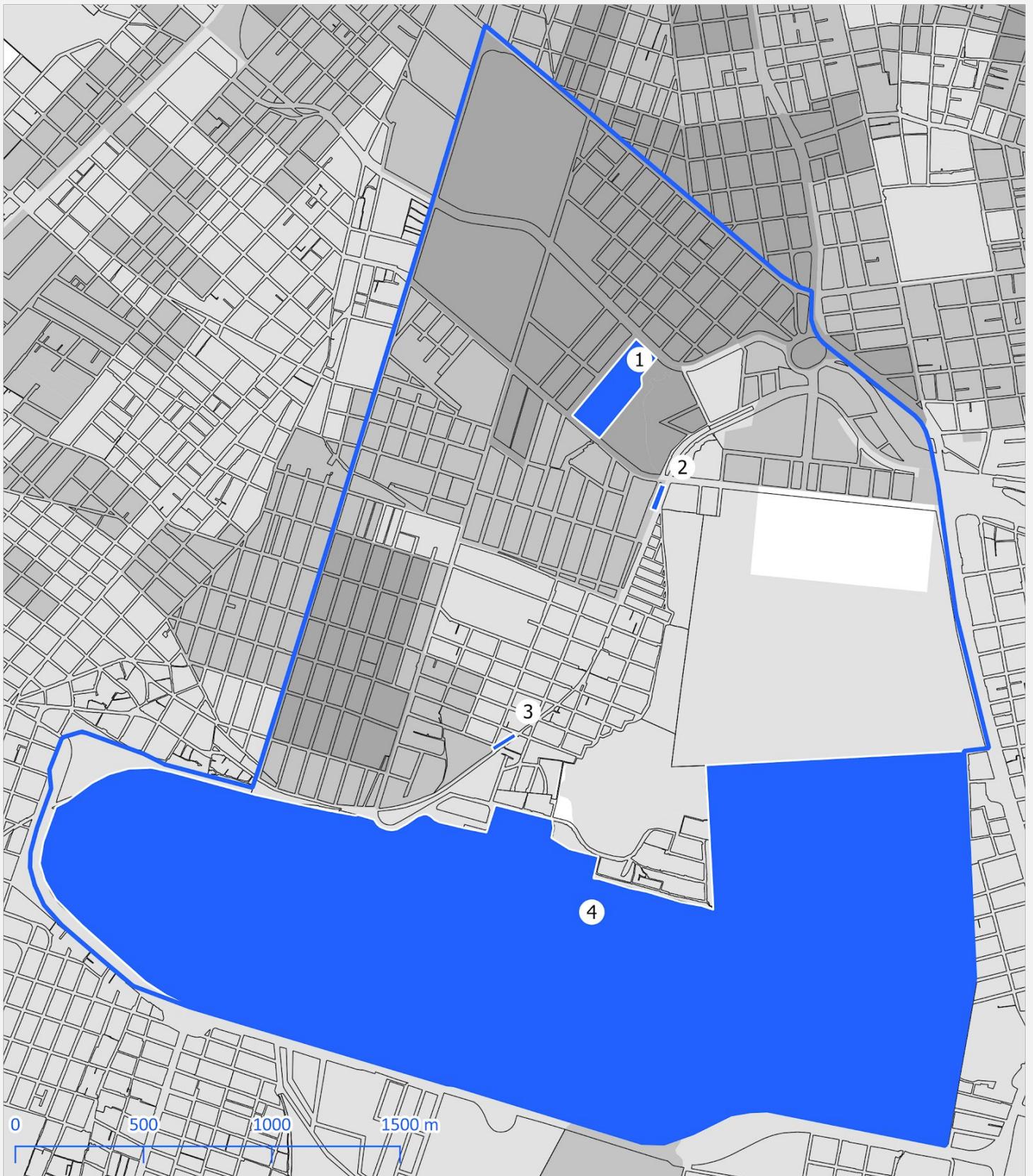
- Recorte de Estudo
- Equipamentos de Saude publicos
- Quadras

Renda média do Setor Censitário

- Sem dados
- 0-3 SM
- 0-6 SM
- >6 SM

- 1 Posto José Maria Turbay Barreira
- 2 Emergência do Hospital Albert Sabin
- 3 Hospital Albert Sabin
- 4 Hospital do Instituto Peter Pan*

Mapa 8. Equipamentos de Saúde Pública. Escala 1:25.000. Fonte: Elaboração própria com base nas imagens de satélite e dados do IBGE de 2010.



LEGENDA

- Recorte de Estudo
- Equipamentos de Transporte publicos
- Quadras

Renda média do Setor Censitário

- Sem dados
- 0-3 SM
- 0-6 SM
- >6 SM

- 1 Terminal Rodoviário Engenheiro João Thomé
- 2 Estação VLT Borges de Melo
- 3 Estação VLT Vila União
- 4 Aeroporto Internacional de Fortaleza

Mapa 9. Equipamentos públicos de transporte. Escala 1:25.000.

Fonte: Elaboração própria com base nas imagens de satélite e dados do IBGE de 2010.

Para além dos equipamentos existentes, é necessário investigar também a existência de projetos cuja execução está prevista, ou que foram prometidos. Está em andamento a obra de reforma da Praça Parreão II³⁶. Nas redes sociais, há demanda por uma creche (Centro de Educação Infantil — CEI) cuja construção já vinha sendo cobrada desde 2018, junto a obras de infraestrutura de saneamento da Comunidade da Lagoa do Opaia³⁷. Nesse mesmo ano, o grupo UVU mobilizou-se na formação de audiência pública para que fosse retomada imediatamente a construção da creche. Contudo, o projeto continua em obras até o momento³⁸. As informações mais recentes prometem a conclusão da creche para julho de 2022, quando deverá ser dado início também às obras de reurbanização da Lagoa do Opaia³⁹.

De escala muito superior à da creche, existia uma outra promessa de equipamento na realidade do Vila União. Um Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte — o Cuca Opaia. A proposta surgiu em 2014, mas desapareceu rapidamente dentro do período de um ano. O Cuca poderia ter sido um equipamento capaz de significativa transformação social e urbana no bairro e entornos. Devido a potencialidade e aparente adequação que um Cuca teria no atendimento às hipóteses para renovação do núcleo urbano que foram levantadas no presente trabalho, este será o tópico de discussão exclusiva do capítulo seguinte.

36. Informação disponível em <https://www.facebook.com/germano.heman/posts/1834835766676853> Último acesso em 11 de fevereiro de 2022.

37. Informações disponíveis em <https://www.facebook.com/VilaUniaoOnline/posts/1729768087086581> Último acesso em 11 de fevereiro de 2022.

38. Informação disponível em <https://www.facebook.com/germano.heman/posts/1808830602610703> Último acesso em 11 de fevereiro de 2022.

39. Informação disponível em <https://www.facebook.com/germano.heman/posts/2074611406032620> Último acesso em 11 de fevereiro de 2022.

CAPÍTULO 4

a Rede Cuca
e o Cuca
Opaia: uma
possibilidade
de
revitalização

Como enunciado no capítulo anterior, a promessa de um Cuca que seria feito no entorno imediato da Lagoa do Opaia aparecia como possibilidade, mas foi rapidamente abandonada. Defende-se aqui que um equipamento de expressão cultural, artística e esportiva seria muito adequado ao núcleo urbano do aeroporto antigo como elemento indutor de uma renovação do espaço — uma resposta às necessidades identificadas. Antes de tudo, porém, é necessário entender o que é a Rede Cuca, explorar seu surgimento, investigar sua importância na cidade e entender as articulações espaciais dos centros já construídos em Fortaleza.

A Rede Cuca é um projeto da Prefeitura Municipal de Fortaleza (PMF) de proteção social e criação de oportunidades. O projeto é especializado nos quatro Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esportes (os Cucas) abertos na cidade — Barra do Ceará, Mondubim, Jangurussu e José Walter — e atende prioritariamente jovens de 15 a 29 anos. São ofertados cursos e formação na prática de esportes, difusão cultural, comunicação e outras atividades que fortalecem o protagonismo juvenil e que promovem a garantia de direitos humanos. “Além disso, a Rede Cuca também visa trazer para a periferia de Fortaleza possibilidades e alternativas de fruição cultural por meio da realização de eventos estratégicos, festivais, mostras, exposições e programação permanente de shows, espetáculos e cinema”⁴⁰.

Com início na gestão da prefeita Luizianne Lins, os Cucas surgem num período que

reflete um momento político onde os partidos da frente de esquerda ganham importantes disputas a cargos executivos, reforçados pela eleição de Luiz Inácio Lula da Silva, em 2003, como Presidente da República. Dentro do plano de governo da Prefeita, há um entendimento que a juventude traz a possibilidade de inovação e a construção de um futuro

40. Informações disponíveis em <https://juventude.fortaleza.ce.gov.br/rede-cuca> Último acesso em 11 de fevereiro de 2022.

reflete um momento político onde os partidos da frente de esquerda ganham importantes disputas a cargos executivos, reforçados pela eleição de Luiz Inácio Lula da Silva, em 2003, como Presidente da República. Dentro do plano de governo da Prefeitura, há um entendimento que a juventude traz a possibilidade de inovação e a construção de um futuro renovado, proporcionando espaços de escuta, de buscar um espaço social onde os jovens possam ser participantes dos processos de transformações através da cultura e do esporte. (CATTONY; PAIVA, 2018, p.8)

As intenções para o projeto seriam de construir um Cuca por Secretaria Executiva Regional da cidade (SERs). Cabe ressaltar que, até 2021, — quando passa a ser dividida em 12⁴¹ — Fortaleza possuía apenas 7 Regionais. A primeira a ser contemplada seria a SER I, com o Cuca da Barra do Ceará. O projeto do primeiro Cuca foi resultado de um concurso de ideias realizado em 2005⁴², cuja proposta seria o reaproveitamento da estrutura do antigo Clube de Regatas da Barra. Conforme propõem Cattony e Paiva, o Cuca Barra viria a reforçar a ideia daquele espaço urbano como um marco, em substituição ao Clube que estava abandonado. Pela análise dos autores, o Clube de Regatas representou na sua época uma “tentativa de consolidar a região, atraindo investidores que contribuiriam com o desenvolvimento da região oeste de Fortaleza”. Com o Cuca, há uma mudança na qual esse Centro “exibe a sua relevância no amparo aos jovens da região”, que teriam “a oportunidade de voz dentro da sociedade e de acesso à cultura” (CATTONY; PAIVA, 2018, p.15). Com êxito, o Cuca Barra seria inaugurado em 2009 e daria credibilidade ao projeto da Rede Cuca como um todo.

A construção dos Cucas Jangurussu (SER VI - atual SR9) e Mondubim (SER V - atual SR10) viria a seguir. Ambos seriam acompanhados de polêmica, por terem sido entregues na troca de gestão entre Luizianne Lins e Roberto Cláudio — em dezembro de 2012 — sem estarem construídos totalmente⁴³, sendo abertos ao público apenas em 2014. A inauguração destes dois novos equipamentos daria início a uma atuação integrada dos Centros e articulada através da criação definitiva da Rede Cuca⁴⁴.

41. Agora apenas SRs — Secretarias Regionais.

42. Segundo CATTONY e PAIVA, o modelo de concurso de ideias significava que a Prefeitura se isentava da necessidade de contratar o vencedor do concurso para execução do projeto. Mesmo assim, os vencedores foram contratados para a construção do Cuca Barra.

43. Informações disponíveis em <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/cucas-mondubim-e-jangurussu-serao-inaugurados-em-fevereiro-1.855281> Último acesso em 11 de fevereiro de 2022.

44. Informações disponíveis em <https://www20.opovo.com.br/app/fortaleza/2014/02/20/noticiafortaleza,3209891/cucas-do-mondubim-e-jangurussu-comecam-a-funcionar.shtml> Último acesso em 11 de fevereiro de 2022.

Nesse momento, havia sido construído Cucas em três das então 7 Regionais. Seria necessário, para atender ao objetivo de um Cuca por regional, a construção de unidades nas SER II, SER III, SER IV e Sercefor (do Centro) (figuras 26 e 27). A mesma notícia que discute a abertura dos Cucas do Jangurussu e Mondubim aponta que, segundo o então coordenador de juventude da Coordenadoria Especial de Políticas Públicas de Juventude, os próximos Cucas seriam de fato executados na gestão de Roberto Cláudio, e que

O Cuca da Regional IV, que será na Lagoa do Opaia, possivelmente terá início das obras até o final deste ano e vai ser um equipamento sustentável e diferente, dialogando com toda a comunidade do entorno. (GOMES, Rachel. Cucas do Mondubim e Jangurussu começam a funcionar. O Povo, Fortaleza, 20 de fevereiro de 2014. Disponível em <https://www20.opovo.com.br/app/fortaleza/2014/02/20/noticiafortaleza,3209891/cucas-do-mondubim-e-jangurussu-comecam-a-funcionar.shtml> Acesso em 16 de março de 2021.

O projeto do Cuca Opaia já havia sido lançado oficialmente em 2 de janeiro de 2014, na Indicação nº002/2014 pelo Vereador Benigno Júnior. O documento apresenta que o equipamento deveria beneficiar diretamente a comunidade do bairro Vila União e suas adjacências, além de recuperar a Lagoa do Opaia e seus equipamentos, posta como uma importante área de lazer da Capital. Ressaltando que o Cuca deveria, na sua relação com a Lagoa, ser projetado de forma sustentável, a causar o menor impacto ambiental possível⁴⁵.

A proposta continuaria a aparecer nas notícias, primeiramente na discussão conjunta do projeto, entre Prefeitura e população. Contudo, em 2015 o projeto mostra-se impossível de executar no prazo previsto (figura 25), e deste ano em diante o Cuca Opaia parece desaparecer completamente das notícias dos jornais e mesmo das discussões públicas nas redes sociais.



Figura 25. Título de notícias cobrindo o processo de discussão e posterior adiamento. Fonte: Portal de notícias da PMF e O Povo online, composição do autor.

45. Disponível em https://sapl.fortaleza.ce.leg.br/media/sapl/public/materialegislativa/2014/16338/16338_texto_integral.pdf Último acesso em 11 de fevereiro de 2022.

Figura 26. Distribuição dos Cucas existentes e do possível Cuca Opaia na Cidade de Fortaleza, destacando a divisão de Regionais iniciada em 2021. Escala 1:200.000. Fonte: Elaboração própria com base nas imagens de satélite e dados da PMF.

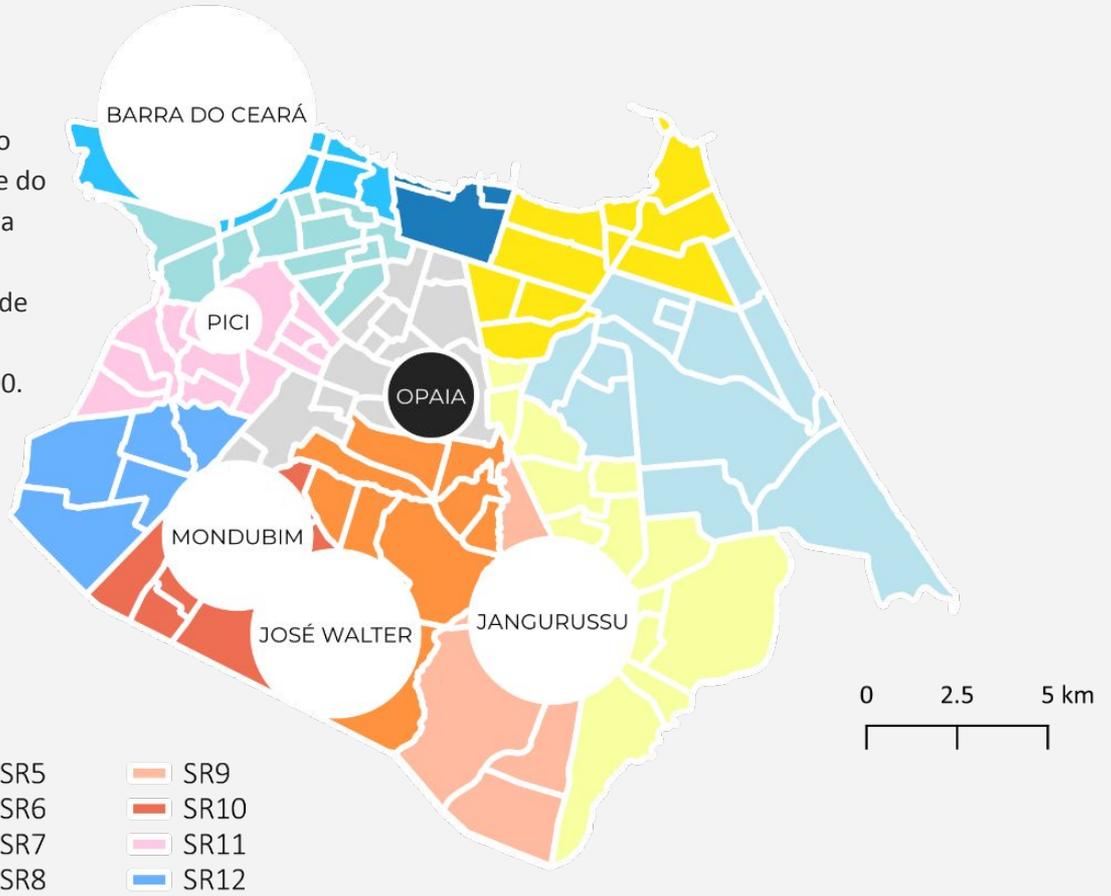
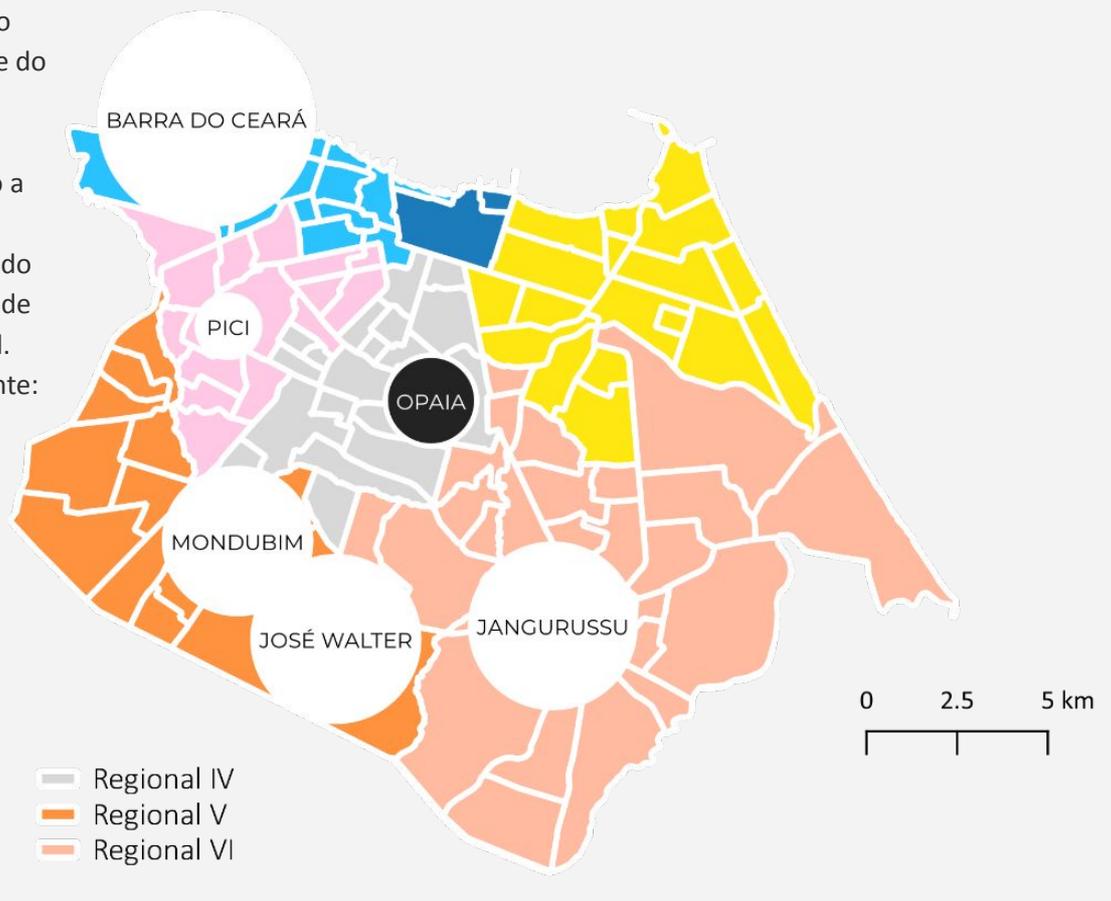


Figura 27. Distribuição dos Cucas existentes e do possível Cuca Opaia na Cidade de Fortaleza, destacando a divisão de Regionais anterior a 2021, quando se discutia o objetivo de um Cuca por Regional. Escala 1:200.000. Fonte: Elaboração própria com base na imagens de satélite e dados da PMF.



A gestão do prefeito Roberto Cláudio decidiria focar então recursos nas regionais SR3 com o Cuca Pici (antes SER III) e SR8 com o Cuca José Walter (antes SER V), onde funcionavam os CSUs (Centro Sociais Urbanos) dos dois bairros, que estavam deteriorados. Ressalta-se a necessidade de cuidado para descentralização das atividades promovidas, de forma a abranger as diferentes comunidades e não se tornar um equipamento de exclusão social⁴⁶. Além disso, a gestão desenha que o próximo Cuca a ser projetado deve ser localizado no bairro Vicente Pinzon (Regional 2, antiga SER II), sem menção alguma de Cuca Opaia⁴⁷. Dessa forma, a proposta de um equipamento do mesmo tipo no Vila União continua esquecida, e a Regional 4 (antes SER IV), sem Cuca.

Em síntese, os Cucas obtiveram sucesso e se sedimentaram como programa de governo que atravessou a mudança de gestão municipal e que impactou positivamente os territórios e entornos onde se estabeleceram. **É possível imaginar que a implantação do Cuca Opaia, que era prometido em 2014-2015 no contexto do núcleo do aeroporto antigo, poderia ter um efeito semelhante ao do Cuca Barra. O Clube de Regatas como um paralelo ao Pinto Martins: o primeiro, na época do concurso, abandonado; e o segundo, substituído por um equipamento fechado e desconectado de um entorno bastante deteriorado.** Os Aeroportos são excludentes devido ao custo das passagens aéreas, representam grupos de maior poder aquisitivo. O Aeroporto de Fortaleza foi construído também com a remoção de famílias em todas as etapas de sua história, um símbolo intencional ou não de dominância. O Cuca poderia ressignificar esse cenário, em atender especialmente jovens minorias, que encontram nas suas atividades chances de expandir seus horizontes, expressar-se e desenvolver habilidades profissionalizantes ou de satisfação e realização própria. **O projeto a ser desenvolvido no presente trabalho seria então uma alternativa de abertura desses espaços institucionais que não se permitem atualmente acessar pela população geral do bairro, e de retomar a praça do aeroporto como um local de lazer para as pessoas, como é lembrado na memória coletiva.**

46. Informações disponíveis em <http://quintoandar.uni7.edu.br/blog/uni7-informa/juventude-ampliacao-da-rede-cuca-preve-mais-oportunidade-para-jovens/> Último acesso em 11 de fevereiro de 2022.

47. Informações disponíveis em <https://mais.opovo.com.br/jornal/cidades/2020/02/18/prefeitura-promete-entregar-10-novos-equipamentos-para-juventude-em-2020.html> Último acesso em 11 de fevereiro de 2022.

CAPÍTULO 5

Estudos referenciais: os Cucas existentes

Para desenhar o Cuca Opaia, é necessário analisar o programa arquitetônico e as soluções projetuais dos Cucas existentes. Decide-se apresentar brevemente os projetos dos Cucas Barra do Ceará e Cuca José Walter, pois ambos já foram visitados pessoalmente, permitindo ter uma análise mais concreta. Essa análise se combina à uma discussão sobre a implantação e organização espacial dos edifícios. A setorização dos projetos é detalhada, tanto do Cuca Barra do Ceará e Cuca José Walter, como também do Cuca Mondubim. Com a combinação dessas leituras dos Cucas existentes, será possível formar um programa de necessidades a internalizar a forma que algumas organizações espaciais impactam na funcionalidade dos Cucas.

1- CUCA BARRA DO CEARÁ

O Cuca Barra do Ceará (figuras 28 a 30), como apresentado no capítulo anterior, foi construído substituindo o antigo Clube de Regatas que à época estava abandonado. O edifício ocupa um terreno de aproximadamente 14.800m².

Acessando o edifício pela entrada principal, na Avenida Leste Oeste, tem-se imediatamente um grande pátio aberto (figura 30). Partindo dele pode-se alcançar as diferentes partes do Cuca. O edifício de dois pavimentos à esquerda da entrada concentra a maior parte do programa — era o edifício original do Clube de Regatas. Esse edifício forma um pátio coberto no pavimento térreo, com uma escadaria e rampa que levam o visitante para o andar superior. Além disso, o térreo contém algumas salas administrativas e salas de dança e artes plásticas. No andar superior, as artes marciais ocupam o “saguão” de chegada do pavimento (figura 31). Além disso, o pavimento contém todo o setor administrativo e salas relativas a tecnologias e informática (estúdios de gravação, informática, estúdios audiovisuais). Atrás desse edifício principal fica um campo de futebol de areia (figura 32) e o teatro. Retornando ao pátio principal, uma descida permite chegar à área de piscinas, ao ginásio coberto, à pista de



Figuras 28, 29 e 30. Imagens aéreas e do Pátio central do Cuca Barra do Ceará. Fonte: Mapa Cultural do Ceará (da Secult). Disponíveis em: <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/espaco/49/>. Último acesso em 11 de fevereiro de 2022.

Figura 31. Área de artes marciais, na chegada do pavimento superior do Cuca Barra. Fonte: acervo de João Marcello (foto de março de 2019).



Figura 32. Quadra de areia do Cuca Barra. Fonte: acervo de Laís Bezerra (foto de março de 2019).



skate e à quadra poliesportiva. Essa área contém outro ponto de acesso ao Cuca. Na verdade, a área de skate é inclusive diretamente aberta à rua, enquanto o acesso aos outros espaços é controlado através de um pequeno portão.

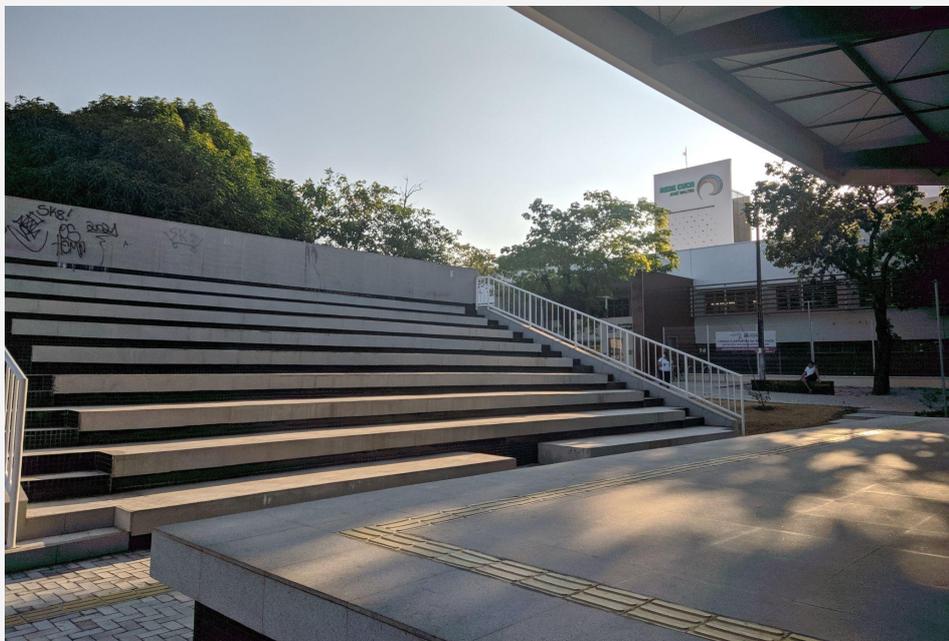
A divisão dos espaços do Cuca Barra é clara e, principalmente, percebe-se que o Cuca se eleva à condição de um espaço público ao possuir amplos espaços abertos e áreas de uso indefinido que permitem a apropriação pelos visitantes (corredores largos com bancos para conversar, tocar e ouvir música, dançar). O desenvolvimento das atividades de profissionalização, capacitação e aulas acontece dentro de cada ambiente especificamente designado, mas há também salas multiuso. O sombreamento é também indispensável para a fruição do espaço, acontecendo no pátio coberto do pavimento térreo e graças às venezianas metálicas que protegem o pavimento superior do edifício principal. A contraposição disso com áreas abertas de sol também parece contribuir e estar relacionado às atividades mais energéticas (skate, corrida, nado, futebol de areia).

1- CUCA JOSÉ WALTER

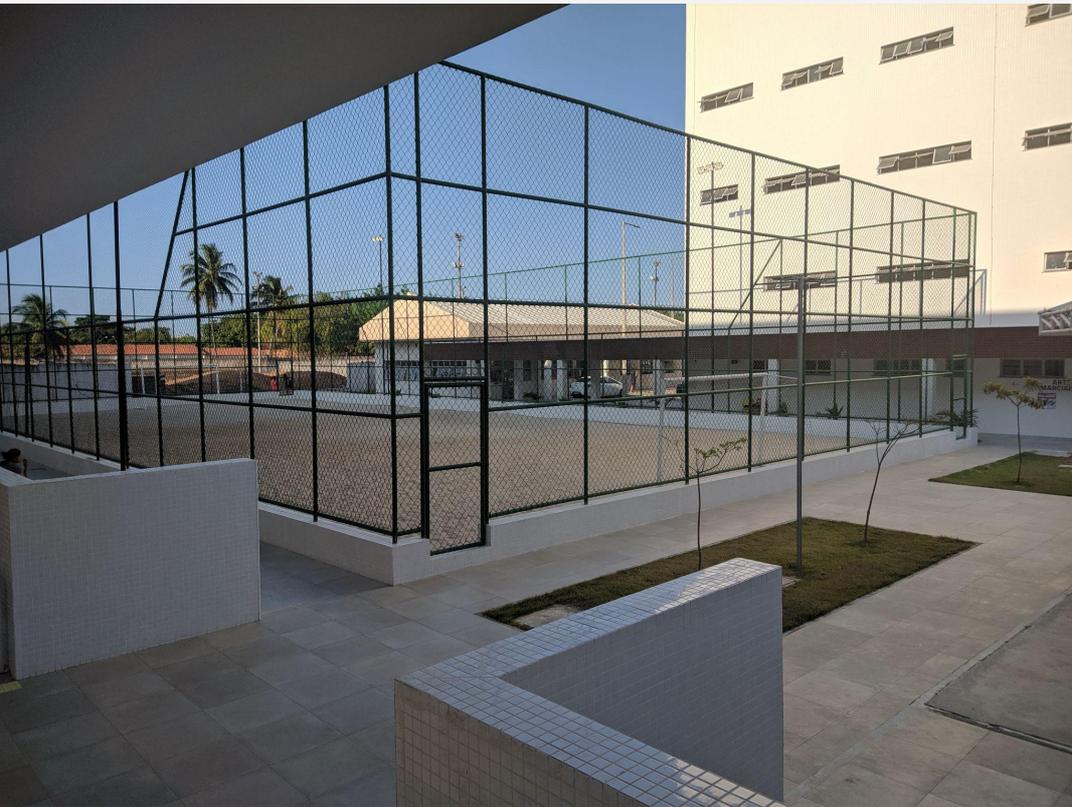
O Cuca José Walter foi também construído na substituição de um equipamento abandonado, neste caso o CSU (Centro Social Urbano) e, assim como no Cuca Barra, o edifício aproveita partes da preexistência. O terreno ocupado pelo edifício é de aproximadamente 16.400m².

O edifício encontra-se defronte a uma praça relativamente pequena, com cerca de 1.000m², e o acesso ao edifício é feito dando continuidade à ela, num espaço aberto que inclui também o anfiteatro (figura 33), cujo palco é coberto, e a pista de skate (figura 34). Imediatamente adentrando o edifício, está-se no bloco de salas de aula. É um longo edifício sombreado pela coberta que se apoia em tesouras de madeira (figura 35). O edifício permite então caminhar em direção a quatro diferentes setores, 1) o bloco de coworking, que tem acesso próprio para a rua, 2) o bloco social, que ladeia a horta / pátio interno do projeto e bloco administrativo, 3) o bloco audiovisual e bloco do teatro, que ocupam uma área central do projeto, e 4) o bloco de salas de artes marciais, que se separa um pouco do conjunto do edifício por parte do estacionamento.

Aos fundos do terreno, encontra-se o bloco das piscinas, o ginásio coberto, a quadra



Figuras 33, 34 e 35. Fotos do anfiteatro, pista de skate e entrada do Teatro do Cuca José Walter. Fonte: Fotos do acervo do autor (de agosto de 2021)



Figuras 36 e 37. Fotos da quadra de areia e do ginásio coberto do Cuca José Walter. Fonte: Fotos do acervo do autor (de agosto de 2021)

de areia e uma área coberta para realização de dança e crossfit. Desta forma, as atividades esportivas todas se concentram numa espécie de setor, e distanciam-se mais dos espaços de capacitação, aulas e administração.

Assim como no Cuca da Barra do Ceará, o Cuca José Walter ilustra a importância de grandes áreas cobertas e sombreadas, contrapostas também a áreas abertas de pátios. Neste exemplo, a divisão dos espaços é ainda mais claramente setorizada conforme usos, e são articulados de forma a permitir múltiplas conexões.

3- SETORIZAÇÃO E FORMAÇÃO DE UM PROGRAMA DE NECESSIDADES

Para elaboração de um programa de necessidades e organização da proposta de intervenção, decide-se por identificar a setorização em ambos os Cucas discutidos, somando também o Cuca Mondubim. Além das plantas básicas (figuras 38, 39 e 40) (tabelas 1, 2 e 3) A setorização dessas áreas foi tabelada, agrupadas nos setores de 1) Esporte e Lazer, 2) Ciência, Arte e Cultura, 3) Administrativo e 4) Serviço.

Foi possível criar plantas de setorização em escala dos Cucas existentes utilizando, no caso dos Cucas da Barra do Ceará e Mondubim, uma combinação de imagens de satélite e dos totens que ficam na entrada dos edifícios — que trazem a planta setorizada do edifício para informar os visitantes. Fazer essa identificação em escala permitiu identificar a área aproximada das partes do programa de necessidades de ambos os edifícios. No caso do Cuca José Walter, foi possível fazer o mesmo processo, mas combinando as imagens de satélite com plantas do projeto que foram obtidas.

Como o Cuca José Walter é o edifício mais recente da Rede Cuca, é possível investigar “atualizações” do programa de necessidades. No projeto dos dois Cucas mais recentes, o diferencial parece ser a introdução nos programas de área de coworking, destacada como uma nova necessidade, e que o espaço disponibilizado para trabalho é capaz de impulsionar ainda mais as juventudes. A análise permite observar também que, apesar de existir uma grande quantidade de ambientes comuns a todos os três cucas, existem particularidades em cada um, o que dá espaço para avaliar as condições existentes no território da Praça do Vaqueiro e da Lagoa do Opaia a fim de adequar um programa de necessidades.

CUCA BARRA

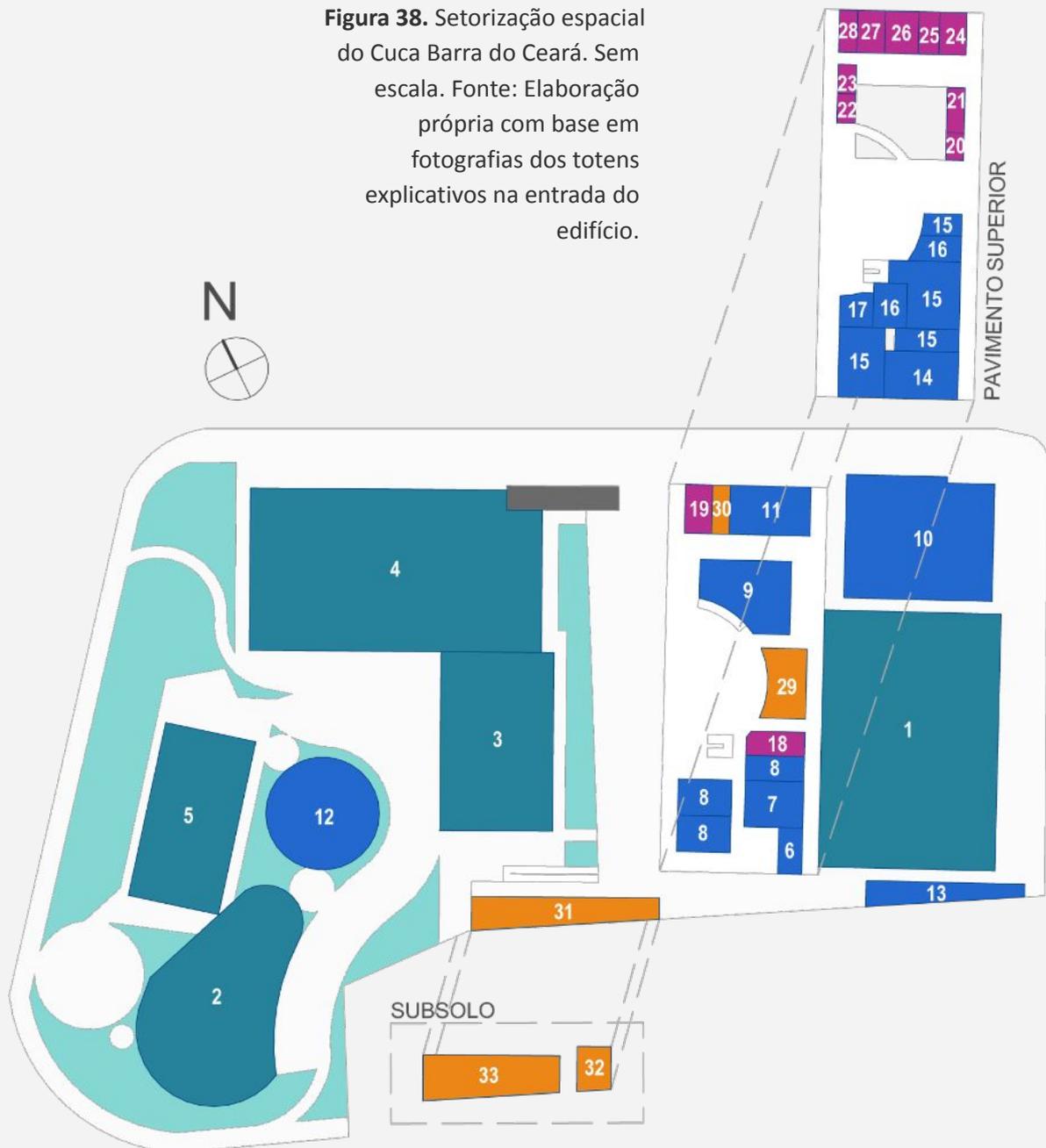
SETORIZAÇÃO ESPACIAL

ESPORTES E LAZER	1	QUADRA DE AREIA	1148 m ²
	2	SKATE PARK	621,5 m ²
	3	NATAÇÃO	510,1 m ²
	4	GINÁSIO COBERTO	1181 m ²
	5	QUADRA POLIESPORTIVA	411,7 m ²
	SOMA		
CIÊNCIA, ARTE E CULTURA	6	EDUCAÇÃO AMBIENTAL	28 m ²
	7	ARTES PLÁSTICAS	68,8 m ²
	8	SALAS MULTIUSO	135,8 m ²
	9	ARTES CÊNICAS E DANÇA	138,7 m ²
	10	TEATRO	455,5 m ²
	11	BIBLIOTECA	100 m ²
	12	ANFITEATRO	255,5 m ²
	13	HORTA	78,2 m ²
	14	CINECLUBE	88,8 m ²
	15	ESTÚDIOS AUDIOVISUAIS	241,7 m ²
	16	INFORMÁTICA	68 m ²
	17	RÁDIO CUCA	28 m ²
SOMA			1687 m ²
ADMINISTRATIVO	18	PROMOÇÃO DE DIREITOS HUMANOS	35,8 m ²
	19	SALA DE MATRÍCULA	33,5 m ²
	20	PROGRAMAÇÃO	12,3 m ²
	21	DIFUSÃO	20,2 m ²
	22	MANUTENÇÃO	13,6 m ²
	23	RECURSOS HUMANOS	13,6 m ²
	24	BANHEIROS ADMINISTRAÇÃO	29,2 m ²
	25	SALA DE PROFESSORES	24,5 m ²
	26	COORDENAÇÃO DE ÁREAS	36 m ²
	27	SALA DE REUNIÕES	30 m ²
	28	GERENCIA	19,7 m ²
SOMA			268,4 m ²
SERVIÇO	29	BANHEIROS	72,8 m ²
	30	CUCA SAUDÁVEL	21,8 m ²
	31	ESPAÇO SOCIAL	83,2 m ²
	32	SERVIÇO	38 m ²
	33	VESTIÁRIOS	144,3 m ²
SOMA			360,1 m ²

Tabela 1. Setorização espacial dos ambientes / programa de necessidades do Cuca da Barra do Ceará. Fonte: Elaboração própria.

CUCA BARRA

Figura 38. Setorização espacial do Cuca Barra do Ceará. Sem escala. Fonte: Elaboração própria com base em fotografias dos totens explicativos na entrada do edifício.



CUCA JOSÉ WALTER

Tabela 2.
Setorização espacial
dos ambientes /
programa de
necessidades do
Cuca José Walter.
Fonte: Elaboração
própria.

SETORIZAÇÃO ESPACIAL

ESPORTES E LAZER	1	GINÁSIO COBERTO	2059 m ²
	2	NATAÇÃO	1490 m ²
	3	QUADRA DE AREIA	780 m ²
	4	BREAK DANCE / CROSSFIT	347,7 m ²
	5	ARTES MARCIAIS	195,7 m ²
	6	SKATE	388 m ²
	SOMA		5260,4 m ²
CIÊNCIA, ARTE E CULTURA	7	ANFITEATRO	291,6 m ²
	8	TEATRO	805 m ²
	9	CINECLUBE	96 m ²
	10	SALAS DE EDIÇÃO	76 m ²
	11	SALAS DE AULA / MULTIUSO	236 m ²
	12	ESTÚDIO DE FOTOGRAFIA / FILMAGEM	46 m ²
	13	BIBLIOTECA	108 m ²
	14	ARTES CÊNICAS E DANÇA	110 m ²
	15	HORTA	117 m ²
	16	IDEIAS E ECONOMIA CRIATIVA	71,9 m ²
	17	COWORKING	210 m ²
	18	INFORMÁTICA	86,4 m ²
	19	RÁDIO CUCA	43,7 m ²
	20	ESTÚDIO DE GRAVAÇÃO	62,6 m ²
SOMA		2360,2 m ²	
ADMINISTRATIVO	21	RECEPÇÃO	11 m ²
	22	SALA DE MATRÍCULA	43,2 m ²
	23	SALA DE PROFESSORES	43,2 m ²
	24	COORDENAÇÃO	43,2 m ²
	25	SALA DE REUNIÕES	22 m ²
	26	PROMOÇÃO DE DIREITOS HUMANOS	25,5 m ²
	27	POLÍTICA DE GÊNERO	25,5 m ²
	28	RECURSOS HUMANOS	35 m ²
	29	DIFUSÃO E PROGRAMAÇÃO	25 m ²
	30	GERÊNCIA	37,2 m ²
SOMA		310,8 m ²	
SERVIÇO	31	CAFÉ	49,7 m ²
	32	BANHEIROS	112,3 m ²
	33	DEPÓSITOS	46,4 m ²
	34	SALA DE TI	19,4 m ²
	35	COPA	31,2 m ²
	36	CUCA SAUDÁVEL	33,6 m ²
	37	CASA DE MÁQUINAS / BOMBAS	66,3 m ²
	38	CHUVEIROS	14,8 m ²
	39	VESTIÁRIOS PISCINA	67,5 m ²
	40	VESTIÁRIOS FUNCIONÁRIOS	67,5 m ²
	41	REFEITÓRIO FUNCIONÁRIOS	42,5 m ²
	42	ÁREA TÉCNICA	131,3 m ²
SOMA		682,5 m ²	

CUCA JOSÉ WALTER

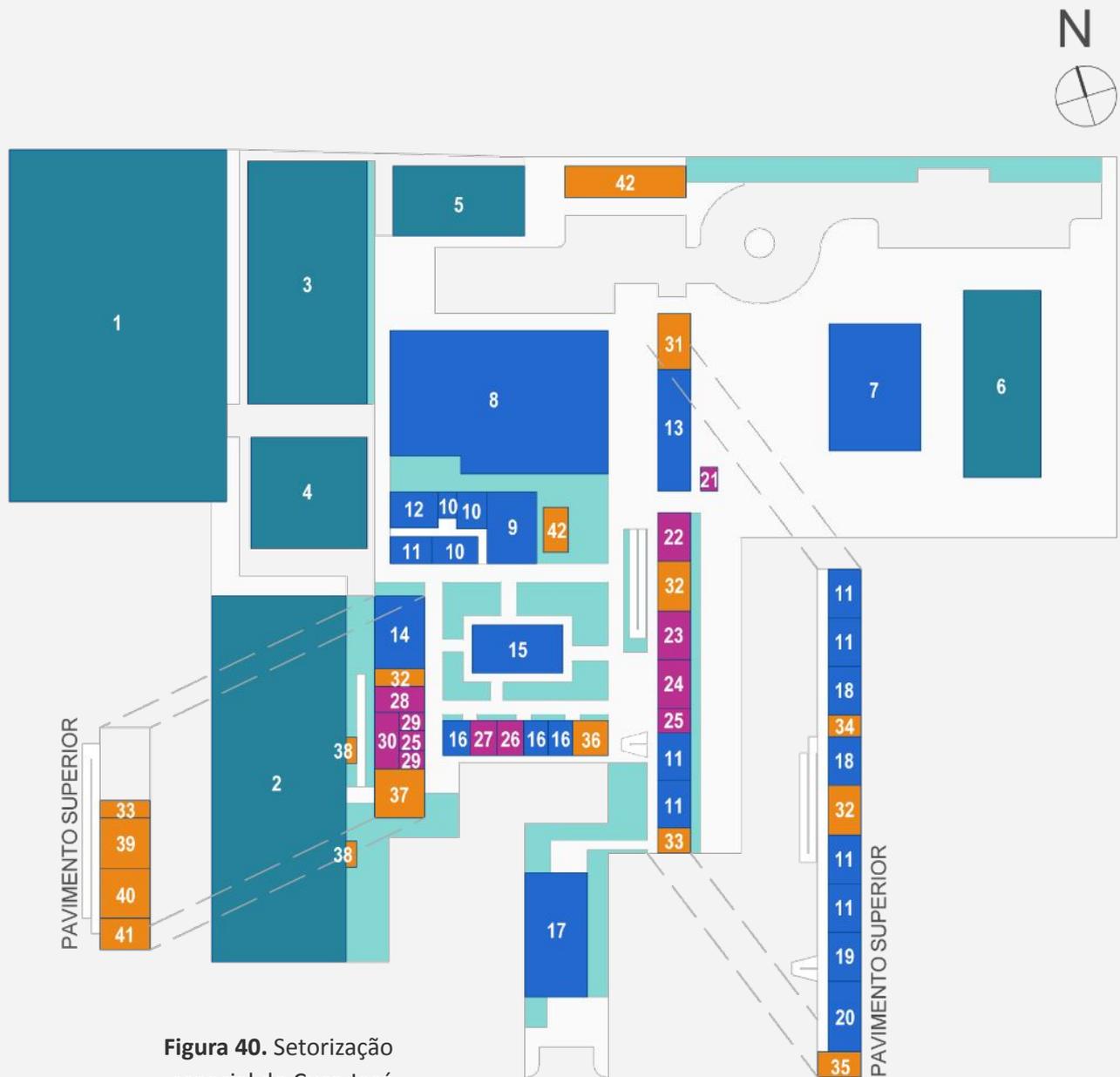


Figura 40. Setorização espacial do Cuca José Walter. Sem escala. Fonte: Elaboração própria com base em plantas do edifício que foram obtidas.

CUCA MONDUBIM

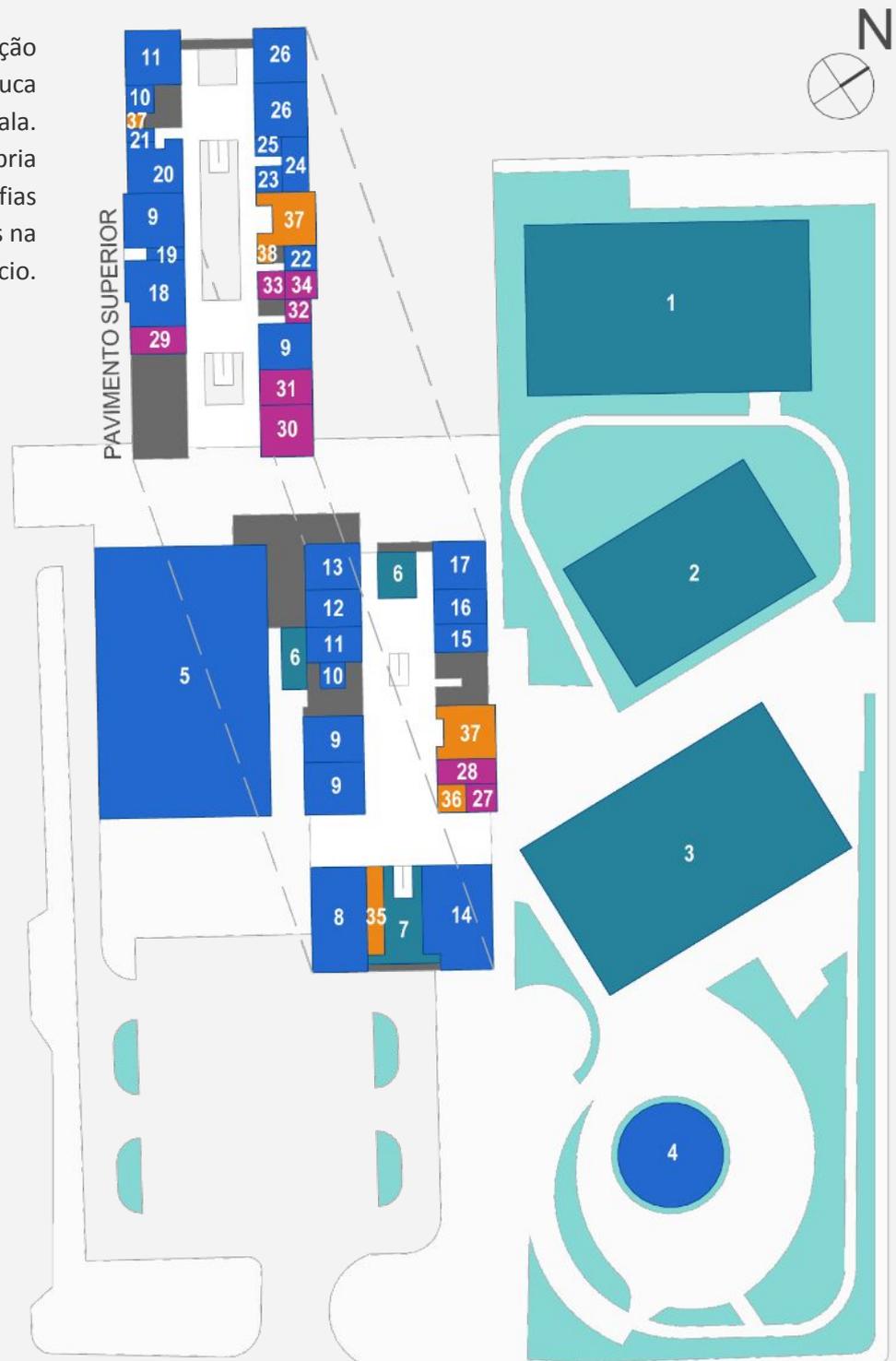
Tabela 3.
Setorização espacial dos ambientes / programa de necessidades do Cuca Mondubim.
Fonte: Elaboração própria.

SETORIZAÇÃO ESPACIAL

ESPORTES E LAZER	1	GINÁSIO COBERTO	1118 m ²
	2	NATAÇÃO	672 m ²
	3	QUADRA POLIESPORTIVA	1116 m ²
	4	ÁREAS DE CONVIVÊNCIA	76 m ²
	5	PÁTIO DE EXPOSIÇÃO	79,5 m ²
	SOMA		
CIÊNCIA, ARTE E CULTURA	6	ANFITEATRO	201 m ²
	7	TEATRO	1074 m ²
	8	ARTES CÊNICAS	134,4 m ²
	9	SALAS MULTIUSO	268 m ²
	10	CONTROLE DE EDIÇÃO	33 m ²
	11	ESTÚDIOS AUDIOVISUAIS	115 m ²
	12	RÁDIO CUCA	48 m ²
	13	ARTES PLÁSTICAS	59 m ²
	14	BIBLIOTECA	163 m ²
	15	NÚCLEO DE ECONOMIA CRIATIVA	34,4 m ²
	16	AMBIENTE CUCA	42,4 m ²
	17	PROTAG. JUVENIL, COMUNICAÇÃO, SAÚDE E MEIO AMBIENTE	58,4 m ²
	18	CINECLUBE	89,3 m ²
	19	SALA DE PROJEÇÃO	10,8 m ²
	20	LABORATÓRIO DE FOTOGRAFIA	65 m ²
	21	CAMARIM	8,8 m ²
	22	PSICOLOGIA E ASSISTENCIA SOCIAL	18,6 m ²
	23	APOIO INFORMÁTICA	16 m ²
24	ILHAS DE EDIÇÃO	33,6 m ²	
25	SALA TI	11,6 m ²	
26	INFORMÁTICA	132,8 m ²	
SOMA			2617,1 m ²
ADMINISTRATIVO	27	SALA TÉCNICA	20,2 m ²
	28	SALA DE MATRÍCULA	34,2 m ²
	29	SALA DE REUNIÕES	35,3 m ²
	30	COORDENAÇÃO	63,2 m ²
	31	DIRETORIA, DIFUSÃO E PROGRAMAÇÃO	43,2 m ²
	32	RECURSOS HUMANOS	14,5 m ²
	33	SALA DE PROFESSORES	17,6 m ²
	34	GERÊNCIA	21 m ²
SOMA			249,2 m ²
SERVIÇO	35	VESTIÁRIOS	35 m ²
	36	CUCA SAUDÁVEL	18,5 m ²
	37	BANHEIROS	139 m ²
	38	COPA	6,2 m ²
SOMA			198,7 m ²

CUCA MONDUBIM

Figura 40. Setorização espacial do Cuca Mondubim. Sem escala.
 Fonte: Elaboração própria com base em fotografias dos totens explicativos na entrada do edifício.



CAPÍTULO 6

Projeto de
intervenção

INTENÇÕES

Após todas as discussões, é possível construir um projeto de intervenção. A intervenção é construída em duas frentes, complementares e indissociáveis: de um lado, a requalificação da Praça Brigadeiro Eduardo Gomes / Praça do Vaqueiro, e de outro, a proposição do Cuca Opaia. É necessário enfatizar que a intervenção na praça e a proposição do Cuca, têm, sobretudo, a intenção de concebê-los como elementos-chave na proposta da renovação do núcleo urbano em sua totalidade. Esse é o cerne deste projeto de graduação: a renovação de ampla área mediante proposições nas escalas urbana e arquitetônica. As intervenções desenhadas para a Praça do Vaqueiro e o Cuca Opaia devem ser associadas à melhoria dos espaços vazios que interligam a praça à Avenida Luciano Carneiro, à readequação das ruas e calçadas que levam à Lagoa do Opaia, e devem estar também associadas à requalificação da Lagoa do Opaia proposta pela própria Prefeitura Municipal de Fortaleza. Como a Lagoa do Opaia possui em suas margens 3 quadras descobertas, imagina-se a possibilidade de que um ginásio do Cuca Opaia seria construído mais próximo a esses, junto à Lagoa, também.

PROPOSTAS

A requalificação da Praça parte inicialmente das constatações e análises presentes no Capítulo 2. A necessidade de revitalização da praça enquanto espaço físico e de conexão ao entorno imediato são as prioridades, e o “programa” paisagístico se constrói a partir dos problemas identificados, os quais pode-se resumir em:

- Tamanho excessivo de estacionamento, que ocupa praticamente metade da área da praça e portanto deve ser diminuído;
- Falta de espaços de permanência;
- Ausência de qualquer mobiliário;

- Falta de uma solução de acessibilidade para o Monumento ao Vaqueiro;
- Deterioração da vegetação, restando apenas as árvores de maior porte e algumas palmeiras;
- Inadequação dos passeios e desnivelamento dos pisos, especialmente no perímetro da praça.

Para o Cuca, o programa arquitetônico foi construído com base no estudo dos capítulos 5 e 6. Tendo em mente a possibilidade de adequar o programa à situação específica de cada Cuca, ele foi desenvolvido conjuntamente às próprias decisões arquitetônicas.

Como a ideia central de projeto é a requalificação do núcleo urbano através de intervenções conectadas entre si, procurou-se no entorno imediato da Praça possibilidades de acomodar o programa. Existe um terreno vazio à venda, a noroeste, de 2.148m². No entanto, **esse terreno não conseguiria acomodar todo o programa**. Os espaços a oeste já se encontram em processo de parcelamento e de construção, e toda essa área não teria profundidade de lote adequada. **O Terminal de Aviação Geral (TAG) e os Hangares do Aeroporto estão sob administração da Fraport, que já demonstra ter intenções para o espaço, conforme abordado no final do capítulo 2. A proximidade extrema às pistas de decolagem também inviabilizaria algumas atividades de lazer**. Quanto ao terreno da Cagece, ele tem dimensões (aproximadamente 17.100m²) semelhantes às dos Cucas existentes na cidade, e a divisão interna dos edifícios é organizada quase totalmente por divisórias leves de PVC e semelhantes, permitindo fácil adaptação. Ao visitar a Sede pessoalmente, o que se observou foi um projeto dos anos 70 que conta com agradáveis espaços verdes, mas que são desfrutados apenas pelo grupo de funcionários da Instituição. **Surgiu a ideia de abrir esse espaço a todos, e a sua posição diretamente em frente a praça, ainda por cima com entrada tão próxima do Monumento ao Vaqueiro, todos esses elementos sugeriam uma perfeita adequação para receber um Cuca**.

Como mencionado no capítulo 3, está sendo construído o Centro Integrado de Segurança Pública no local das vilas militares que se encontram abandonadas, junto à Avenida Borges de Melo. O projeto não utiliza todas as quadras disponíveis, restando um total de 16.100m² onde poderia ser acrescentada uma nova Sede da Cagece (figura 41). Como é previsto sua saída, imagina-se a criação do ginásio



0 250 500 m

Figura 41. Área definida para o Centro Integrado de Segurança (semitransparente) e área das vilas militares restantes como possibilidade de implantação de uma nova Sede da Cagece (em azul opaco). Escala 1:7.500. Fonte: Elaboração própria com base em imagem de satélite.

coberto do Cuca no terreno do atual Laboratório de Hidrometria da Cagece, nas margens da Lagoa e em frente à EMEIF Haroldo Jorge Braun Vieira, que poderia também desfrutar do equipamento.

LIMITAÇÕES: ZONEAMENTO E LEGISLAÇÃO INCIDENTE

O projeto arquitetônico desenhado como intervenção — o Cuca Opaia — é considerado para fins da legislação urbanística de Uso e Ocupação do Solo como projeto de atividade Centro Social Urbano, do grupo institucional, subgrupo equipamentos para cultura e lazer. Esse tipo de atividade é considerado Projeto Especial. Ao checar as necessidades de adequação quanto a recuos e normas, por exemplo, todos os parâmetros são enfaticamente explicitados como objeto de estudo específico quando proposto. Ou seja, cada projeto de Centro Social Urbano

deverá ser apresentado e discutido para além do atendimento a parâmetros específicos na legislação.

Contudo, a área de intervenção de projeto é também parte da Área Especial Aeroportuária 3 (AEA 3). Localizar-se nessa área implica no atendimento de regras específicas de tratamento acústico. Dessa forma, o projeto do Cuca deverá prever o uso de materiais e sistemas de isolamento acústico, especialmente no teatro. A proximidade do Aeroporto implica também na necessidade de observar a limitação de altura máxima da edificação prevista pela incidência do cone aéreo. Utilizando o mapa disposto na legislação de zoneamento urbano da Prefeitura, foi possível calcular a partir da distância do limite sul do terreno (o mais próximo possível do Aeroporto e portanto a maior limitação para o desenho do projeto), uma altura máxima de 45,90m. A altura máxima prevista no desenho proposto para o Cuca Opaia é de apenas 20,94m, estando portanto completamente no limite aceitável pela legislação.

PREEXISTÊNCIAS

1- Praça do Vaqueiro

Para construir um entendimento do declínio do território e a visão de abandono associada à Praça do Vaqueiro, toda uma análise completa da preexistência, problemas, conexões e possibilidades foi construída ao longo do capítulo 2. Dessa forma, apenas enfatiza-se aqui três potencialidades centrais: grande dimensão, (totalizando aproximadamente 16.000m² de área) o que permite acomodar muitos usos; a presença de arborização de grande porte, formando um conjunto de sombras muito agradável; e um contexto de “recanto” tranquilo da cidade, com movimentação de fluxos de baixa velocidade, o que favorece o acesso de pedestres e deixa o espaço mais agradável para fruição e lazer. Dessa forma, o projeto paisagístico se desenvolveu atentando para essas potencialidades e problemas, mas sem demarcar um programa de necessidades com áreas predefinidas.

2- Sede da Cagece (ver documentação do projeto na Documentação 1)

A Sede da Cagece é um conjunto arquitetônico singelo, volumetrias brancas de alvenarias de tijolo e estrutura simples de vigas e pilares de concreto (figuras 43, 44 e 45). Apesar de bem articulada, não há modulação regular. Os blocos (seis no total: A, B, C, D, E e Refeitório) foram construídos em momentos distintos e, apesar de uma linguagem material uniforme, não mantêm forte relação espacial entre si. O bloco A,



0 250 500 m

LEGENDA

- 1 Praça Brigadeiro Eduardo Gomes / Praça do Vaqueiro
- 2 Sede da Companhia de Água e Esgoto do Ceará (Cagece)
- 3 Laboratório de Hidrometria da Cagece

Mapa 10. Ênfase nas dimensões de intervenção diante do contexto urbano. Em azul, os terrenos da Praça do Vaqueiro e da atual Sede da Cagece, sobre os quais é desenhado o projeto de intervenção. Não foi desenhado projeto para o possível ginásio coberto, considerando que implica num aprofundamento de intervenções na Lagoa do Opaia. Escala 1:9.000. Fonte: Elaboração própria com base em imagem de satélite.

por onde é feito o acesso principal à Sede, é o de maior destaque. Com grande extensão, organização racional dos espaços em torno de um pátio ajardinado interno e pé direito livre de cerca de 3,40m, o bloco parece adequado para receber grande parte do programa arquitetônico do Cuca a ser proposto.

Os blocos B e C foram erguidos lateralmente ao bloco A. O bloco B, que contém o auditório, foi adaptado a partir da antiga garagem de caminhões. Um segundo pavimento foi construído, deixando somente cerca de 2,30m de pé direito livre no térreo. O bloco C tem pé direito mais amplo. Ignorando o forro, a distância piso a piso alcança os 4,40m no pavimento térreo e no pavimento superior, 3,50m.

O bloco do refeitório abriga funções de serviço, incluindo os vestiários dos funcionários da limpeza e manutenção. Arquitetonicamente, esse bloco tem uma articulação de pilares e pergolados que dá algum destaque no contexto da Sede. O refeitório é aberto em três laterais, cercado por uma vegetação decorativa e bem cuidada.

Finalmente, há os blocos D e E. Construídos próximo ao recuo (no caso do bloco D) e colado ao muro (no caso do bloco E), o espaço entre eles forma apenas um corredor estreito de serviços. O bloco D tem algumas formas distintas (o arremate das janelas que vai de um pavimento ao outro) e sacadas cilíndricas, mas a cobertura se projeta acima do bloco de forma muito singela. O bloco E por sua vez parece ter sido construído para acomodar as necessidades de forma prática, não tem uma unidade formal e se divide de acordo com os desníveis do terreno.

Com isso, projetar o Cuca Opaia no local da Sede da Cagece implica em trabalhar a preexistência, priorizando as qualidades do que está construído — que dizem respeito, sobretudo, à cobertura vegetal e ambientação agradável (figuras 46, 47 e 48) — e entrevendo possibilidades para articular o centro a ser construído. Há possibilidade também de diluir o programa na praça em frente, que, inter-relacionadas, tornam-se complemento um do outro.

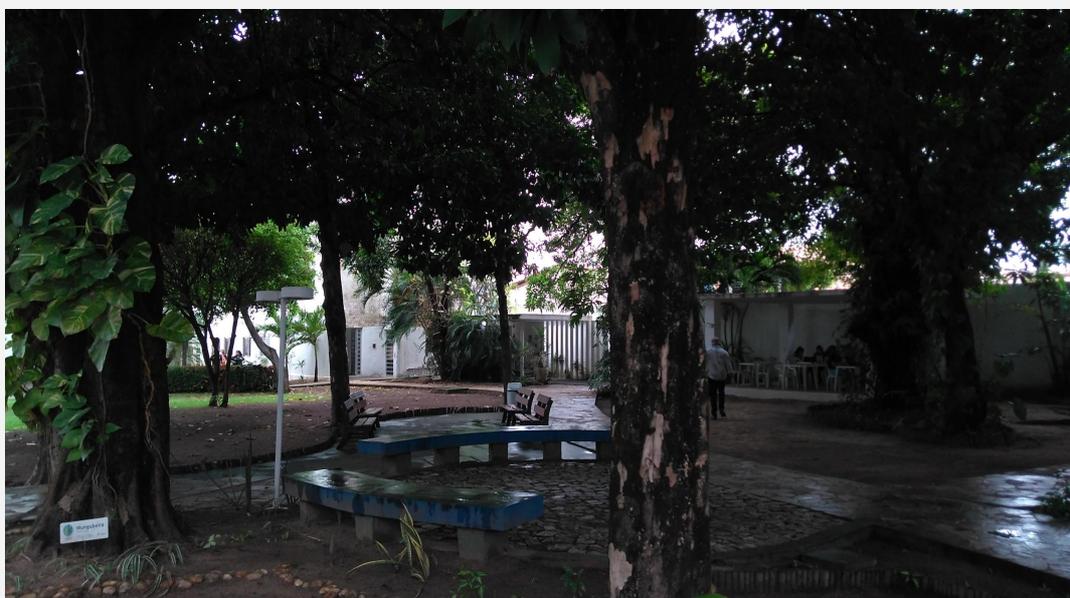
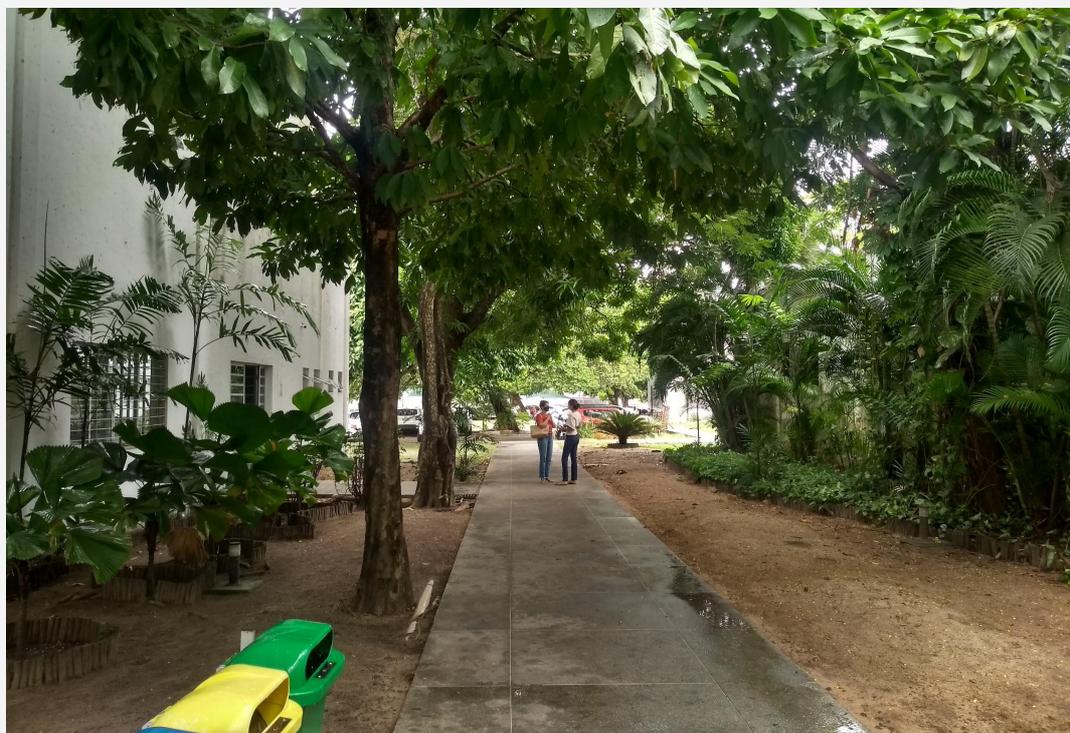
Existem outras tantas possibilidades para o território, e desenvolvê-las todas no trabalho de conclusão seria impossível. Contudo, projetar pensando em todas essas possíveis direções de expansão da proposta de intervenção matizou as decisões projetuais (figura 42).



Figura 42. Possibilidades de intervenção identificadas como adequadas para a revitalização do território. Escala 1:9.000. Fonte: Elaboração própria com base em imagem de satélite.



Figuras 43, 44 e 45. Fotografias da Sede da Cagece, enfatizando elementos arquitetônicos (entrada com o Bloco A ao fundo, bloco do refeitório e bloco D). Fonte: Fotos do acervo do autor (de janeiro de 2020)



Figuras 46, 47 e 48.
Fotografias da Sede da Cagece, enfatizando os pátios e ambientação entre os blocos edificadas. Fonte: Fotos do acervo do autor (de janeiro de 2020)

DECISÕES PROJETUAIS

Primeiramente, na praça surge a necessidade de abordar algumas das problemáticas levantadas. Como o Monumento ao Vaqueiro é elevado do nível de piso (figura 49), e havendo demandas para intervenção visando à acessibilidade, desenha-se uma rampa de acesso que deve chegar no monumento, sem que esconda a base do monumento. Surge a possibilidade de, na união entre escadaria de acesso ao monumento e rampas, formar uma arquibancada para formar um anfiteatro (figura 50). O estacionamento, como mencionado, toma uma área muito grande da Praça. Diminuí-lo permite adicionar áreas de permanência no lado leste e para isso, é reaberta a entrada do estacionamento a oeste, como havia antigamente.

Nessa área de permanência, propôs-se um pavilhão com pias para higienização (figura 51), imaginando que essa área mais aberta da praça sirva para receber festas populares, carrinhos de venda de comida, dentre outros. A área técnica ligada ao aeroporto na esquina sudeste da praça é isolada com jardineiras e grades, para evitar o acesso indevido.

Na área central da praça, cria-se uma sequência de espaços de permanência: área de mesas (figuras 52 e 53), parquinho para crianças (figura 54), pista de skate e área de academia ao ar livre (figura 55). Esses espaços têm o intuito de viabilizar mais usos e atividades na praça.

A maior parte do piso da praça é proposto como piso de concreto do tipo bloco drenante, procurando diminuir a irradiação de calor causada por materiais mais refletivos, além de evitar empocamento nas épocas de chuva. Além disso, é desenhado um percurso contínuo de piso de concreto, para a prática de caminhada. A parte mais noroeste da praça é mantida em areia, mas na maior parte dos canteiros propõe-se um paisagismo que combina áreas de grama, de pedrisco branco, de casca de pinus e argila expandida, formando desenhos simples com diferentes texturas e cores. Na metade norte da praça há uma concentração de árvores e, por ser bastante sombreada, são distribuídos bancos entre os canteiros. Avançando na direção norte dá-se prioridade para a criação de continuidade com o Cuca proposto (figuras 58, 59 e 60). Por isso a maior parte da área é paginada com os mesmos blocos drenantes do resto da praça, deixando canteiros onde já existem árvores. A continuidade é possibilitada principalmente na criação da via compartilhada para pedestres e veículos.

Figura 49. Render de projeto. Monumento ao Vaqueiro, visto a partir da calçada da esquina nordeste. Fonte: Elaboração própria



Figura 50. Render de projeto. Espaço de anfiteatro criado em frente ao Monumento ao Vaqueiro, com a criação de arquibancadas junto à escada existente. Fonte: Elaboração própria



Figura 51. Render de projeto. Pavilhão coberto com pias para higienização, vista a partir da ponta do estacionamento. Fonte: Elaboração própria





Figura 52. Render de projeto. Chegada à área de mesas a partir do estacionamento. Estátua de Santos Dumont ao fundo. Fonte: Elaboração própria



Figura 53. Render de projeto. Área de mesas. A estátua de Santos Dumont, em primeiro plano, foi realocada. Fonte: Elaboração própria



Figura 54. Render de projeto. Área de parquinho. Gangorras e balançadores ao fundo. O parquinho também conta com um escorregador. Fonte: Elaboração própria

Figura 55. Render de projeto. Área de academia ao ar livre e pista de skate. Torre de controle do Aeroporto ao fundo. Fonte: Elaboração própria



Figura 56. Render de projeto. Caminho ao longo do perímetro externo da área de mesas e parquinho. Fonte: Elaboração própria

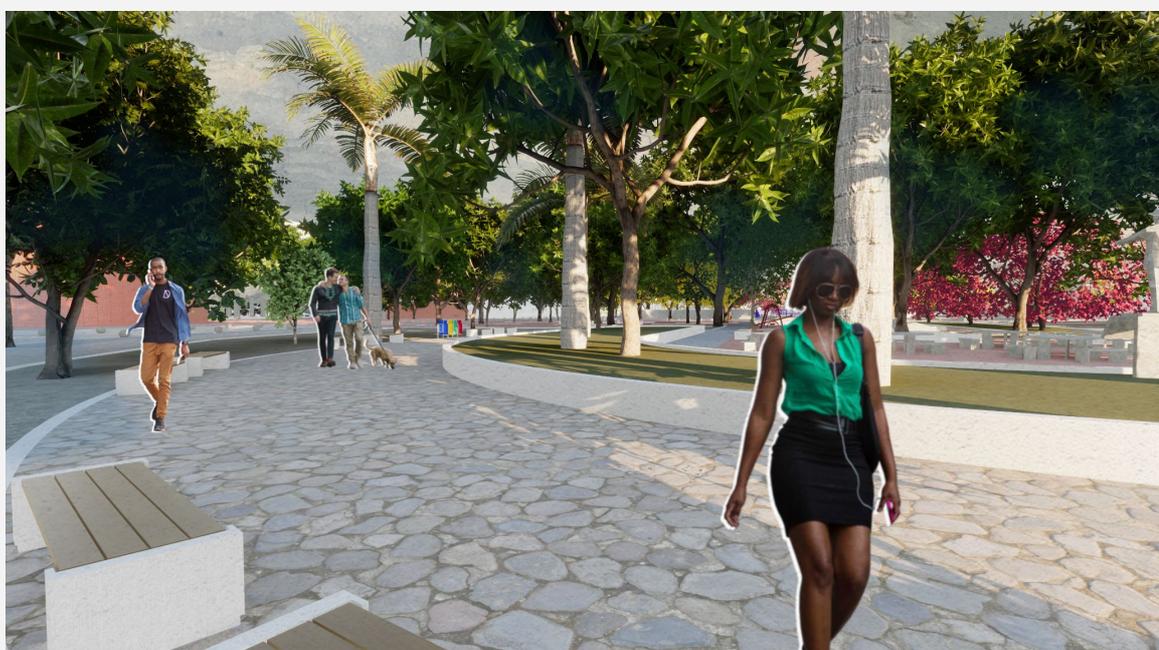


Figura 57. Render de projeto. Esquina nordeste, mostrando adaptação da pista asfaltada em via compartilhada de pedestres e veículos. Fonte: Elaboração própria





Figura 58. Render de projeto. Chegada ao Cuca pelo oeste. Volumetria do teatro se destaca em segundo plano. Fonte: Elaboração própria

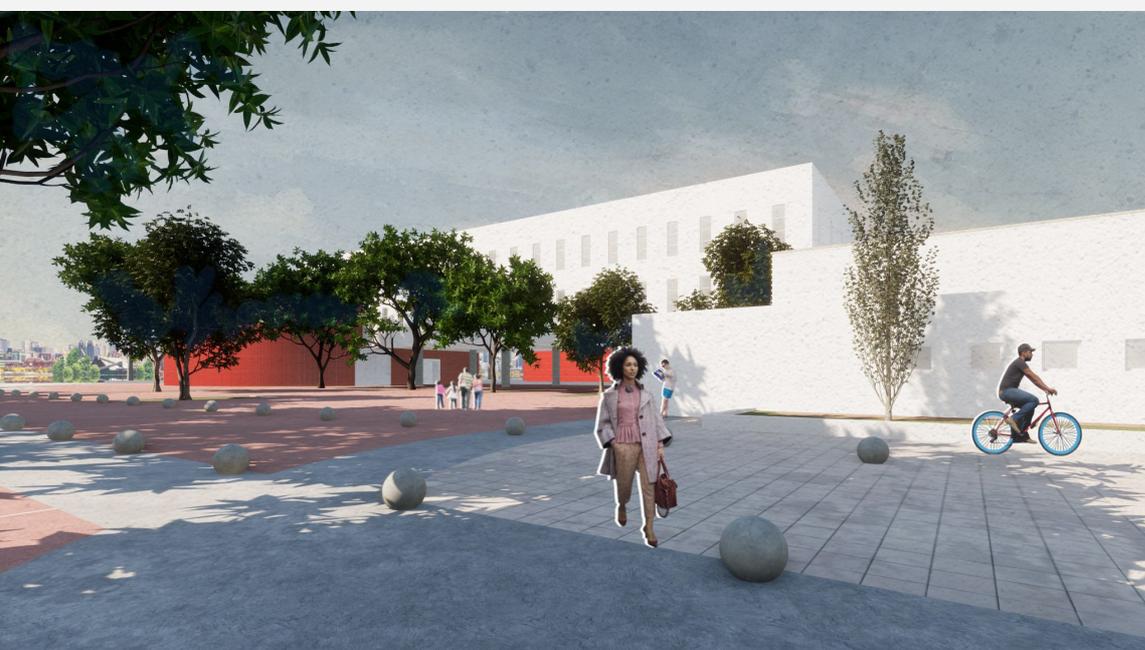


Figura 59. Render de projeto. Chegada ao Cuca, próximo ao Monumento ao Vaqueiro. O edifício procura não competir com a arborização existente. Fonte: Elaboração própria



Figura 60. Render de projeto. Espaço aberto em frente à entrada principal do Cuca. Marcação do piso procura garantir uma sensação de escala. Fonte: Elaboração própria

Na medida em que o Cuca e a praça são pensados como uma unidade, indissociáveis, propõe-se substituir a rua asfaltada que os separa por uma via compartilhada de pedestres, elevada para que a continuidade aconteça sem desníveis (figura 57).

Quanto ao próprio Cuca, o projeto prioriza a criação de uma forte conexão com a Praça e uma boa resolução da organização do edifício. Para fortalecer essa ideia de continuidade com a Praça do Vaqueiro, decidiu-se por construir o novo edifício principal em “L” como um grande pórtico de entrada que adentra o lote na forma de uma extensa área de pilotis, formando um pátio coberto com mais de 5 metros de pé direito livre, que pode ser ocupado de diversas maneiras.

Figura 61. Render de projeto. Área livre de pilotis do edifício principal do Cuca. Entrada do Bloco A ao fundo. Fonte: Elaboração própria

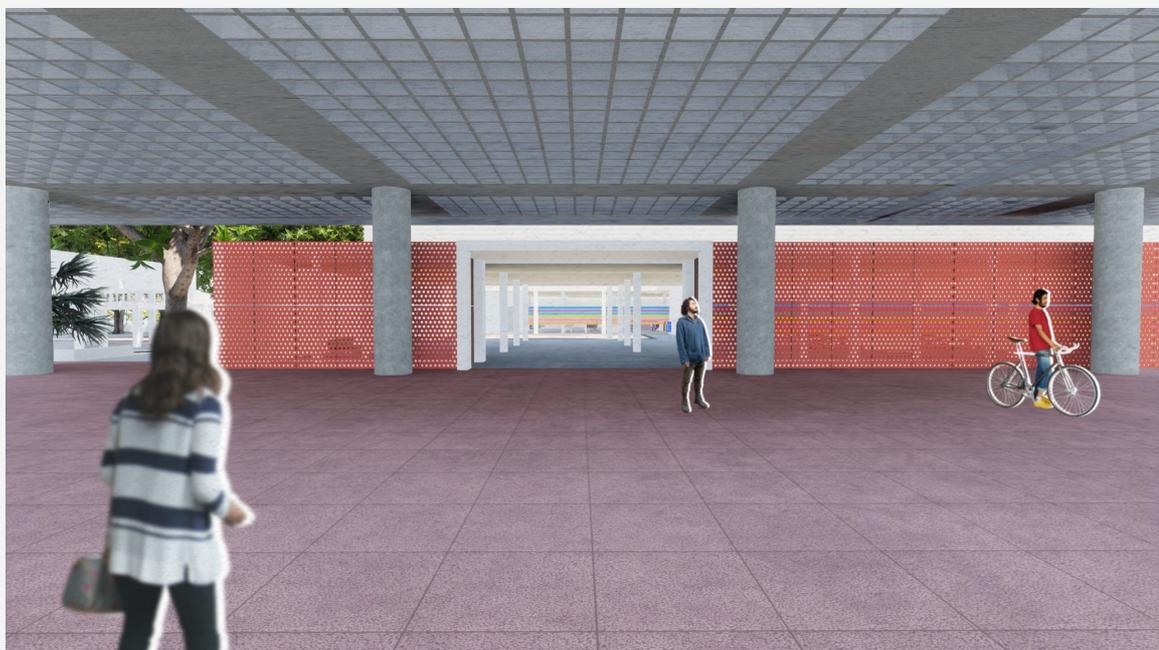


Figura 62. Render de projeto. Área livre de pilotis do edifício principal do Cuca. A parte norte é projetada com bancos fixos para incentivar a permanência. Fonte: Elaboração própria





Figura 63. Render de projeto. Área de piscinas, com bloco de circulação vertical e corredores de acesso ao edifício principal ao fundo. Uma escadaria dá acesso direto às piscinas. Fonte: Elaboração própria

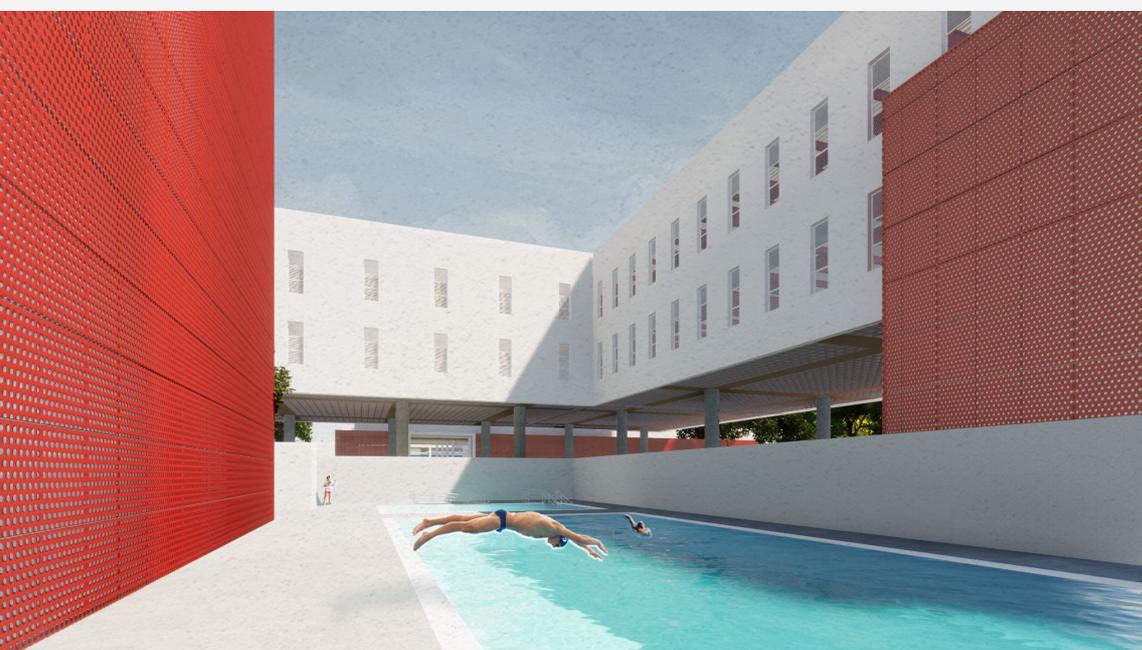


Figura 64. Render de projeto. Área de piscinas, vista a partir do acesso rampado. Fonte: Elaboração própria

Devido a um entendimento de que os blocos B, D e E da Cagece não seriam adequados para acomodar partes do programa de necessidades, são mantidos apenas os blocos A e do refeitório. O bloco C teria alguma possibilidade de aproveitamento, mas diante das opções projetuais, decidiu-se por também removê-lo. O bloco C dá lugar a uma área de piscinas (figuras 63 e 64), escavada 3,00m abaixo da cota geral e a um bloco de circulação vertical que dá acesso ao edifício principal. O bloco A é mantido muito próximo do existente, apenas reorganizando as divisões internas para acomodar a maior parte do setor administrativo e alguns espaços de atendimento do público, assim como o setor de coworking e de informática. Além disso, retira-se as paredes que delimitam o atual espaço de tecnologia, inovação e comunicação da Cagece para criar um segundo

jardim interno, espelhando o jardim existente. A interface entre o bloco A e o espaço de pilotis é também alterada. A alvenaria existente é demolida e dá lugar a uma faixa de jardins que é fechada com painéis metálicos perfurados (figuras 60 e 61), na intenção de permitir a identificação da antiga volumetria do edifício, mas criando maior permeabilidade visual. Retira-se todo o espaço de serviço do atual refeitório da Cagece, transformando o ambiente em um pavilhão coberto (figura 67) para dança, crossfit e quaisquer outras atividades imaginadas pelos visitantes.

Contraposto ao bloco A que é mantido, o teatro é desenhado no lado oeste do pórtico de entrada do Cuca. Essa volumetria, assim como o bloco de circulação vertical próximo às piscinas e o fechamento do bloco A na interface com o pilotis são tratados em termos de superfície com uma pele de painéis metálicos perfurados. A intenção é criar volumes sólidos visualmente, mas que permitam a exaustão das janelas, que ficam dissimuladas atrás dessa pele. Os painéis metálicos também criam um interesse visual sutil na medida que permite identificar a modulação das peças. O teatro é acessado dentro do espaço de pilotis, e o terreno é escavado em direção à área de palco para garantir os desníveis das filas de assentos da plateia (figuras 68 e 69).

O edifício principal é construído com dois pavimentos, enquanto o térreo é liberado na forma de pilotis. Essa base do edifício foi pensada em concreto armado, formando grandes vãos que podem ser vencidos graças a um sistema de vigas e de robustos pilares de seção circular. As lajes são nervuradas, criando um interesse visual modular e principalmente diminuindo a altura de laje necessária para vencer os grandes vãos. Os dois pavimentos que se apoiam sobre essa base são feitos em estrutura metálica com lajes tipo steeldeck. A mudança na estrutura permite passar os pilares para as extremidades do edifício e liberar o máximo possível os dois pavimentos. A porção sul deles é ocupada pelas salas de artes plásticas, artes marciais (figura 71), artes cênicas e dança. O primeiro pavimento conta também com salas multiuso e um grande espaço de convivência / exposição de artes (figura 70), enquanto o segundo pavimento conta com sala de aula, de música, de estúdio de fotografia e filmagem, estúdio de gravação, cineclube, rádio cuca e estúdio de edição. Esse pavimento abre-se ainda à oeste, utilizando a cobertura do teatro como um espaço de mirante e pátio aberto (figura 72). O mirante permite ter uma visão sem obstruções da praça, mas também permite ver a decolagem dos aviões, assim como é narrado das pessoas lembrarem nas suas épocas de infância e juventude, quando visitavam o antigo aeroporto Pinto Martins. O tratamento de fachadas desse edifício



Figura 65. Render de projeto. Novo jardim interno do bloco A. Fonte: Elaboração própria



Figura 66. Render de projeto. Jardim existente. As divisórias de vidro das salas aparece ao fundo, com faixas adesivadas nas cores da identidade visual da Rede Cuca. Fonte: Elaboração própria

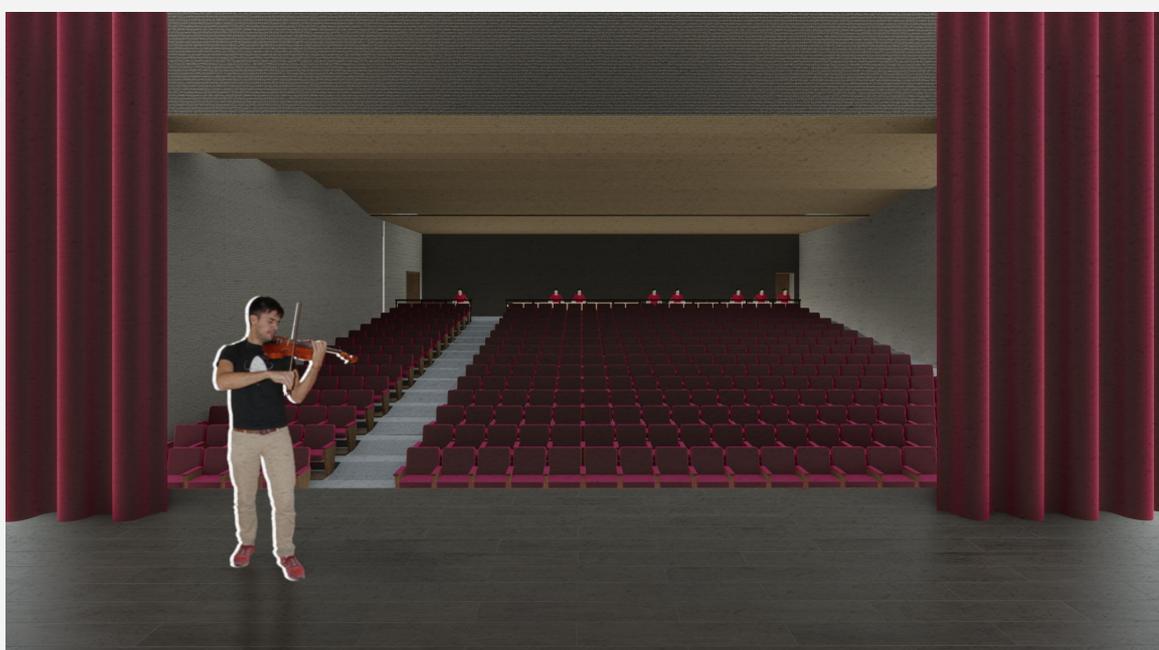


Figura 67. Render de projeto. Vista do pavilhão do antigo refeitório, a partir da entrada secundária. Fonte: Elaboração própria

Figura 68. Render de projeto. Espaço interno do teatro com vista para o palco. Fonte: Elaboração própria



Figura 69. Render de projeto. Espaço interno do teatro com vista para a platéia. Fonte: Elaboração própria



principal é feita buscando uma simplicidade volumétrica, compondo uma associação de dois prismas brancos, e também a criação de um ritmo modular de janelas. A intenção é de criar uma certa leveza e simplicidade que se aproxima da materialidade e expressão visual das preexistências da Cagece.

Na porção norte do terreno, mais afastada da praça e em meio a uma vizinhança mais residencial, é criado um acesso de menor escala ([figura 73](#)), principalmente para funcionários e, portanto, acompanhada de um estacionamento. Esse bloco de acesso abriga também os vestiários de funcionários responsáveis pela limpeza e manutenção do Cuca. A área próxima a esse acesso é mantida como um espaço aberto, arborizado, imaginando que permita a realização de outros tipos de atividade, sejam reuniões ao ar livre ou quaisquer outras.



Figura 70. Render de projeto. Área de convivência e de exposições no primeiro pavimento do edifício principal. Fonte: Elaboração própria

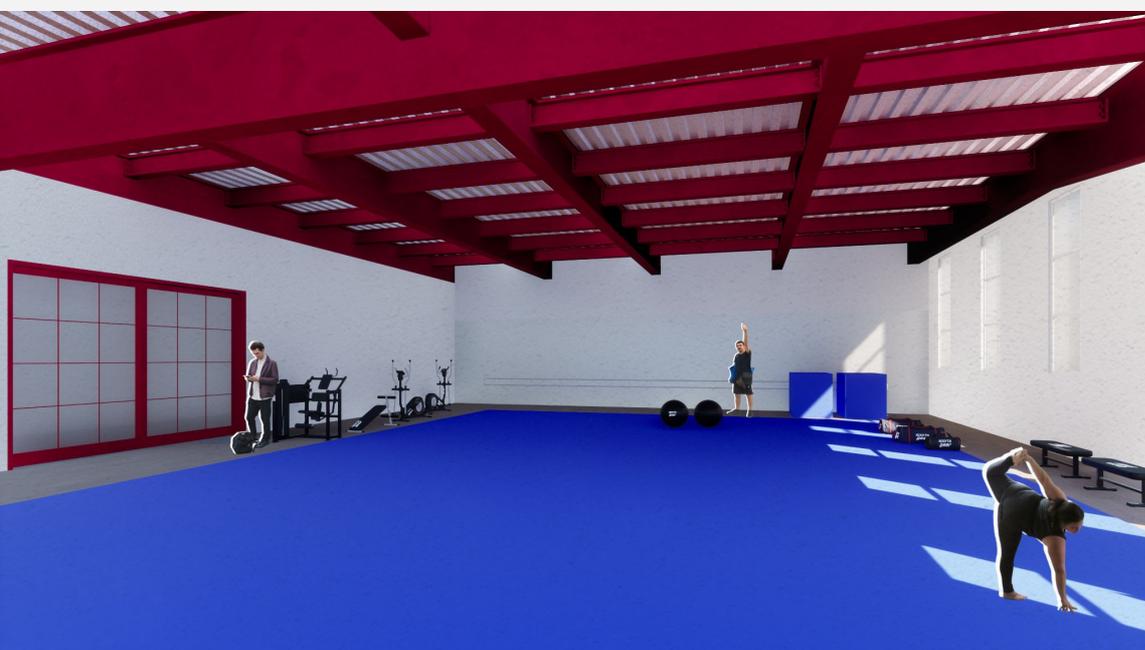


Figura 71. Render de projeto. Sala de artes marciais no primeiro pavimento do edifício principal. Fonte: Elaboração própria



Figura 72. Render de projeto. Terraço ou mirante no segundo pavimento. Os canteiros surgem entre as vigas (faixas em branco) que estruturam o bloco do Teatro. Fonte: Elaboração própria

Finalmente, o paisagismo busca principalmente destacar as áreas arborizadas e incentivar a permanência pela disponibilidade de sombra e colocação de bancos ou de jardineiras que permitem sentar. Procurou-se criar uma certa variedade de espaços, alguns mais introspectivos, outros mais abertos. A linguagem do paisagismo segue o tratamento dado à praça, principalmente na continuidade direta do piso em bloco drenante que segue da praça até o fim da área de pilotis do cuca, mesmo estando em uma área coberta. Considerando essa inter-relação praça-Cuca como ponto central da proposta de projeto. A substituição dos muros de divisa do terreno por gradis permite também a conexão visual com o entorno e, no lado noroeste, permite-se ver o Cuca a partir dos VLTs que atravessam a área (figura 74).

Figura 73. Render de projeto. Entrada secundária do projeto.

Uma volumetria reduzida busca ter uma relação de escala mais apropriada com o entorno residencial.

Fonte: Elaboração própria



Figura 74. Render de projeto. A troca de muros por gradil permite que pessoas andando de VLT possam entrever algumas atividades do

Cuca. Fonte: Elaboração própria



Tabela 4.
Setorização espacial
dos ambientes /
programa de
necessidades da
intervenção
proposta. Fonte:
Elaboração própria.

SETORIZAÇÃO ESPACIAL

1	PARQUINHO / ÁREA DE MESAS	801 m ²
2	SKATE	367,7 m ²
3	ACADEMIA AO AR LIVRE	141,1 m ²
4	ANFITEATRO	145 m ²
5	MONUMENTO DO VAQUEIRO	331,8 m ²
6	ÁREA TÉCNICA AEROPORTO	235,6 m ²
7	ÁREA COBERTA DE HIGIENIZAÇÃO	113,2 m ²
8	PILOTIS	2554,8 m ²
9	BILHETERIA	28,8 m ²
10	TEATRO	515 m ²
11	CAMARIM	66,2 m ²
12	CABINE TÉCNICA	81 m ²
13	BANHEIROS / VESTIÁRIOS	874 m ²
14	DEPÓSITOS	407,5 m ²
15	SALA DE MATRÍCULA	67,8 m ²
16	TRABALHO E EMPREGABILIDADE	55,6 m ²
17	CUCA AMBIENTAL	55,1 m ²
18	BIBLIOTECA	116,4 m ²
19	ALA ADMINISTRATIVA	341 m ²
20	ÁREA DE MESAS DA CANTINA	84,4 m ²
21	CANTINA	48,2 m ²
22	SETOR INFORMÁTICA	155,4 m ²
23	COWORKING	231,7 m ²
24	ATENDIMENTO SOCIAL	150 m ²
25	REFEITÓRIO DE FUNCIONÁRIOS	158,7 m ²
26	CENTRAIS DE AR / MANUTENÇÃO	73,9 m ²
27	PAVILHÃO	256,5 m ²
28	RECEPÇÃO	61,2 m ²
29	GUARITA	20,8 m ²
30	VESTIÁRIO DE FUNCIONÁRIOS	139,8 m ²
31	DEPÓSITO DE LIXO	20,9 m ²
32	PISCINA DE COMPETIÇÃO	334,1 m ²
33	PISCINA ENSINO / HIDROGINÁSTICA	134,2 m ²
34	ACESSO VESTIÁRIOS	30,8 m ²
35	AMBULATÓRIOS	175,8 m ²
36	ARMÁRIOS	20,6 m ²
37	CASA DE MÁQUINAS / BOMBAS	112,8 m ²
38	ÁREA DE EXPOSIÇÕES / CONVÍVIO	911,3 m ²
39	SALA DE ARTES MARCIAIS	335,9 m ²
40	SALA DE ARTES PLÁSTICAS	325,3 m ²
41	SALAS MULTIUSO	515,9 m ²
42	SALA DE DANÇA	335,9 m ²
43	SALA DE ARTES CÊNICAS	325,3 m ²
44	SALA DE AULAS	219 m ²
45	CINECLUBE	205,2 m ²
46	SALA DE MÚSICA	205,2 m ²
47	SALA DE FILMAGEM / FOTOGRAFIA	205,2 m ²
48	RÁDIO CUCA / EDIÇÃO	205,2 m ²
49	ESTÚDIOS DE GRAVAÇÃO	215,3 m ²
50	TERRAÇO / MIRANTE	810,35 m ²

SETORIZAÇÃO - Intervenção

- Espaços livres
- Setor Administrativo
- Atendimento ao público
- Tecnologia e comunicação
- Arte e esportes
- Serviço

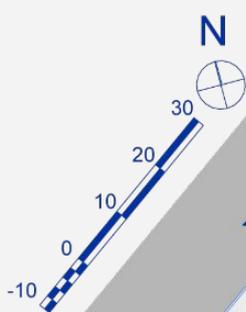


Figura 75. Planta de setorização do projeto de intervenção (Térreo)

SETORIZAÇÃO - Intervenção

- Espaços livres
- Setor Administrativo
- Atendimento ao público
- Tecnologia e comunicação
- Arte e esportes
- Serviço

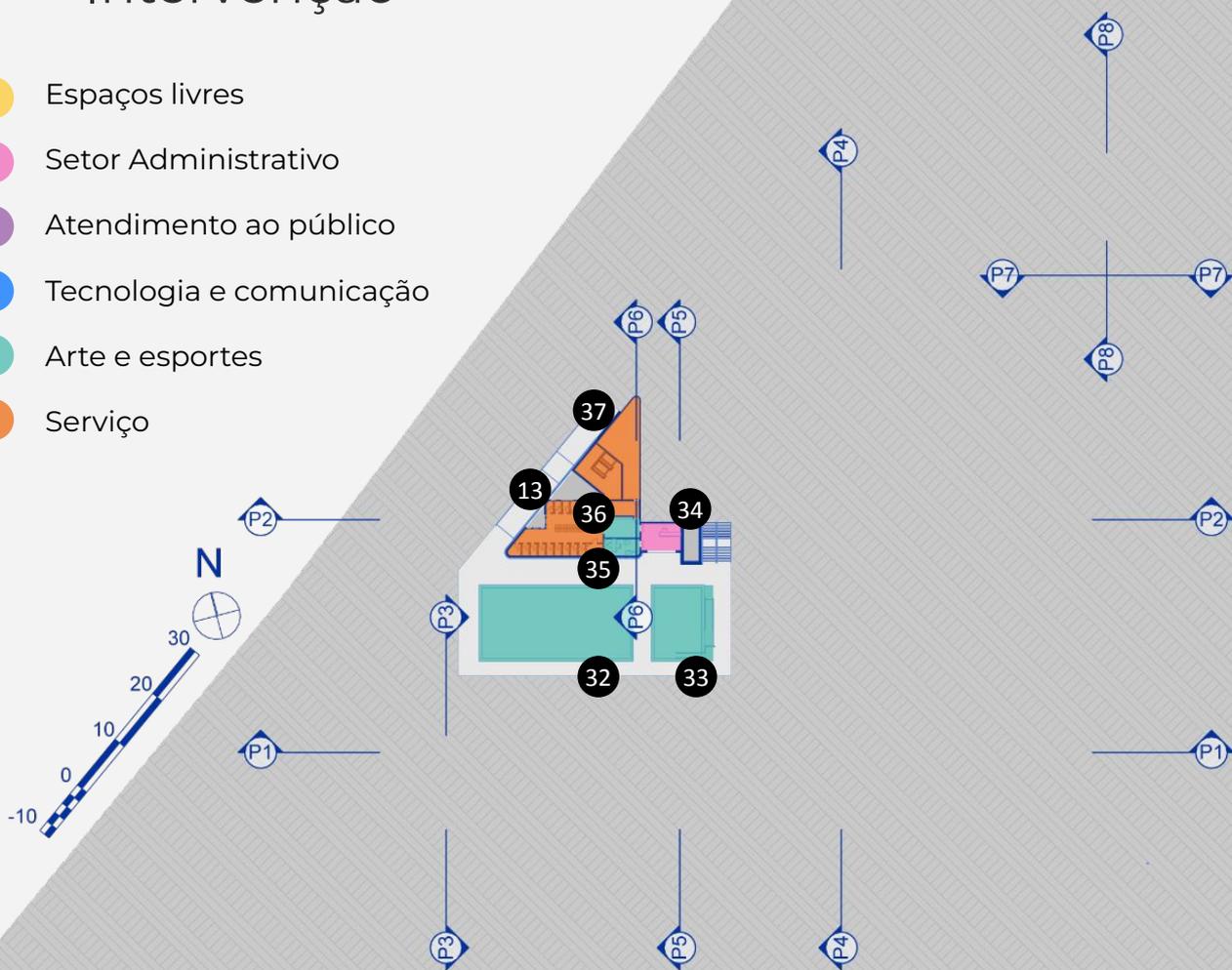


Figura 76. Planta de setorização do projeto de intervenção (Piscinas)

SETORIZAÇÃO - Intervenção

- Espaços livres
- Setor Administrativo
- Atendimento ao público
- Tecnologia e comunicação
- Arte e esportes
- Serviço



Figura 77. Planta de setorização do projeto de intervenção (1º Pavimento)

SETORIZAÇÃO - Intervenção

- Espaços livres
- Setor Administrativo
- Atendimento ao público:
- Tecnologia e comunicação
- Arte e esportes
- Serviço



Figura 78. Planta de setorização do projeto de intervenção (2º Pavimento)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca por tratar o trabalho de conclusão com afinco nos objetivos e rigor na pesquisa gerou desafios, mas acredito que foi possível construir um entendimento bastante completo da história e presente situação do núcleo urbano do Aeroporto que foi trabalhado e produzir um projeto de intervenção adequado às problemáticas identificadas, ao desejo de projetar numa integração entre escala urbana e arquitetônica. Trabalhar projetos de grandes escalas e que visam avançar sobre múltiplas frentes seria tarefa mais adequada para um grupo interdisciplinar. A intervenção sobre a Praça do Vaqueiro e a criação do Cuca Opaia foi o máximo que se conseguiu alcançar dentro das presentes limitações, porém identifica-se no núcleo urbano do Aeroporto Antigo um conjunto de possibilidades de ações para a revitalização, que se elevariam se construídas todas em conjunto, interconectadas.

O projeto apresentado pretende também contribuir como exemplo para outras discussões. Quais outros espaços da cidade encontram-se em situação parecida à identificada na Praça do Vaqueiro e da Lagoa do Opaia? É possível transformar a cidade, e criar uma interconexão de espaços livres, melhorar a vida urbana? Conforme estudado, defende-se que espaços públicos de qualidade e equipamentos sociais voltados para o lazer, as artes e o esporte muito podem contribuir para a melhoria das nossas realidades.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA NACIONAL DE AVIAÇÃO CIVIL (ANAC). CONSÓRCIO AERO BRASIL. **Aeroporto Internacional Pinto Martins: Relatório 2: Estudos de Engenharia e Afins**. Relatório. Fortaleza, 2015. Disponível em: <https://www.anac.gov.br/assuntos/paginas-tematicas/concessoes/andamento/evtea/fortaleza/relatorio-2-estudos-de-engenharia-e-afins-for.pdf> Último acesso em 11 de fevereiro de 2022.
- ALMEIDA, Borges Lílian e JANTZEN, Sylvio Arnaldo D. **Autor e método projetual Louis Kahn na arquitetura modernista**. 2011. 10f. Artigo. 2º Simpósio Brasileiro de Qualidade do Projeto no Ambiente Construído: X Workshop Brasileiro de Gestão de Processos de Projeto na Construção de Edifícios. 3 a 4 de novembro de 2011 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil. Disponível em: <https://www.iau.usp.br/ocs/index.php/sbqp2011/sbqp2011/paper/viewFile/343/131>. Último acesso em 11 de fevereiro de 2022.
- CATONY, Luiz Mattoso; PAIVA, Ricardo Alexandre. **O Concurso do Cuca da Barra em Fortaleza: Permanências e rupturas (pós)modernas**. 2018. 17f. Artigo. 7º DOCOMOMO Norte-Nordeste 13 a 16 de agosto de 2018 - Manaus, AM - Brasil. Disponível em: https://7docomomomanaus.weebly.com/uploads/7/0/0/2/70024539/o_concurso_do_cuca_.pdf. Último acesso em 11 de fevereiro de 2022.
- CORREIA, Anna Flávia Guerreiro. **Parque da Lagoa do Opaia: uma intervenção ecossustentável**. 2020. 129f. Trabalho de Conclusão (Graduação) Universidade Federal do Ceará, Departamento de Arquitetura Urbanismo e Design, Fortaleza-CE, 2020. (aguarda catalogação).
- CRUZ, Maria Auxiliadora Gadelha da. **Juventudes e meio ambiente: práticas e processos educativos de jovens no entorno da Lagoa do Opaia**. 2009. 152f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará (UFC) Programa de pós-graduação em educação brasileira, Fortaleza-CE, 2009. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/5843>. Último acesso em 11 de fevereiro de 2022.
- FAVERO, Marcos. **Louis kahn: arquitetura - concepção teórica e ensino de projeto**. 2017. 11f. Artigo. Revista arquitetura, vol. 13, n. 1, p. 30-40, jan/jun 2017. Unisinos - doi: 10.4012/arq.2017.131.04. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/arquitetura/article/view/arq.2017.131.04>. Último acesso em 11 de fevereiro de 2022.

HERTZBERGER, Herman. **Lessons for students of architecture**. 5. ed. Rotterdam: 010 Publishers. 2005. 271p.

LEUPEN, Bernard. **Frame and Generic Space: A study into the changeable dwelling proceeding from the permanent**. Rotterdam: 010 Publishers, 2006. 254p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=EmkcvDUAD4kC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Último acesso em 11 de fevereiro de 2022.

MACIEL, Wellington Ricardo Nogueira. **O aeroporto de Fortaleza: usos e significados contemporâneos**. Fortaleza-CE, 2006. 154 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará (UFC) Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza-CE, 2006. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/949>. Último acesso em 11 de fevereiro de 2022.

OLIVEIRA, Ana Amélia Rodrigues de Oliveira. **Em busca do Ceará: a conveniência da cultura popular na figuração da cultura cearense (1948-1983)**. 2015. 297f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará (UFC) Centro de Humanidades, Programa de pós-graduação em história social, Fortaleza-CE, 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/13035>. Último acesso em 11 de fevereiro de 2022.

PIPPI, Luis Guilherme Aita; LAUTERT, Alice Rodrigues. **Praças como espaços públicos relevantes: aspectos pertinentes ao projeto**. Artigo. 2019. 13f. Revista Projetar: projeto e percepção do ambiente, Natal - RN, vol. 4, n.1, Abril de 2019.

SAMPAIO, Thayana Muniz. **Um voo pela memória: uma análise do caderno "Aeroporto: nas asas do futuro" do Jornal Diário do Nordeste**. 2018. 62f. Monografia - Universidade Federal do Ceará (UFC), Departamento de ciências da informação, curso de biblioteconomia. Fortaleza-CE, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/35207>. Último acesso em 11 de fevereiro de 2022.

Documentação

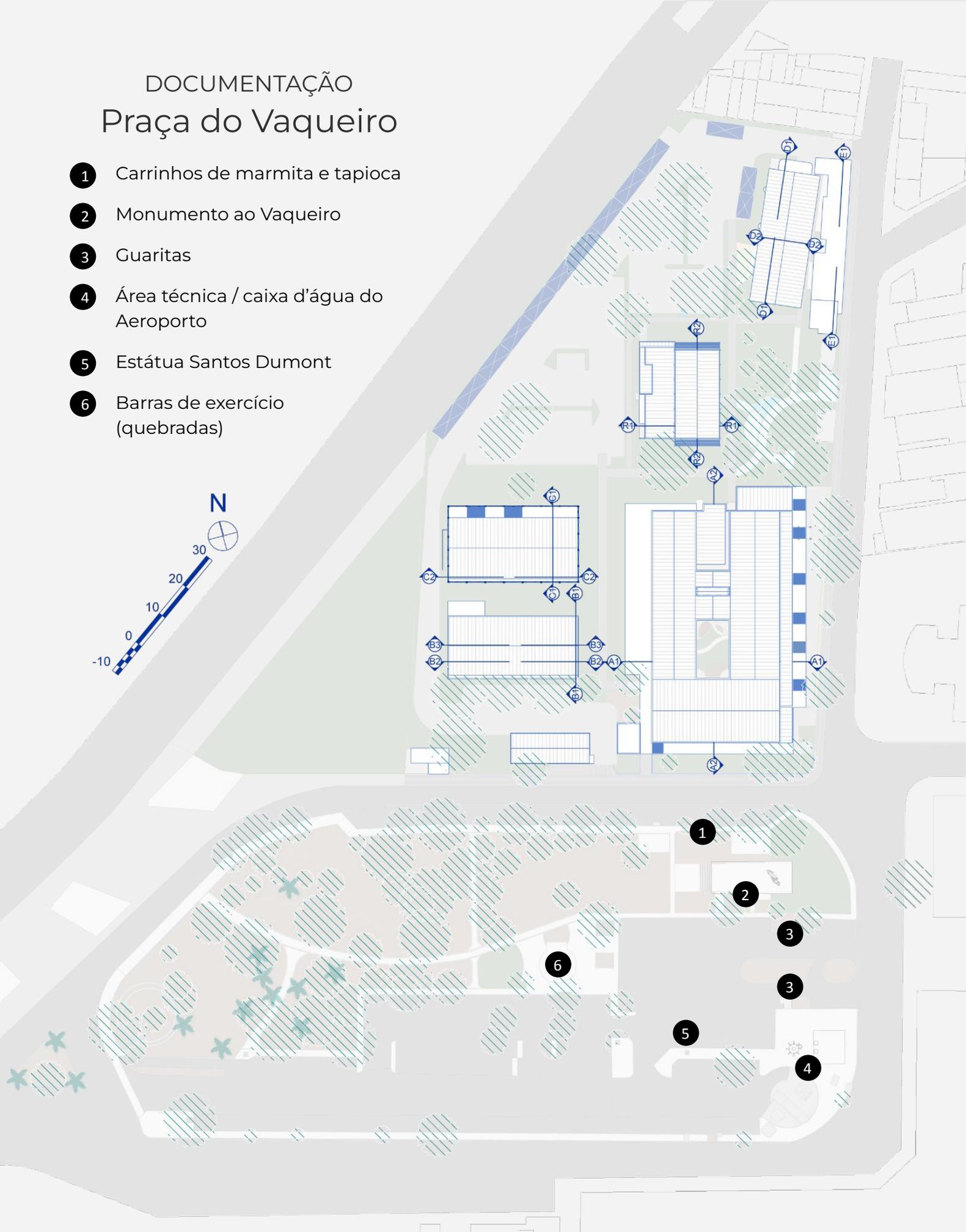
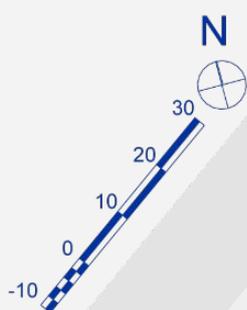
Preexistência

- plantas Praça do Vaqueiro e Cagece
- isométricas e cortes Cagece

DOCUMENTAÇÃO

Praça do Vaqueiro

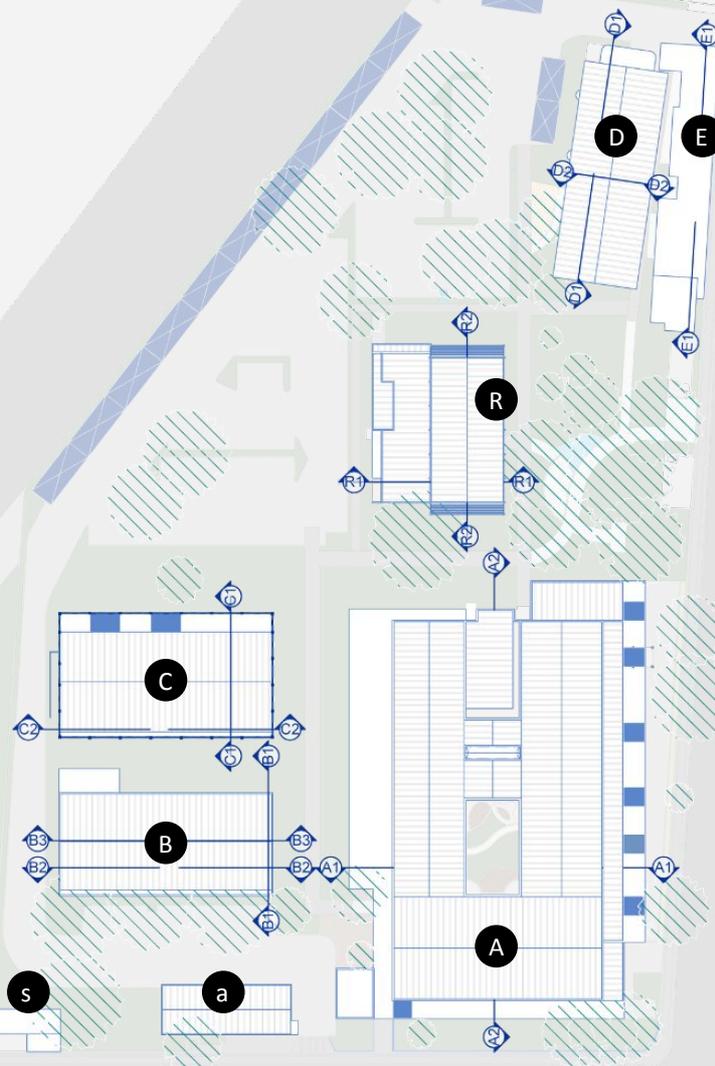
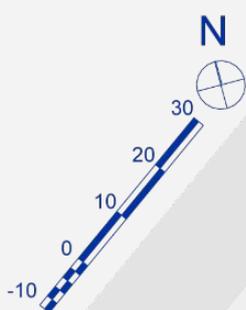
- 1 Carrinhos de marmita e tapioca
- 2 Monumento ao Vaqueiro
- 3 Guaritas
- 4 Área técnica / caixa d'água do Aeroporto
- 5 Estátua Santos Dumont
- 6 Barras de exercício (quebradas)



DOCUMENTAÇÃO

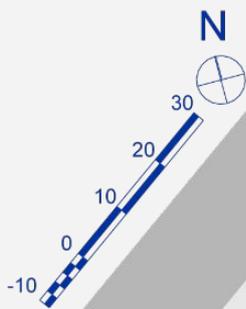
Sede da Cagece

- a** Acréscimo - Banco Bradesco
- s** Subestação
- A** Bloco A
- B** Bloco B
- C** Bloco C
- R** Bloco Refeitório
- D** Bloco D
- E** Bloco E



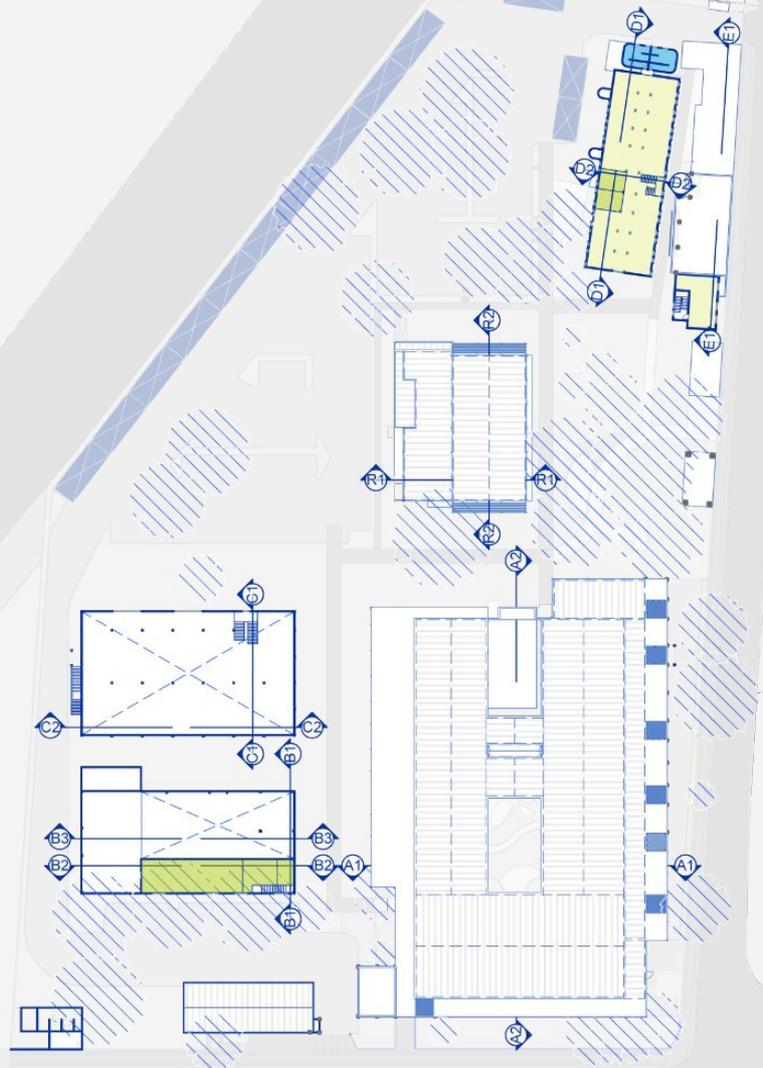
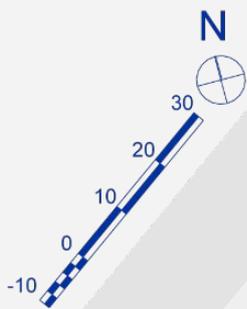
SETORIZAÇÃO Sede da Cagece

- Setor Administrativo
- Áreas de trabalho / Convivência
- Serviços / Apoio



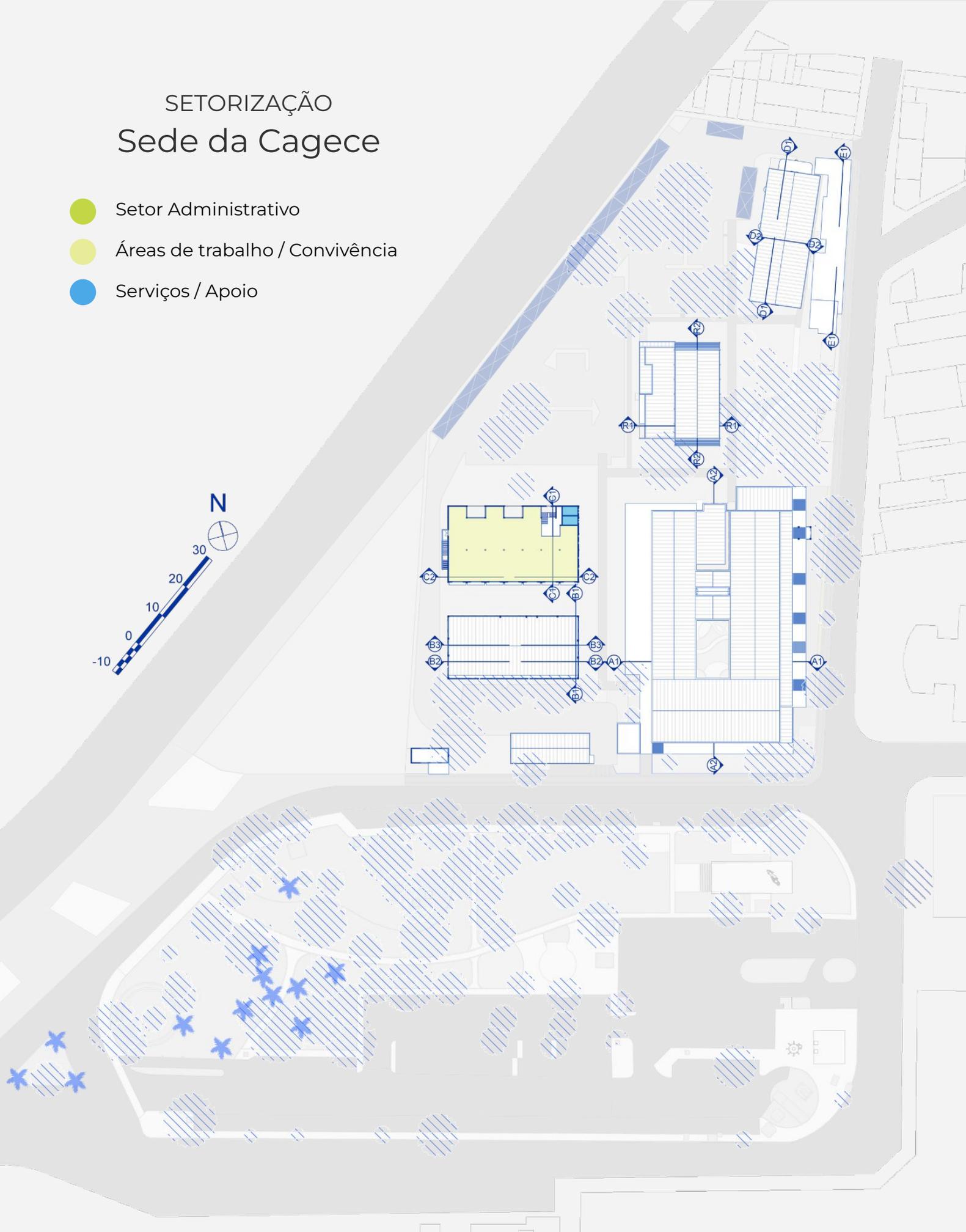
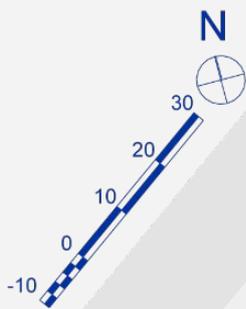
SETORIZAÇÃO Sede da Cagece

- Setor Administrativo
- Áreas de trabalho / Convivência
- Serviços / Apoio

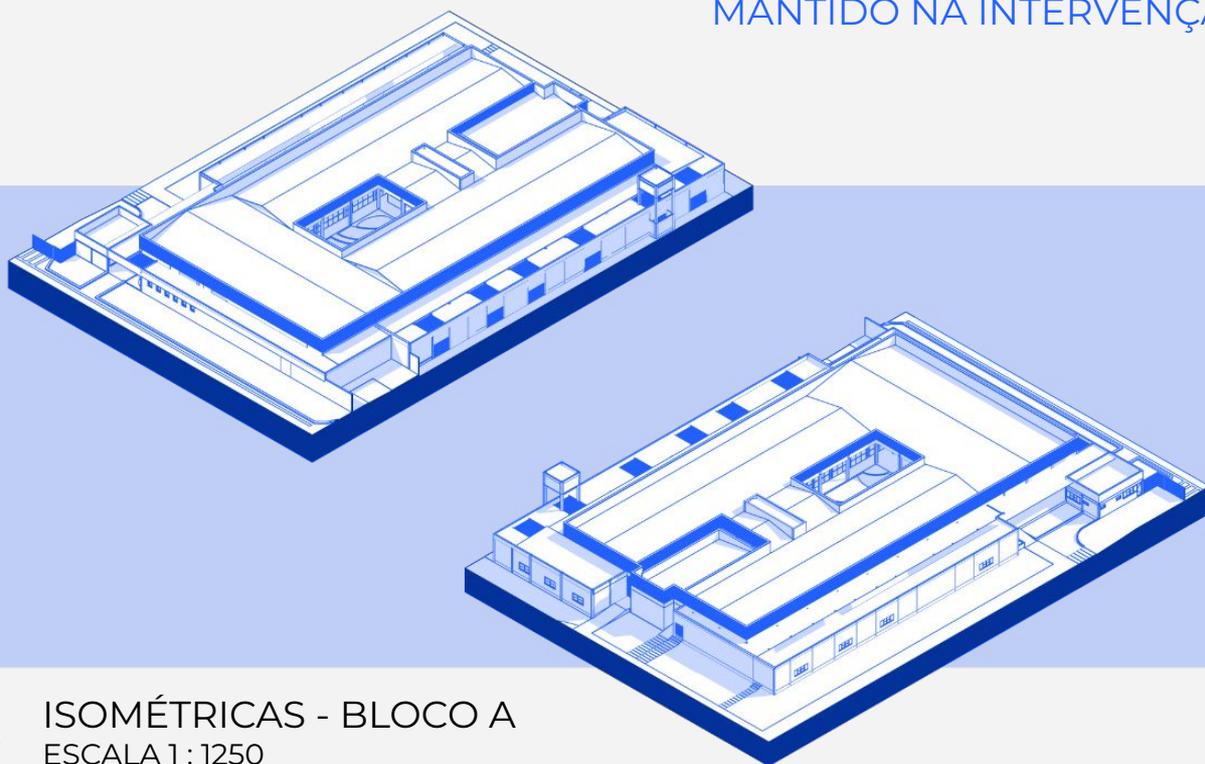


SETORIZAÇÃO Sede da Cagece

- Setor Administrativo
- Áreas de trabalho / Convivência
- Serviços / Apoio



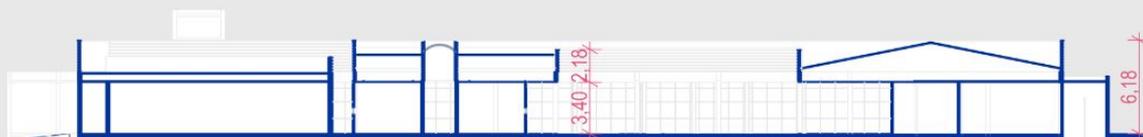
BLOCO A
MANTIDO NA INTERVENÇÃO



6 ISOMÉTRICAS - BLOCO A
ESCALA 1 : 1250

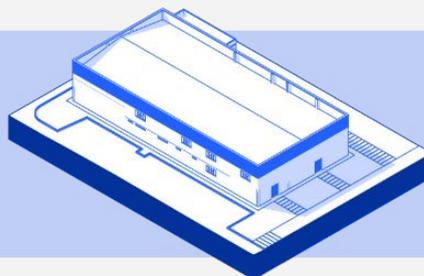
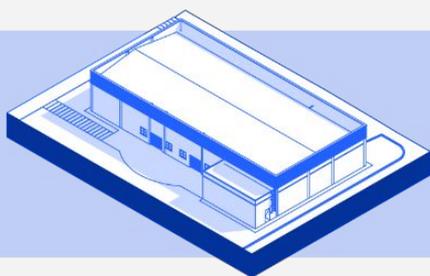


7 CORTE A1 - BLOCO A
ESCALA 1 : 500



8 CORTE A2 - BLOCO A
ESCALA 1 : 500

BLOCO B - DEMOLIDO NA INTERVENÇÃO



9 ISOMÉTRICAS - BLOCO B
ESCALA 1:1250



10 CORTE B1 - BLOCO B
ESCALA 1:500

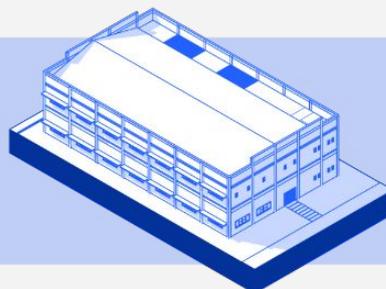
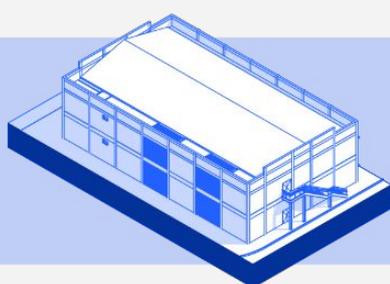


11 CORTE B2 - BLOCO B
ESCALA 1:500



12 CORTE B3 - BLOCO B
ESCALA 1:500

BLOCO C
DEMOLIDO NA INTERVENÇÃO



13 ISOMÉTRICAS - BLOCO C
ESCALA 1 : 1250

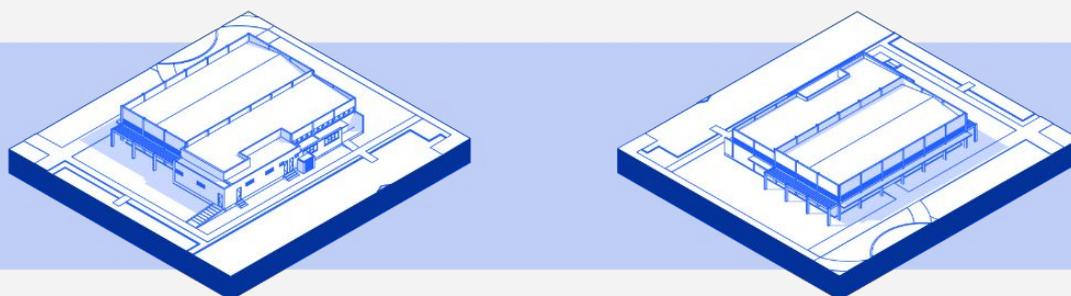


14 CORTE C1 - BLOCO C
ESCALA 1 : 500



15 CORTE C2 - BLOCO C
ESCALA 1 : 500

BLOCO REFEITÓRIO
MANTIDO COM ALTERAÇÕES NA INTERVENÇÃO (REMOÇÃO DO
VOLUME DE SERVIÇO - TRANSFORMAÇÃO EM PAVILHÃO)



16 ISOMÉTRICAS - BLOCO REFEITÓRIO
ESCALA 1 : 1250

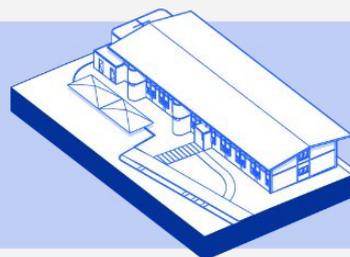
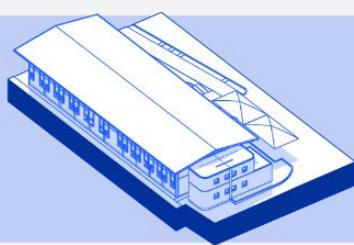


17 CORTE R1 - BLOCO REFEITÓRIO
ESCALA 1 : 500



18 CORTE R2 - BLOCO REFEITÓRIO
ESCALA 1 : 500

BLOCO D
DEMOLIDO NA INTERVENÇÃO



19 ISOMÉTRICAS - BLOCO D
ESCALA 1 : 1250

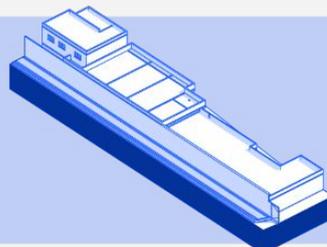
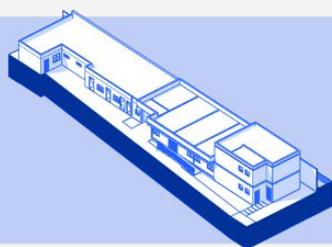
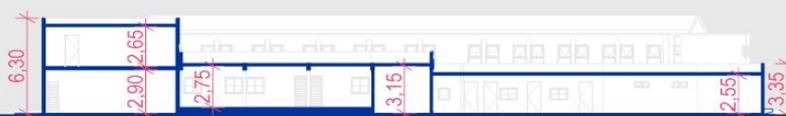


20 CORTE D1 - BLOCO D
ESCALA 1 : 500



21 CORTE D2 - BLOCO D
ESCALA 1 : 500

BLOCO E - DEMOLIDO NA INTERVENÇÃO

22 ISOMÉTRICAS - BLOCO E
ESCALA 1 : 125023 CORTE E1 - BLOCO E
ESCALA 1 : 500

Documentação

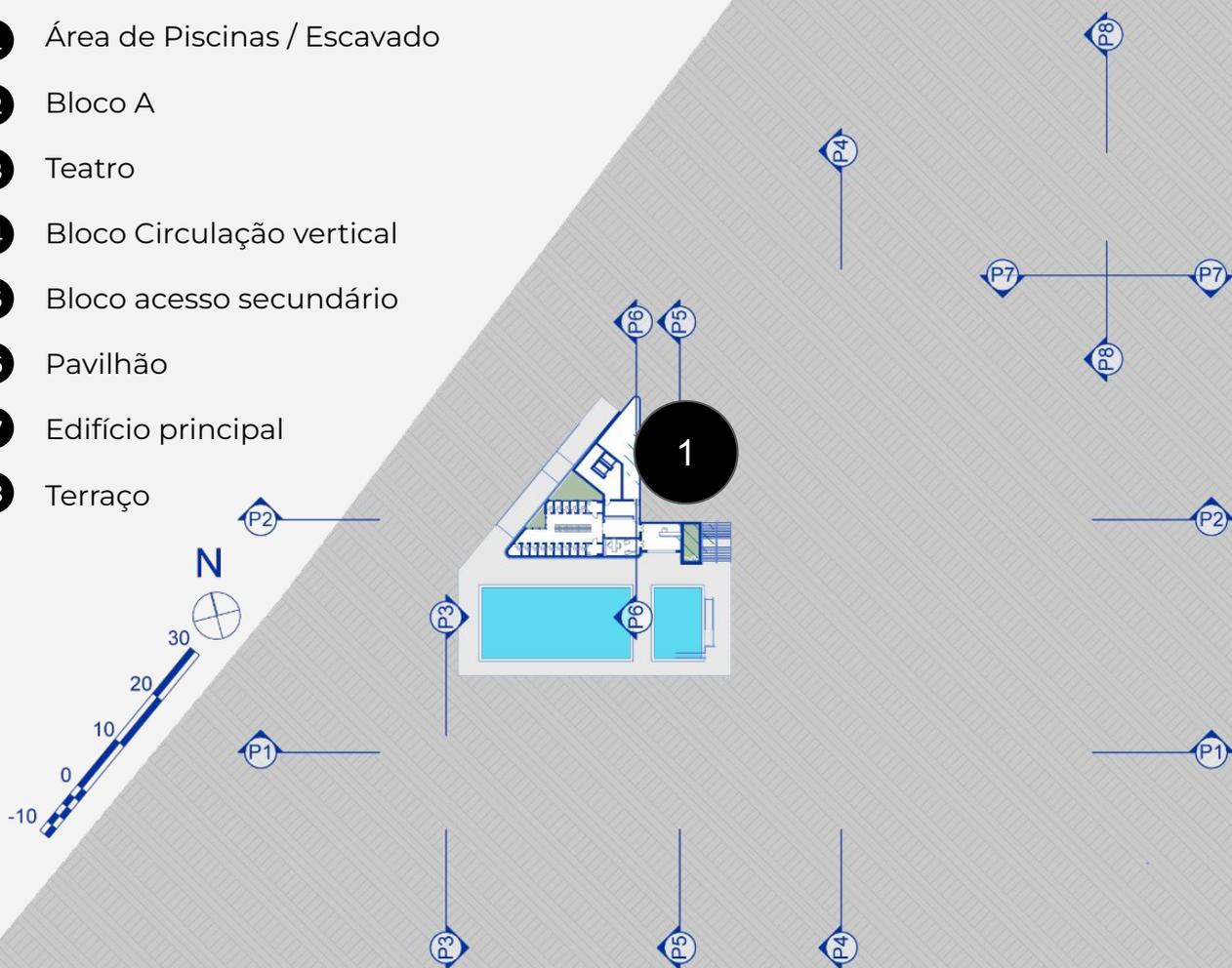
Projeto de Intervenção

- plantas gerais de projeto
- cortes
- fachadas

DOCUMENTAÇÃO

Proposição Cuca Opaia

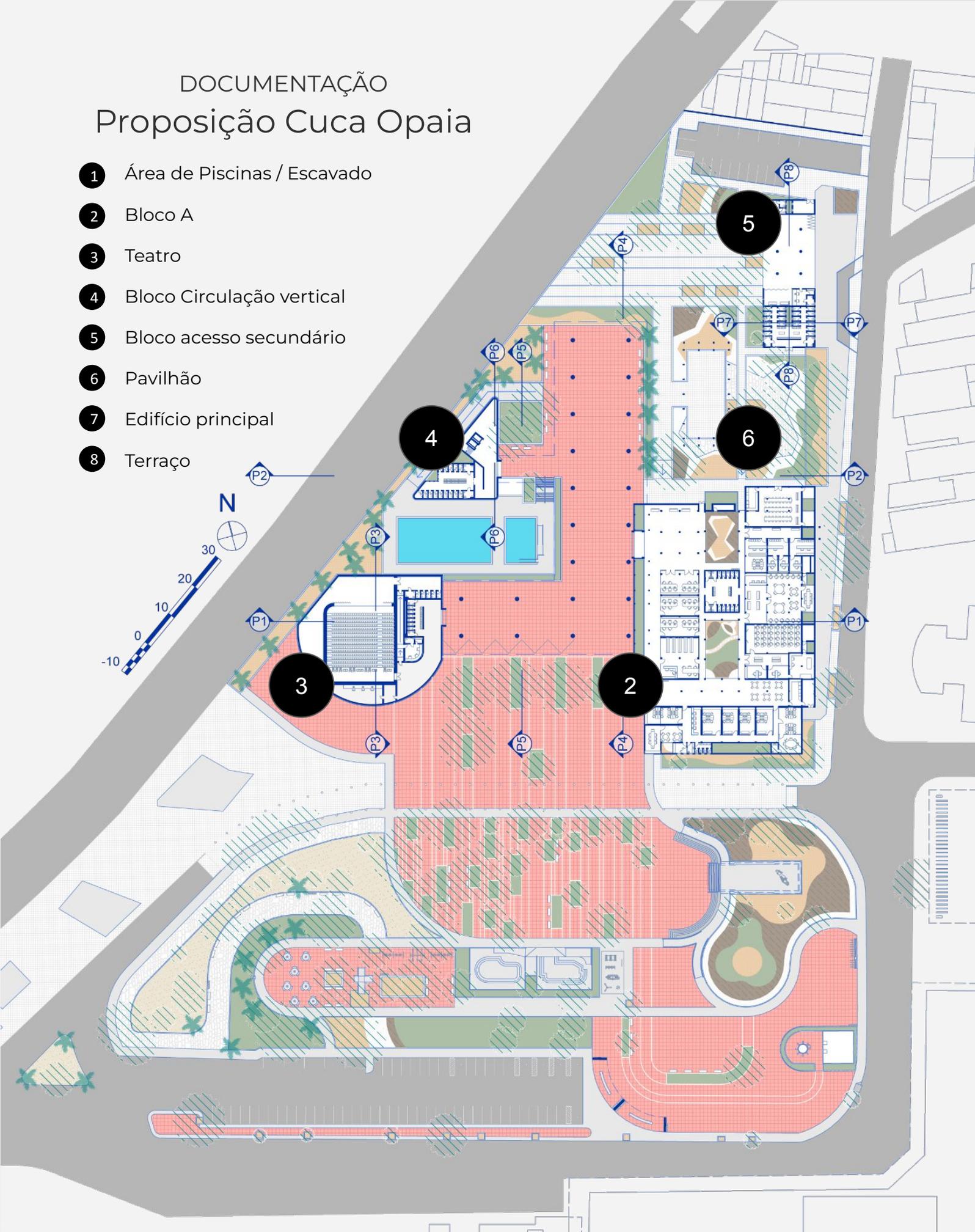
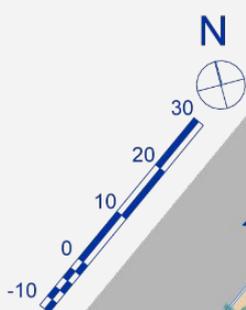
- 1 Área de Piscinas / Escavado
- 2 Bloco A
- 3 Teatro
- 4 Bloco Circulação vertical
- 5 Bloco acesso secundário
- 6 Pavilhão
- 7 Edifício principal
- 8 Terraço



DOCUMENTAÇÃO

Proposição Cuca Opaia

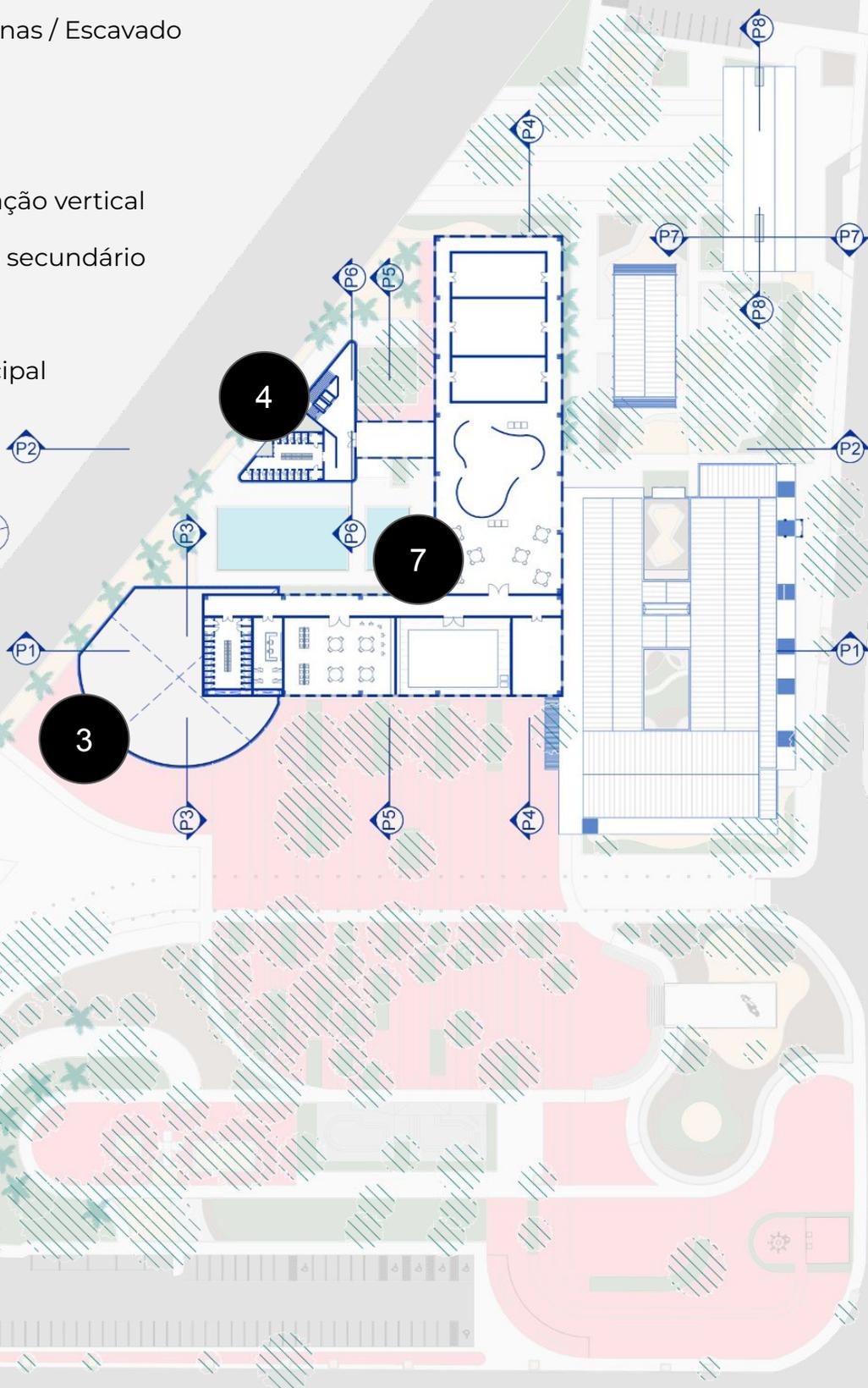
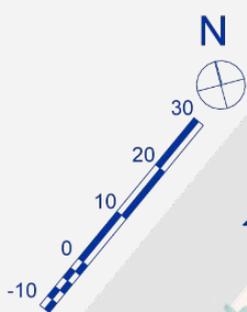
- 1 Área de Piscinas / Escavado
- 2 Bloco A
- 3 Teatro
- 4 Bloco Circulação vertical
- 5 Bloco acesso secundário
- 6 Pavilhão
- 7 Edifício principal
- 8 Terraço



DOCUMENTAÇÃO

Proposição Cuca Opaia

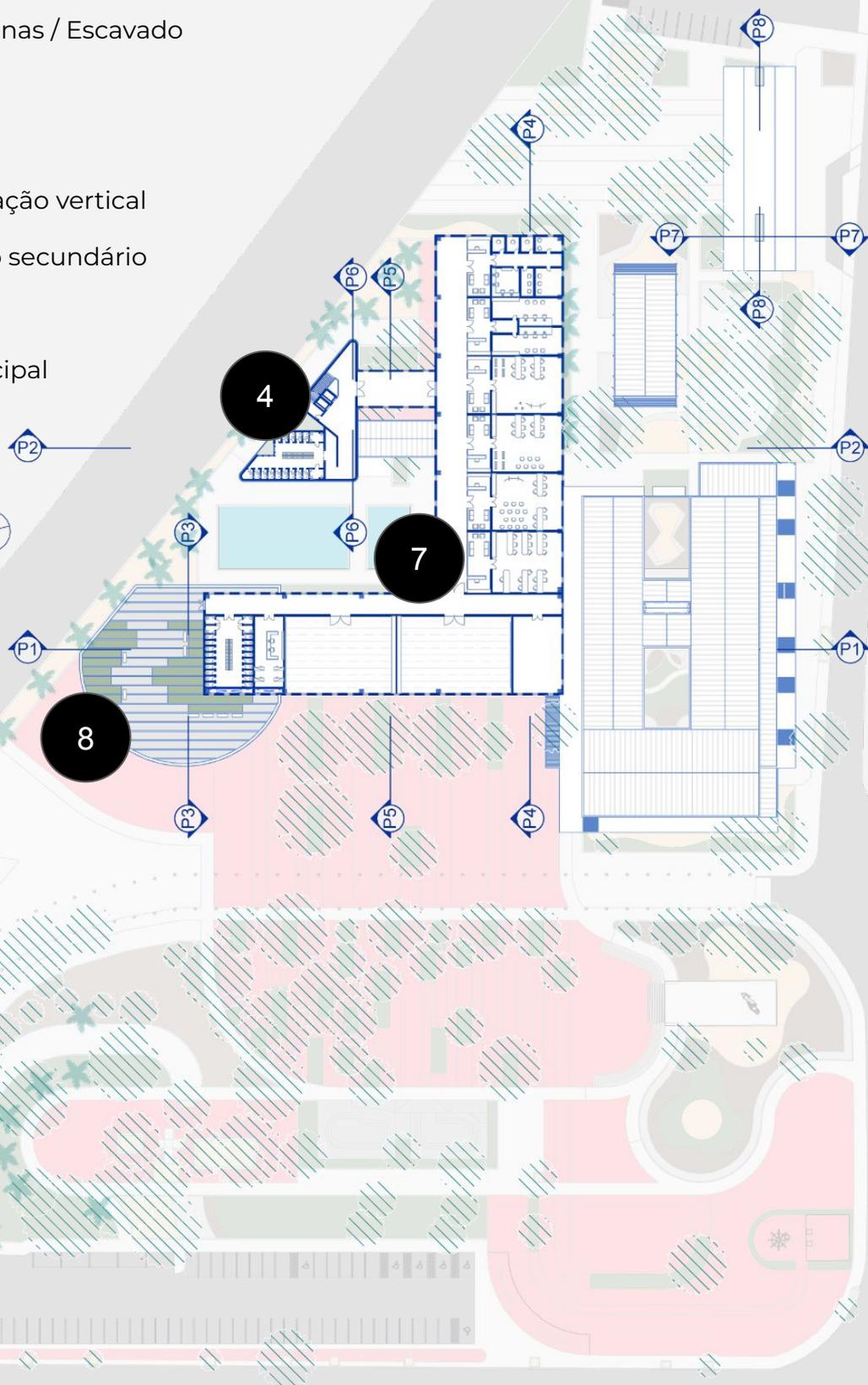
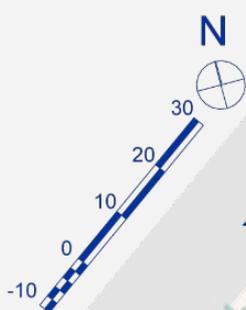
- 1 Área de Piscinas / Escavado
- 2 Bloco A
- 3 Teatro
- 4 Bloco Circulação vertical
- 5 Bloco acesso secundário
- 6 Pavilhão
- 7 Edifício principal
- 8 Terraço



DOCUMENTAÇÃO

Proposição Cuca Opaia

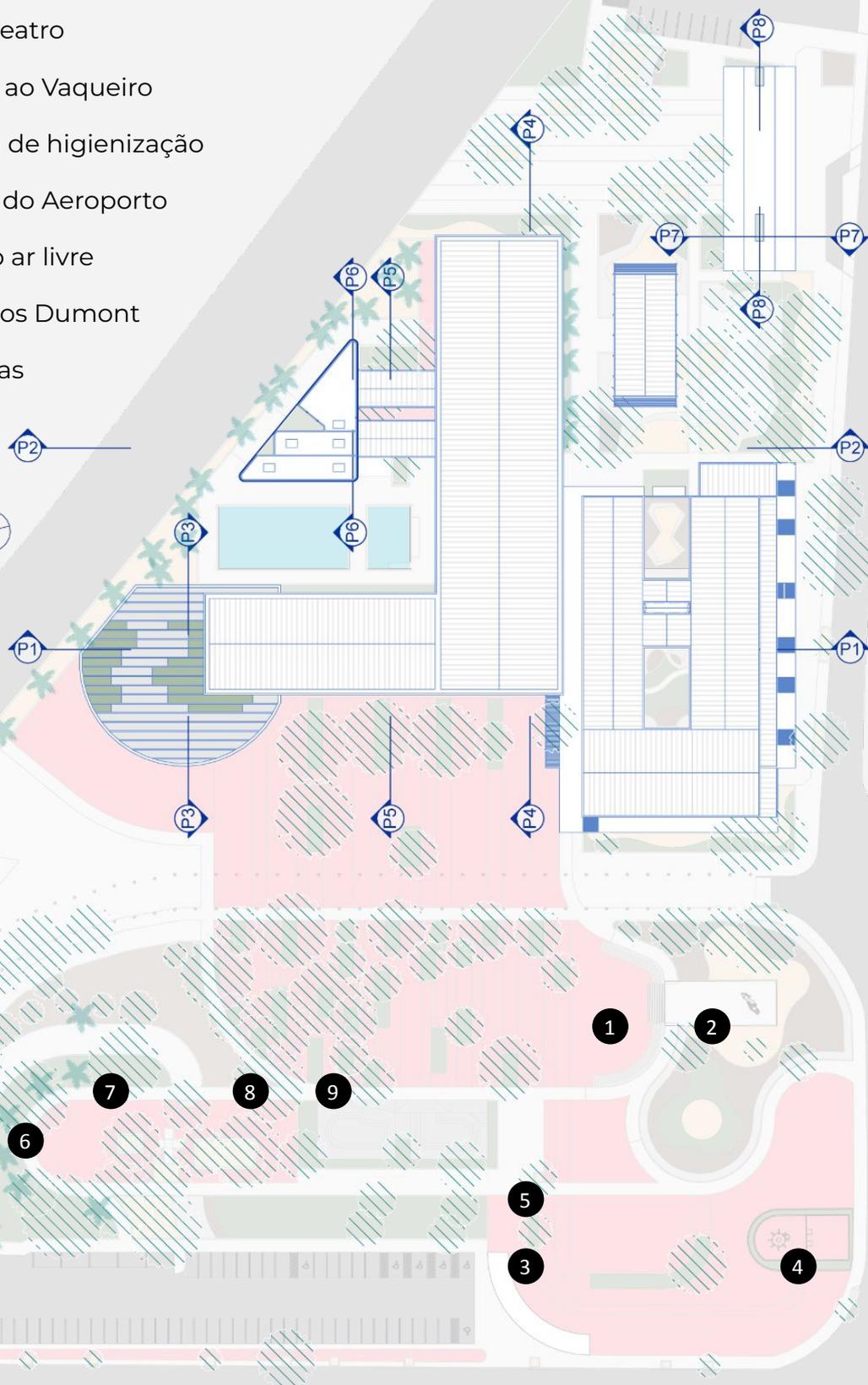
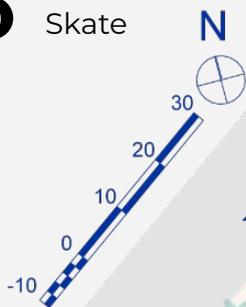
- 1 Área de Piscinas / Escavado
- 2 Bloco A
- 3 Teatro
- 4 Bloco Circulação vertical
- 5 Bloco acesso secundário
- 6 Pavilhão
- 7 Edifício principal
- 8 Terraço



DOCUMENTAÇÃO

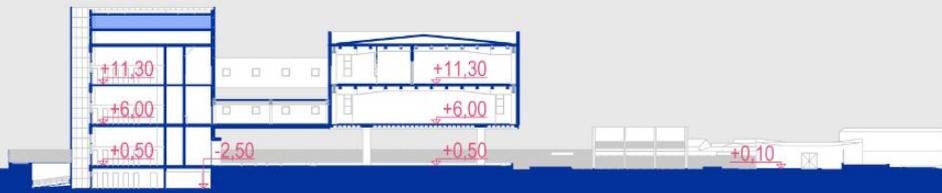
Proposição Praça

- 1 Área de anfiteatro
- 2 Monumento ao Vaqueiro
- 3 Área coberta de higienização
- 4 Área técnica do Aeroporto
- 5 Academia ao ar livre
- 6 Estátua Santos Dumont
- 7 Área de mesas
- 8 Parquinho
- 9 Skate

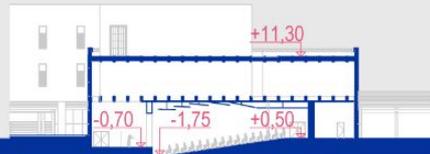




6 CORTE P1
ESCALA 1 : 1000



7 CORTE P2
ESCALA 1 : 1000



8 CORTE P3
ESCALA 1 : 1000



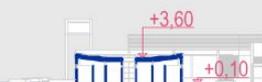
9 CORTE P4
ESCALA 1 : 1000



10 CORTE P5
ESCALA 1 : 1000



11 CORTE P6
ESCALA 1 : 1000



12 CORTE P7
ESCALA 1 : 1000



13 CORTE P8
ESCALA 1 : 1000



14 FACHADA SUL
ESCALA 1 : 1000



15 FACHADA LESTE
ESCALA 1 : 1000



16 FACHADA LESTE
ESCALA 1 : 1000



17 FACHADA LESTE
ESCALA 1 : 1000

